PQ
9261
.L22M8

Class PQ9261
Book .L22M8

MYSTERIOS SOCIAES.

8.L40
4265

COMEDIA

EM QUATRO ACTOS.

ORIGINAL

DE

A. CEZAR DE LACERDA.

PORTO,

EM CASA DE CRU[illegible] — EDITOR,

Rua dos C[illegible] 15.

MYSTERIOS SOCIAES.

COMEDIA

EM QUATRO ACTOS.

ORIGINAL

DE

A. CEZAR DE LACERDA.

PORTO,
EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR,
Rua dos Caldeireiros, n.os 14 e 15.

1858.

PQ9261
.L22M8

387270
'29

INTERLOCUTORES.

O VISCONDE DE S. SILVESTRE	54	annos.
FREDERICO DE LUCENA	25	»
O D.^{or} APARICIO ALVES	56	»
APRIGIO DAS NEVES	30	»
MANOEL FORTUNATO	48	»
JOSÉ CAROCHA	24	»
MANOEL CATITA	28	»
CHICO	23	»
PEDRO	30	»
ANTONIO	40	»
A VISCONDESSA	30	»
A BARONEZA	30	»
MARIA	17	»
VICENCIA	70	»
GERTRUDES	50	»

UM MOÇO DA TAVERNA.

UM CRIADO DO VISCONDE.

Operarios, homens, mulheres, criados, cavalheiros, e damas.

A Scena passa-se na actualidade.

ACTO PRIMEIRO.

Gabinete mobilado com gosto e riqueza : portas ao fundo e aos lados, com reposteiros.

SCENA I.

O D.^{or} APARICIO (*entrando pelo fundo e fallando para dentro*).

Bem, bem; esperal-a-hei aqui. São onze horas; S. Ex.^{a} não póde demorar-se muito no seu quarto. Diga-lhe que espero as suas ordens. (*Descendo á scena e olhando em redor de si*). Eis o que é a vida! Ainda não ha oito horas tudo aqui era alegria, ruido, danças, rizos e... jogo — o maldito jogo! — Agora, tudo é silencio, e parece até que tristeza! Quantas palavras ternas, quantos olhares de fogo, quantos epigrammas, quanta comedia, emfim, se não representou hontem n'estas salas!... Comedia!... e o que é tudo isto? O que sou eu proprio? O que é o mesmo dono da casa, o senhor Visconde de S. Silvestre, cujo titulo, a riqueza, e a aristocracia, são enigmas d'esses de que está tão rodeado o throno doirado do nosso seculo dezenove! (*Sorrindo*) Vamos lá, senhor D.^{or} Aparicio Alves! Quer mais ridiculos? (*Passeando*) E tenho, effectivamente, sido victima de bastantes! A gente d'estas eras tambem tem uma philosophia, mas... muito sua, e passada primeiro pela fieira das paixões. Riem-se quando a minha consciencia falla, e enfurecem-se quando a minha franqueza os fulmina. Chegam até a despresar-me como medico, para me não aturarem como philosopho. Tolos! (*Depois de pausa*) Mas o que hei-de eu fazer-lhe? Se não comer da sciencia; com a philosophia... morrerei de fome. Nada! nada! deixar ir o mundo como vae (*com ironia*), que vae *muito bem;* ólá se vae!

SCENA II.

O DOUTOR, E A VISCONDESSA, EM ROUPAS DE MANHÃ.

VISCONDESSA.

Bons dias, Doutor. Decididamente é o homem mais forte, que eu conheço! Depois de uma noite como a de hontem, sahir tão cêdo!...

DOUTOR (*admirado*).

Cêdo?!... (*reflectindo, e com ironia disfarçada vendo o relogio*) Ah! é verdade, minha senhora; são *apenas*... onze horas e dez minutos. Realmente, *é cêdo!*

VISCONDESSA (*rindo*).

A ironia está bem disfarçada... para quem o não conhecer, Doutor. (*Sentando-se*) Mas para mim... Olhe que ainda me lembra perfeitamente as horas que me prescreveu para me levantar.

DOUTOR.

Sim?

VISCONDESSA.

Sim: ás oito horas.

DOUTOR (*com ironia*).

Ah! mas, tres horas de mais ou de menos, não influem nada na sua saude, minha senhora.

VISCONDESSA.

Não seja mau, Doutor! Hoje deve desculpar-me. Bem sabe que, em cumprimento dos seus conselhos, sou sempre a primeira a sahir de toda a parte, para me recolher cêdo, e levantar-me ainda mais cêdo. Mas hontem a reunião era em minha casa; não podia, nem devia por consequencia...

DOUTOR (*um pouco desabrido*).

E para que dá V. Ex.ª bailes em sua casa?

VISCONDESSA.

Era inevitavel, Doutor! Bem sabe os boatos que correram a respeito do Visconde.

DOUTOR.

Boatos!... Não ouvi nada, minha senhora.

VISCONDESSA (*rindo*).

Não admira; o Doutor é sempre o ultimo a saber as cousas.

DOUTOR.

De que me glorío bastante, minha senhora: isso não prova senão que, entregue á tarefa de ser util á humanidade, não me importo com as vidas alheias.

VISCONDESSA (*rindo*).

Se todos pensassem assim, digo-lhe, Doutor, que o mundo havia de ser uma coisa *divertidissima!*

DOUTOR (*á parte, depois de um movimento de zanga*).

Cala-te, philosopho, que o medico precisa de dinheiro! (*Alto*) Faz favor, então, minha senhora, de me dizer quaes foram os taes boatos, que eu, segundo o costume, não cheguei a ouvir?

VISCONDESSA (*com malicia*).

Ah! sempre quer saber?

DOUTOR.

De certo; pois não importa isso a justificação de V. Ex.ª para comigo?

VISCONDESSA.

Justificação!?...

DOUTOR.

De certo, senhora Viscondessa. Ha tres annos que trato de V. Ex.ª das suas xaquêcas, do seu nervoso, e ás vezes... (*sorrindo*) da sua imaginação. V. Ex.ª tem seguido os meus conselhos, prova de que se dá bem com elles. Hontem desobedeceu-me, deitando-se ás tres ou quatro horas da manhã, resultado d'um baile, que, segundo a sua opinião, era *inevitavel*, isto é, preciso. V.Ex.ª hoje está pallida, abatida...

VISCONDESSA.

Feia, por consequencia; não?

DOUTOR.

Não sei, minha senhora; isso é com o senhor Visconde. Bem sabe que sou pouco lisongeiro.

VISCONDESSA (*rindo*).

Pouco lisongeiro!... Decididamente estou horrenda!

DOUTOR.

Valha-me Deos, minha senhora! Não digo isso; mas, como a pallidez é o caracteristico da doença ou dos pezares, V. Ex.ª deve convir em que um medico, ou um philosopho, não póde sympathisar com essa... formosura da moda.

VISCONDESSA.

Ah! sim; quer dizer que para o medico a verdadeira belleza é o daguerreotypo da lua; isto é, faces bem redondas, olhos brilhantes, respirando malicia...

DOUTOR (*rapidamente*).

Malicia não, minha senhora!

VISCONDESSA.

Esperteza, queria eu dizer. (*Continuando a idéa*) Uma bôca rozada, prompta a rir-se de tudo e de todos...

DOUTOR.

De todos não, minha senhora!

VISCONDESSA.

Então, d'alguem?

DOUTOR (*com ironia*).

Sim, minha senhora; d'aquelles que... (*Suspendendo-se e n'outro tom*) De ninguem, minha senhora.

VISCONDESSA.

Emfim, senhor Aparicio, vejo que está hoje de muito mau humor. Se é por me achar mais doente, agradeço-lh'o devéras; se é por causa do meu baile d'hontem...

DOUTOR.

Justamente; é por isso mesmo. O seu baile tirou-me duas cousas de bastante interesse para mim.

VISCONDESSA.

Duas?!

DOUTOR.

Duas: a saude de V. Ex.ª, e o dinheiro do seu medico.

VISCONDESSA.

Não percebo!

DOUTOR.

Tem pouco que entender, senhora Viscondessa. V. Ex.ª alterou as suas horas de repouso; alterou, portanto, a sua saude; isto é, perdeu-a por estes tres ou quatro dias mais proximos. Eu sentei-me a uma mesa, puxei por dinheiro, joguei e perdi. Eis as consequencias do seu baile, minha senhora!

VISCONDESSA (*rindo*).

Terriveis, com effeito!

DOUTOR.

V. Ex.ª ri-se, porque tem a certeza de recuperar o

que perdeu. Para isso basta o descanço de tres dias: em quanto que eu...

VISCONDESSA (*depois de vêr que elle não continúa*).

Em quanto que o Doutor...

DOUTOR.

Em quanto que eu hei de aturar uma centena de doentes, pelo menos, antes que possa recuperar o que perdi hontem!

VISCONDESSA.

Foi muito, então?

DOUTOR (*com um suspiro*).

Quarenta e cinco libras!

VISCONDESSA.

Ora! o que é isso para um philosopho?

DOUTOR.

Ah! V. Ex.ª julga então que um philosopho não sente a prosaica, mas inevitavel, necessidade de comer?

VISCONDESSA (*rindo*).

Não digo isso, não; tão poucas vezes me tem o Doutor explicado a machina humana! Mas, em conclusão; vejo-o de tão mau humor, que estou quasi a declaral-o meu credor na quantia de quarenta e cinco libras.

DOUTOR.

Ora essa, minha senhora!

VISCONDESSA.

De certo; e se, seguindo o seu exemplo, eu imaginar um verdadeiro raciocinio de Genuense, hei de achar este resultado: — Dei um baile; jogou-se; convidei-o a jogar; perdeu quarenta e cinco libras; logo, a culpada fui eu.

DOUTOR.

Não, minha senhora; fui eu em annuir ao seu convite: — é verdade que eu alguma cousa havia fazer... Não fallemos mais n'isto.

SCENA III.

OS MESMOS, E O VISCONDE.

VISCONDE.

Bons dias, senhora Viscondessa. (*Apertando a mão do Doutor*) Por cá tão cêdo, Doutor!...

DOUTOR.

E' verdade, senhor Visconde. (*Á parte*) Quando te faziam levantar, talvez, ao deitar das estrellas, não chamavas a isto cêdo, de certo.

VISCONDE.

Sabe, Doutor, que a sua presença é sempre muito agradavel, mas que ás vezes assusta-me?

DOUTOR.

Como agora, por exemplo?

VISCONDE.

Exactamente. Dar-se-ha o caso que a senhora Viscondessa esteja doente, e que por isso...

VISCONDESSA.

Não; o Doutor vaticinou-me que estarei doente; mas, por em quanto, sinto-me perfeitamente.

VISCONDE.

Ainda bem. O' Doutor, já que tanto madruga, ouvio dizer alguma cousa a respeito do meu baile d'hontem?

DOUTOR.

Não ouvi nada, porque as minhas visitas de manhã, em geral, são a doentes pouco nas circumstancias de saberem dos bailes da alta aristocracia.

VISCONDE.

Ah! então parece-lhe que o nosso baile pôde realmente merecer essa classificação?

DOUTOR.

De certo.

VISCONDE.

E os jornaes? sabe se dizem alguma cousa?

DOUTOR (*com azedume*).

Os jornaes!?

VISCONDESSA.

Mas, Visconde, não sabe que o Doutor tem uma tal antipathia aos jornaes...

DOUTOR (*rapidamente*).

Politicos!

VISCONDESSA (*continuando*).

Que até se horrorisa só com a vista d'elles?

VISCONDE (*sorrindo*).

Não sabia. De fórma que o Doutor não tem politica sua?

DOUTOR.

Ao contrario, senhor Visconde; tenho-a muito minha: é exactamente para não ter a dos outros, que deixo de lêr *os orgãos dos differentes partidos*, como bombasticamente por ahi lhe chamam. (*Sorrindo*) Nem que houvessem outros orgãos, além dos da vegetação e dos que tocam nas egrejas!

VISCONDESSA.

Ah! O Doutor é inimigo do estylo figurado? Pois os partidos não tem tambem a sua vegetação?

DOUTOR.

Infelizmente para o genero humano, é verdade, minha senhora.

VISCONDE.

Queria então que todos morressem?

DOUTOR.

Os partidos? Nada, não; queria que nunca tivessem vivido!

VISCONDE.

Mas deve convir em que um mundo sem politica, era um mundo essencialmente estupido.

DOUTOR (*com fogo*).

Ou essencialmente civilisado!

VISCONDESSA.

Não questionem, não questionem, porque tenho observado que em politica succede exactamente como com os relogios; é rara a uniformidade.

DOUTOR.

E impossivel a persuasão; diz muito bem. Não fallemos em politica, senhor Visconde.

VISCONDE (*rindo*).

De fórma que o Doutor, com essas idéas e essa negação, não serve para mais nada, além de curar a humanidade!

DOUTOR.

E acha pouco, senhor Visconde?

VISCONDE.

Acho. O homem de intelligencia, n'este nosso seculo, tem tres cousas a fazer: — a primeira, enriquecer; a segunda gosar; e a terceira...

DOUTOR (*com ironia amarga*).

Morrer?

VISCONDE.

Não; isso é o epilogo. A terceira, é... *saber gosar*.

DOUTOR.

E de que serve tudo isso se não soube deixar de morrer?

VISCONDESSA (*rindo*).

Mas creio que o Doutor não terá a pretenção de achar o elixir da immortalidade?

DOUTOR.

Não, minha senhora, porque não quero ser plagiario do sabio Althotas das *Memorias d'um Medico*.

VISCONDE (*com malicia*).

Que... *morreu;* não?

DOUTOR.

Como um pedante; sim senhor.

VISCONDESSA (*rindo*).

Que espirito de contradicção, Doutor! Ha pouco disse — o *sabio* Althotas; agora diz — pedante!

DOUTOR.

Sabio, referindo-me á sua época; pedante, referindo-me á nossa.

UM CRIADO (*entrando com uns poucos de jornaes na mão*).

Os jornaes, senhor Visconde.

VISCONDE.

Dê cá. (*O criado dá-lhe os jornaes e sáe*).

VISCONDE.

Apesar da sua repugnancia, Doutor, se tivesse a bondade de ir procurando nas *noticias diversas* alguma cousa que me diga respeito...

DOUTOR (*pegando no jornal que elle lhe offerece*).

Pois não, senhor Visconde. (*Põe a luneta e corre o jornal com os olhos*).

VISCONDESSA.

Dá-me um, Visconde.

VISCONDE.

Aqui está a *Civilisação*. (*Lê de relance outro jornal*).

VISCONDESSA (*depois de silencio, voltando-se para o Doutor*).

Que pena que tenha tanta repugnancia para isto, Doutor! (*Rindo*) Fica-lhe tão bem um jornal nas mãos!..

VISCONDE (*rindo*).

E' verdade: parece um *profundo politico!*

DOUTOR.

Ou um explorador de mentiras. (*Continúa a correr com a vista o jornal*).

VISCONDESSA (*depois de silencio*).

Ah! aqui temos alguma cousa. (*Lendo em quanto os dois escutam*) « *Soirée* notavel. Hontem em casa do se- « nhor Visconde de S. Silvestre teve lugar uma explen- « dida *soirée dançante*...

DOUTOR.

E' de mau gosto! Parece um annuncio do *Baile Nacional!*

VISCONDESSA (*continuando*).

« Onde appareceu toda a aristocracia de sangue, e de « dinheiro. Já se vê que foram infundados os boatos que « correram a respeito das grandes perdas de S. Ex.ª com « a quebra da casa Smith de Londres. Não é crivel que « se dispenda n'um baile contos de reis, tendo-se perdido « uma fortuna de meio milhão, como se disse.

DOUTOR (*para a Viscondessa*).

Ah! era d'estes boatos que V. Ex.ª me fallava ha pouco? Pois, senhora, não sabia de nada.

VISCONDE (*visivelmente satisfeito pelo que ouvio lér*).

Decididamente o Doutor não sabe nada... além de — curar!

DOUTOR (*rindo*).

Exactamente o que V. Ex.ª não sabe, apesar da sua grande fortuna. (*Continúa a vêr o jornal*).

VISCONDE (*pegando n'outro*).

Vamos vêr este, se diz alguma cousa.

DOUTOR (*á parte*).

Comedia! Elle bem sabe onde ha de procurar... o que encommendou.

VISCONDE.

Ah! cá está! (*lendo*) « Para solemnisar as suas *gran-*

« *des perdas...* (*interrompendo-se*) Já se vê, — grandes perdas — em *grifo*.

DOUTOR (*á parte*).

Talvez que elle mesmo sublinhasse o original.

VISCONDE (*lendo*).

« Para solemnisar as suas *grandes perdas*, deu o Vis-
« conde de S. Silvestre um riquissimo baile hontem 16
« do corrente. A um luxo, verdadeiramente asiatico,
« juntou S. Ex.ª o mais aprimorado gosto e elegancia.
« Se todos os que quebram dão bailes d'esta qualidade,
« desejamos que quebrem todas as casas da capital! Isto
« foi, certamente, um completo desapontamento para os
« inimigos do illustre Visconde, e uma lição aos papal-
« vos que os acreditaram. A fortuna de tão honrado ne-
« gociante não podia estar em perigo de quebras frau-
« dulentas.

DOUTOR (*á parte*).

Aquelle, de certo, foi convidado.

VISCONDE.

Que miserias!

DOUTOR.

Ah! cá temos outro! (*Lendo*) « Teem continuado os
« boatos sobre a quebra da casa Smitt de Londres, que
« dizem affectava fortemente algumas da nossa capital.
« A mais importante de todas, dizem ser a do senhor
« Visconde de S. Silvestre, que deu hontem um baile
« magnifico, como para combater esses boatos. Será
« estrategia? E' o que nos ha de mostrar o tempo. No
« entanto cautela!...

VISCONDE (*com raiva, e affectado despréso*).

Se tivesse tempo, provava evidentemente a esse jor-
nalista a falsidade dos taes boatos.

DOUTOR.

Como? Mostrando-lhe os seus livros de *deve e ha de haver?*

VISCONDE.

Nada, não; comprando-o!

DOUTOR (*á parte*).

Negociante d'escravatura; lá me quiz parecer!

VISCONDESSA (*rindo*).

Então o Visconde queria comprar um jornalista? Para que?

VISCONDE.

Para o ter á porta gritando — cautela! Era uma ostentação, como outra qualquer. Talvez que se fizesse moda.

VISCONDESSA.

Seria uma providencia: ha tantos jornalistas sem terem nada que fazer!...

SCENA IV.

OS MESMOS E APRIGIO.

APRIGIO (*ao fundo*).

V. Ex.as dão licença?

DOUTOR (*á parte*).

Fallae no mau...

VISCONDE (*cumprimentando com affabilidade*).

Senhor Neves...

APRIGIO (*para a Viscondessa*).

Segundo vejo, senhora Viscondessa, os vapores da noite, em vez de serem nocivos, embellezam as flôres d'esta casa?

VISCONDESSA (*rindo*).

E' um apologo, ou um madrigal?

APRIGIO (*apertando-lhe respeitosamente a mão, que ella lhe offerece*).

E' uma verdade!

DOUTOR (*á parte*).

Eis a paga adiantada do almoço; não tarda a do jantar.

VISCONDE (*a meia voz para Aprigio*).

Trouxe?

APRIGIO (*mostrando-lhe um papel*).

Eil-o.

VISCONDE (*tomando-o*).

Vou lêl-o. Até já, meus senhores. (*Sáe*).

SCENA V.

A VISCONDESSA, APRIGIO, E O DOUTOR.

VISCONDESSA.

Não sabe, Doutor? Apesar da sua predestinação, sinto-me hoje com um appetite devorador!

DOUTOR.

Ainda bem, minha senhora. Oxalá que sempre assim se conserve.

APRIGIO.

Porque? V. Ex.ª esteve incommodada?

VISCONDESSA (*rindo*).

Não; mas o Doutor quer que o esteja.

DOUTOR.

Muito obrigado, minha senhora! O seu espirito chega a ser ingratidão.

VISCONDESSA.

Parece-me que nos conhecemos ha bastante tempo, para que possa tomar a serio as minhas brincadeiras.

DOUTOR.

Oh! de certo, minha senhora!

APRIGIO.

Mesmo porque o senhor Doutor, é conhecido como um dos homens de mais espirito da nossa sociedade.

DOUTOR.

Oh! senhor... Não é franco. Sei que sou conhecido pelo mais excentrico.

APRIGIO.

Pois a excentricidade não é muitas vezes o espirito?

VISCONDESSA (*rindo*).

E' verdade! O que não admitte questão é que, se o Doutor é o mais espirituoso, o senhor Aprigio Neves é d'uma facilidade em achar *sahidas!...*

DOUTOR (*com ironia disfarçada*).

E sempre com uma tal amabilidade!...

APRIGIO.

Quando a sympathia falla...

DOUTOR (*um pouco desabrido*).

A antipathia cala-se!

APRIGIO (*á parte*).

Este homem *embirra* comigo fortemente!

SCENA VI.

OS MESMOS, UM CRIADO, DEPOIS A BARONEZA.

CRIADO.

A senhora Baroneza...

VISCONDESSA (*levantando-se apressadamente*).

Ah! eu vou...

BARONEZA (*entrando*).

Não precisa; eu venho. (*Aperta-lhe as mãos, fazendo ao mesmo tempo uma mesura, e cumprimenta os dois. O criado sáe*).

VISCONDESSA (*fazendo-a sentar*).

Que agradavel surpreza!

BARONEZA.

Surpreza!? Pois não me esperava?!

VISCONDESSA.

Não; o que me faz acreditar que o coração não vaticina as verdadeiras felicidades.

BARONEZA (*rindo*).

Oh! é d'uma poesia!... (*Assentando a luneta para os dois*). Os senhores... Ai, o nosso querido Doutor!... Esta minha falta de vista!... (*Estendendo-lhe a mão*) Como está, Doutor?

DOUTOR (*apertando-lhe a mão*).

Minha senhora...

BARONEZA (*olhando para Aprigio, sempre com a luneta*).

E o senhor Neves... o nosso poeta ultra-romantico!... (*para a Viscondessa*) De fórma, que venho achal-a entre a sciencia e a poesia! Elementos perfeitamente *heterogeneos!*... A proposito; V. S.as hão de forçosamente odiar-se; não?

APRIGIO.

Não, minha senhora; porque a sciencia tambem tem a sua poesia.

DOUTOR.

Oh! descubrio V. S.a uma coisa, que eu, apesar dos meus cincoenta e seis annos, ainda não descubri.

APRIGIO.

O que?! Pois nega a poesia á sciencia?!

DOUTOR.

Em quanto o senhor Neves me não convencer do contrario.

BARONEZA (*rindo*).

E olhe que não é muito facil convencer o Doutor.

APRIGIO.

E' o que vamos vêr. Pergunto: não haverá poesia, quando o Doutor se chega ao leito d'um moribundo e com a sua intelligencia, estudos, e prática, lhe conhece a molestia, e gritando á morte — pára! — o restitue a uma familia lacrimosa e aterrada?! Não haverá poesiá n'isto? Nas lagrimas de reconhecimento d'uma esposa, ou d'uma filha; no abraço apertado d'um irmão, ou d'um pae?

DOUTOR.

Parece-me que não. Chego, como diz, á cabeceira d'um doente; mas, em vez d'esse arrogante — pára! — que V. S.ª quer que eu diga á morte, eu (a meia voz para não acordar o doente) digo para a familia: — mandem quanto antes buscar um vomitório, um laxante, ou uma duzia de bichas, &c. Ora haverá nada mais prosaico que tudo isto?

A VISCONDESSA E A BARONEZA (*rindo*).

Creio que não! Ah!... ah!... ah!...

APRIGIO.

Mas perdão! Eu não acho a poesia nas causas, acho-a nos effeitos. Não a acho nas bichas; nem nos vomitorios; acho-a no resultado da applicação d'esses elementos; porque, em conclusão; Deos e o medico são só quem tem poder sobre a morte. As causas ou os meios são differentes, o resultado é o mesmo!

BARONEZA.

Ai, senhor Neves! Se houvesse inquisição!...

APRIGIO.

Morriamos todos queimados, minha senhora!

VISCONDESSA.

Eu tambem, senhor Neves?

APRIGIO (*rindo*).

Todos quatro!

VISCONDESSA.

Mas quaes são os nossos crimes?!...

APRIGIO.

Eu lhe digo, minha senhora: começando por V. Ex.ª — Dá bailes como o de hontem, que fazem esquecer patria, religião, e... tudo emfim! Chegamos a esquecer-nos d'este mundo e a imaginarmo-nos n'esses campos elysios, de que, sem duvida, a inquisição não gostava muito!

DOUTOR.

E' uma hyperbole de que deve ficar muito satisfeito o mordomo de S. Ex.ª

APRIGIO (*rindo*).

Ah! O Doutor quer contrariar-me?! Pois bem; vou declarar os seus crimes dignos da inquisição!

BARONEZA.

Vamos vêr: devem ser horriveis!

APRIGIO.

Cifram-se em poucas palavras: o senhor Doutor não cura só: faz milagres!

DOUTOR (*á parte*).

Se os fizesse, transformava-te em papagaio, meu *comediante do mundo!*

BARONEZA.

E eu?... quaes são os meus crimes?

APRIGIO.

E' um só, senhora Baroneza; mas... atroz!

BARONEZA.

Meu Deos! está a assustar-me! Qual é?

APRIGIO.

Não cumpre um dos primeiros preceitos, que Deos nos impôz!

DOUTOR (*á parte*).

Que demonio vae este homem dizer?

BARONEZA.

Não sei qual é!

APRIGIO (*com intenção*).

Amar os seus similhantes!...

VISCONDESSA (*rindo*).

Quando os temos!...

APRIGIO.

Ah! n'esse sentido, a senhora Baroneza não tem senão um, que é V. Ex.ª

VISCONDESSA *(baixo para a Baroneza)*.

Pois não merece, ao menos, uma palavra de... de agrado?...

BARONEZA *(baixo para ella)*.

Não; é um homem essencialmente antipathico!

APRIGIO *(a meia voz, dando o braço ao Doutor e indo com elle mais para o fundo)*.

O' Doutor; se sabe que coisas são conveniencias reciprocas, peço-lhe que as deixe fallar á vontade.

DOUTOR *(á parte)*.

E' insolente como um estudante! (*A meia voz para elle e atrapalhado*) Ah!... V. S.ª... sim, quero dizer...

APRIGIO *(o mesmo)*.

Suspiro, Doutor! suspiro!... mas parece-me que não acho ecco!

VISCONDESSA *(para a Baroneza)*.

Mas creio que elle está realmente apaixonado!

BARONEZA *(rindo)*.

Bem sabe que hoje é moda apaixonarem-se por mim... já se vê, porque não prefiro ninguem.

VISCONDESSA.

Ah! mas devemos convir que essa isenção não póde durar muito tempo. Uma viuva moça, formosa, rica...

BARONEZA *(com um suspiro)*.

Rica!... Ah! minha amiga!... Estou atrozmente empenhada, depois que principiei a jogar!

VISCONDESSA.

Ha um meio simples para combater essa... fatalidade.

BARONEZA.

Não jogar?

VISCONDESSA.

De certo: não jogar.

BARONEZA.

Não posso, minha amiga; era morrer d'aborrecimento! O que eu havia de fazer cá n'este nosso mundo?

APRIGIO *(para o Doutor)*.

Mas é que V. S.ª talvez não saiba... Todos a cortejam, mas casar... A Baroneza está hoje pobre.

DOUTOR (*sorrindo*).

Hoje, na verdadeira accepção da palavra, não concordo, porque ainda hontem me ganhou quarenta e cinco libras.

APRIGIO (*rindo*).

Seriamente?

DOUTOR.

Não; ganhou-m'as a rir.

VISCONDESSA (*para a Baroneza*).

Ah! mas estou certa de que, mais dia, menos dia, um bom partido...

BARONEZA (*com outro suspiro*).

Ai, minha amiga! já não ha partidos possiveis! Estas coisas não as digo a mais ninguem: mas olhe que estou quasi descrente! Tenho notado que actualmente qualquer homem, que possa ser considerado um bom casamento, procura sempre achar circumstancias identicas.

VISCONDESSA.

Deixe-se d'isso, Baroneza; em havendo amor...

BARONEZA.

Parece-me que é fazenda de pouco consumo n'esta nossa praça.

VISCONDESSA.

Ai, Baroneza! Está quasi sceptica!

BARONEZA (*rindo*).

Nada, não; estou quasi pobre.

DOUTOR (*para Aprigio*).

Mas, então, porque não se declara formalmente?

APRIGIO.

Ha lá declarações possiveis com uma mulher, que escarnece de tudo, e de todos.

DOUTOR (*com ironia*).

Faça-lhe versos. O senhor não é poeta?

APRIGIO (*rindo*).

Versos!? (*rindo*) Ah! ah! ah!... Versos actualmente! O' Doutor, de que terra vem?!

DOUTOR.

Ora essa! No meu tempo... (*Continúa a fallar baixo*).

VISCONDESSA (*para a Baroneza*).

Mas qual era? Um secretario d'embaixada?

BARONEZA (*depois de pensar*).

Sim, parece-me que é isso... E', é exactamente esse. Agora me lembro de que, perguntando ao Visconde quem era o seu novo convidado, disse-me que era secretario de não sei que embaixada, e que chegára havia pouco.

VISCONDESSA.

Pareceu-me um perfeito cavalheiro. Dizem que é milionario...

BARONEZA.

Não sei: o que sei é que é delicadissimo e muito espirituoso.

VISCONDESSA (*rindo*).

E não a deixou toda a noite, agora me lembro. O' Baroneza! faça como Diogenes: *apague a sua lanterna*!

BARONEZA (*suspirando*).

Ah!... quem sabe!...

VISCONDESSA (*chamando*).

O' Doutor!

DOUTOR (*descendo a scena*).

Minha senhora?

VISCONDESSA.

Esquecia-me agradecer-lhe o obsequio que nos fez hontem.

DOUTOR.

Um obsequio!... O que foi, minha senhora?

VISCONDESSA.

A apresentação d'um amigo seu...

DOUTOR.

Ah! sim...

VISCONDESSA.

Pareceu-me uma optima pessoa.

DOUTOR (*com fogo*).

E' um anjo!

BARONEZA (*rindo*).

Tem azas?

DOUTOR (*desabrido*).

Não, minha senhora; tem... coração!

BARONEZA (*com ironia*).

Com effeito!... (*Continua a fallar com a Viscondessa*).

DOUTOR (*baixo para Aprigio*).

Já está desvanecida por conversar com elle toda a noite!

APRIGIO.

E' uma namoradeira, no fim de contas! O' Doutor, atire-lhe um epygramma!

DOUTOR.

Só se eu não podér!

VISCONDESSA.

Mas, se não é segredo, Doutor, diga-nos porque motivo o classificou d'uma fórma tão...

BARONEZA.

Tão beatifica.

DOUTOR (*animando-se pouco á pouco*).

Eu lhes digo, minhas senhoras; não sou o competente para descobrir os segredos do meu amigo, nem mesmo era possivel que, nas altas posições de V. Ex.as, comprehendesse as suas acções. E' na miseria, na *agua-furtada* do operario, na taverna mesquinha, no lupanar da prostituição, na espelunca de jogo, emfim, no lodaçal da infamia, que o meu amigo deixa os vestigios dos seus passos, e o effeito das suas magicas palavras!

BARONEZA (*rindo*).

Ah!... ah!... ah!... Querem vêr que o Doutor apresentou-nos o original do *Principe Rodolpho* dos *Mysterios de Paris!*

DOUTOR.

Exactamente, minha senhora. Com a differença que, aquelle sympathisava com a virtude, e este chega até ás vezes a gostar da... da leviandade!

APRIGIO (*á parte*).

Apanha!

BARONEZA (*levantando-se encolerisada*).

Senhor Doutor!...

DOUTOR (*muito socegado*).

Senhora Baroneza!

VISCONDESSA (*levantando-se e atalhando o incidente*).

Como se chama o seu amigo, Doutor?

UM CRIADO (*annunciando*).

O senhor Frederico de Lucena.

BARONEZA (*sentando-se com certa alegria*).

Ah!...

DOUTOR.

Chama-se Frederico de Lucena.

VISCONDESSA (*fazendo gesto ao criado, mandando-o entrar. — Á parte*).

O arco-iris no meio da tempestade!

SCENA VII.

OS MESMOS, E FREDERICO DE LUCENA.

FREDERICO (*cumprimentando primeiro todos do meio da scena, chega-se á Viscondessa, que lhe estende a mão, e aperta-lh'a, inclinando-se profundamente*).

Senhora Viscondessa, as agradaveis impressões do seu baile, juntas ao immenso cuidado que me causou a sua indisposição, obrigam-me a ser talvez importuno: mas estou certo que V. Ex.ª me desculpará, visto que os dois fins com que hoje tenho a honra de a procurar são — o primeiro saber do seu restabelecimento, e o segundo agradecer a graciosa recepção que se dignou hontem conceder-me.

VISCONDESSA (*sorrindo*).

A recepção foi devida ao nosso bom amigo o senhor Doutor Aparicio; é a elle que deve agradecer; porque, ás coisas que diz de V. Ex.ª, a honra e a felicidade foi toda nossa.

FREDERICO (*curvando-se e apertando ao mesmo tempo a mão do Doutor*).

Oh! minha senhora!...

VISCONDESSA.

Em quanto á minha ligeira indisposição de hontem, já lá vae; mas, se devo tambem a isso a sua delicadeza, desejava têl-a mais vezes. (*Convida-o por um gesto a sentar-se*).

DOUTOR (*carrancudo*).

Então a senhora Viscondessa esteve indisposta, e não me disse nada?!

VISCONDESSA (*rindo*).

Ai, agora vae o Doutor ralhar comigo! E' verdade; mas não foi coisa de cuidado: talvez o calor, a fadiga... (*para os mais*) Se este Doutor é tão mau que me não deixa

divertir! Exige que me deite cêdo; de fórma que, quando succede alguma noite faltar a esta prescripção...

DOUTOR.

Creio que todos me farão a justiça de acreditar que é para seu bem, senhora Viscondessa.

VISCONDESSA (*estendendo-lhe a mão*).

Todos, Doutor. E peço-lhe desculpa de hontem lhe não dizer nada, mas pareceu-me logo que não seria coisa de cuidado.

DOUTOR.

Isso é que era da minha competencia sabêl-o.

VISCONDESSA (*com malicia*).

E depois, o Doutor estava *tão entretido*, que tive dó de o perturbar!

DOUTOR.

Pois era uma caridade, senhora Viscondessa! (*A parte, lançando um olhar fulminante sobre a Baroneza*) Minhas ricas quarenta e cinco libras!...

BARONEZA (*a Frederico, para quem tem estado sempre a olhar com a luneta*).

Segundo vejo, senhor Frederico de Lucena, as impressões do baile, e a saude da minha amiga, tiraram-lhe tambem a memoria?

FREDERICO (*admirado*).

Porque, minha senhora?!... (*Reconhecendo-a e levantando-se para a cumprimentar*) Ah! perdão, minha senhora!

A BARONEZA (*com muita amabilidade*).

Já me não conhecia?

FREDERICO.

E' que ha certas formosuras que brilham mais...

A BARONEZA.

De noite?

FREDERICO (*sorrindo*).

Oh! não, minha senhora; de dia.

DOUTOR (*sorrindo com malicia, e baixo para Aprigio*).

O' senhor Neves, d'aquella teve o senhor pena de não ser auctor, *eim*?

APRIGIO.

Não; não sou monopolista.

DOUTOR *(á parte)*.

Nada, não; só da vaidade.

BARONEZA *(para Frederico)*.

Segue ha muito tempo a carreira diplomatica, senhor Lucena?

FREDERICO.

Se tal póde dizer-se a respeito d'um secretario d'embaixada, ha tres annos, minha senhora. Porém actualmente estou desligado.

VISCONDESSA.

E durante esses tres annos é que V. Ex.ª viajou... muito, segundo o Doutor me disse?

FREDERICO.

Não, minha senhora: viajo desde a idade de 20 annos.

BARONEZA.

Tem visto, então, todas as capitaes da Europa?

FREDERICO.

Tenho visto as de quasi todo o mundo.

BARONEZA.

Esteve tambem na capital da China?

FREDERICO.

Demorei-me lá apenas tres mezes.

VISCONDESSA.

Devia, então, gosar o verdadeiro chá de Pekin. Oh! quem me déra lá!

DOUTOR *(que a ouvio)*.

Mas não havia eu de ser o seu medico, senhora Viscondessa.

BARONEZA *(para Frederico)*.

Se bem me lembro, disseram-me que não é portuguez?

FREDERICO.

Quasi que o sou. Meu pae era d'este paiz; creio que é por isso que lhe tenho tanta affeição.

DOUTOR.

E é verdade: o senhor Lucena tem-me dito muitas vezes que se continuar a dar-se bem n'este nosso torrão, está até disposto a naturalisar-se.

APRIGIO.

E' de que paiz é, senhor Lucena? Falla o portuguez com uma correcção!...

FREDERICO.

Isso ainda póde ser explicado pela sympathia: mas o verdadeiro motivo, creio que será por ter nascido no Novo Mexico. Em muitos pontos, que percorri, falla-se o hespanhol, e o portuguez.

APRIGIO.

E' a minha unica ambição n'este mundo! As viagens!... Deve ser uma vida essencialmente poetica!

FREDERICO *(sorrindo)*.

Nem sempre.

BARONEZA.

E' que o senhor Neves vê poesia em tudo! Então porque não viaja, senhor Neves?

APRIGIO.

A minha carreira não m'o permitte, senhora Baroneza.

DOUTOR *(baixo para Frederico)*.

Para não dizer a algibeira.

FREDERICO *(o mesmo)*.

Quem é este homem?

DOUTOR.

Depois lh'o direi.

SCENA VIII.

OS MESMOS E UM CRIADO.

CRIADO *(para a Viscondessa)*.

V. Ex.ª quer almoçar?

VISCONDESSA.

Previna o senhor Visconde.

CRIADO.

S. Ex.ª está lendo um manuscripto, e disse-me que não almoçava por em quanto.

VISCONDESSA.

Bem. (*Para os mais*) Espero que me concedam licença para mandar pôr cinco talheres.

BARONEZA (*rindo*).

Se é um convite, aceito.

APRIGIO.

E eu tambem, com a melhor vontade!

DOUTOR (*á parte*).

Podéra não!

VISCONDESSA (*para Frederico*).

V. Ex.ª...

FREDERICO.

Se me dispensasse, senhora Viscondessa... Desejava antes que V. Ex.ª mandasse prevenir o senhor Visconde da minha visita; alguns negocios d'interesse...

VISCONDESSA.

Pois não. (*Para o criado*) Diga a S. Ex.ª que o senhor Frederico de Lucena deseja fallar-lhe. (*O criado sáe*).

APRIGIO (*á parte*).

Que diabo quererá elle ao Visconde?... Não gósto nada de conhecimentos novos! (*Fica visivelmente preoccupado*).

VISCONDESSA.

Vem, Doutor?

DOUTOR.

Já almocei, senhora Viscondessa. Se dá licença, fico acompanhando o meu amigo.

VISCONDESSA.

E' justissimo. (*Cumprimentando Frederico*) Senhor Lucena...

FREDERICO (*correspondendo*).

Minhas senhoras...

VISCONDESSA.

Vamos. (*Vendo que Aprigio não se mexe e que está pasmado para Frederico*) Então, senhor Neves?!

BARONEZA.

Está forjando alguma ode, ou algum folhetim?

APRIGIO (*rindo distrahido*).

Ora essa!... (*Á parte*) Que diabo lhe quererá elle?

BARONEZA (*desabridamente*).

Vamos! dê-me o braço!

APRIGIO (*atrapalhado*).

Perdão... perdão!... é que... (*rindo*) Estava na lua; vou descer para as estrellas! (*dando-lhe o braço, sempre a olhar para Frederico — á parte*) O que será!? Não sei o que me adivinha o coração! (*Saem todos cumprimentando-se reciprocamente*).

SCENA IX.

FREDERICO E O DOUTOR.

FREDERICO (*depois de verificar se estão sós*).

Finalmente estamos sós. Hontem procurei fallar-lhe, mas como o vi a ganhar, não achei a occasião propria...

DOUTOR.

Infelizmente todos tinham que me dizer, e ninguem me interrompeu! Era fado o ficar sem ellas!

FREDERICO.

Sem ellas?!... O que?

DOUTOR.

Quarenta e cinco libras! Não vio?

FREDERICO.

Ah! sim. Foi a Baroneza quem lh'as ganhou.

DOUTOR.

Parecia que o senhor lhe dava a felicidade! Não a deixou um instante!...

FREDERICO.

Como estavam na mesma mesa... Esperava que o Doutor se levantasse para lhe fallar.

DOUTOR.

A respeito de... Tem algumas suspeitas?

FREDERICO.

Tenho. (*Tirando um retrato pequeno e mostrando-lh'o*) Veja.

DOUTOR (*pondo a luneta*).

O que é isso?

FREDERICO.

O retrato de que lhe fallei.

DOUTOR.

Ah! (*Depois de o observar muito*) Isto é d'um homem de 30 annos.

FREDERICO.

Pois é isso.

DOUTOR.

Ah! sim... (*Olhando para o tecto e calculando*) Cincoenta e seis menos trinta, proximamente... ficam vinte seis: é isso, ha vinte e tantos annos que elle appareceu. O' diabo! Se é elle!... (*Tornando a vêr o retrato*). Ora... qual historia! Não se parece nada!

FREDERICO (*tristemente*).

Mais uma esperança perdida! (*Guardando o retrato*) No entanto... se acreditasse nos pressentimentos...

DOUTOR.

O que? Tem algum?

FREDERICO.

E bem forte!

DOUTOR (*sorrindo*).

Ora adeus! A vontade tambem parece ás vezes pressentimento. Quantos terá o senhor tido desde que anda n'essa especie de exploração!

FREDERICO.

Muitos, mas nenhum tão forte como o de hoje! Emfim, não fallemos n'isto: vamos á *exploração*, como lhe chamou. Quem é elle? Sabe-lhe da vida?

DOUTOR.

Pouco. Sei que a firma do Visconde começou a apparecer ha, proximamente, 25 annos. Apresentou-se logo com uma fortuna immensa, e...

FREDERICO.

E d'onde lhe veio?

DOUTOR.

Não se sabe.

FREDERICO.

Bem; indicios d'esses tenho-os achado por toda a parte. E' um dos mysterios mais caracteristicos das sociedades, que se dizem civilisadas. Como chegou elle a Visconde?

DOUTOR (*sorrindo*).

Essa agora é d'uma ingenuidade!... Pois digo-lhe que se apresentou com uma fortuna immensa, e pergunta-me como chegou elle a Visconde!... Ha-de vêl-o ministro; sei que anda trabalhando para isso.

FREDERICO.

E o titulo foi-lhe concedido...

DOUTOR.

Como a muitos outros. Na ultima revolução fez grandes emprestimos ao governo; mas, quando vio o caso mal parado, retirou os seus emprestimos como pôde, e passou-os...

FREDERICO.

Ao partido contrario?

DOUTOR.

Justamente. O governo cahio, e o que veio declarou benemerito o senhor Castro Veiga, dando-lhe, com esta declaração, o titulo de... Ai! nem eu me lembro já do titulo que lhe deram.

FREDERICO.

Visto isso, é um *tratante!*

DOUTOR.

Sim, senhor, na minha consciencia: mas o mundo chama-lhe — *um homem que sabe levar a agua ao seu moinho.*

FREDERICO.

E depois?

DOUTOR.

Depois... o resultado do costume. Foi deputado, conselheiro, commendador, e par do reino. Apanhou um novo ministerio, e...

FREDERICO.

E servio-o?

DOUTOR.

Nada, governou-o, porque ninguem lhe dava mais de oito dias d'existencia. Mas enganaram-se, e o nosso homem vio-se atrapalhado!

FREDERICO.

E a final...

DOUTOR.

A final, como o ministerio ia durando, o senhor Visconde jantava quasi todos os dias em casa d'um dos ministros, e á noite tomava chá com alguma das notabilidades, que o devia substituir, no caso de quéda. O resultado foi que, para o chamarem mais a si, e fazerem-no virar definitivamente para um lado, atiraram-lhe com o titulo de Visconde de S. Silvestre. Aqui está a historia do titulo.

FREDERICO.

Segundo vejo, é um *catavento.*

DOUTOR.

Nada; é um... *politico!*

FREDERICO (*sorrindo*).

Admira-me como o Doutôr, com os seus austeros principios e a sua independencia philosophica, está ligado a semelhante homem!

DOUTOR.

Eu?! ligado a elle!? Que o leve o diabo! Não é por elle que venho aqui!

FREDERICO.

Então por quem?

DOUTOR.

Por ella; pela Viscondessa, que é realmente uma excellente senhora, digna de todo o respeito e attenções.

FREDERICO.

Quando casaram, sabe?

DOUTOR.

Não sei; já os conheci casados.

FREDERICO.

Mas então, não sabe onde foi ganha a tal immensa fortuna?

DOUTOR.

Não; suspeita-se que foi fóra do paiz.

FREDERICO (*esperançoso*).

Ah!

DOUTOR.

Não se alegre, não se alegre, porque não é indicio. Esta especie d'arlequins vão sempre procurar longe do paiz o elemento principal das suas arlequinadas: o ouro!

FREDERICO (*tristemente*).

E' verdade; é vulgar. (*Depois de pausa*) E parentes? terá?

DOUTOR.

Suspeito que tem.

FREDERICO (*alegre*).

Poderemos encontral-os?

DOUTOR.

Talvez.

FREDERICO.

Aonde?

DOUTOR (*sorrindo*).

N'alguma taverna.

FREDERICO (*admirado*).

Ora essa!

DOUTOR.

De que se espanta? Seria a primeira vez que lá entrava?

FREDERICO *(sorrindo)*.

Será talvez a millesima! (*Depois de pausa*) Pois, meu Doutor, concordo em que a força da vontade chega ás vezes a parecer-nos presentimentos; porém o que sei é, que nunca senti o que sinto actualmente. Se ainda me enganar, juro-lhe que me deixo por uma vez de mais investigações, e entrego-me totalmente á *grande obra!*

DOUTOR.

Obra meritoria, na verdade; mas cuja realisação...

FREDERICO (*com fogo*).

Oh! ha-de vêl-a, Doutor! Sabe que tenho coração, intelligencia e dinheiro! Que mais é preciso?

DOUTOR (*sorrindo*).

Muita paciencia, meu amigo; e é exactamente o que se não tem aos vinte e cinco annos.

FREDERICO *(sorrindo)*.

E se eu lhe disser que nunca me impacientei, Doutor?

DOUTOR.

Digo-lhe que... duvido.

FREDERICO.

Não tem razão. Quando aos vinte e cinco annos se possue uma fortuna como a que tenho, ou foi adquirida por meios illicitos, ou foi necessaria muita perseverança, muita vontade, e muita paciencia! Os meios illicitos... creio que me fará a justiça d'acreditar, que me não servi d'elles.

DOUTOR.

Creio, não por m'o dizer, mas pelo uso que lhe vejo fazer do seu dinheiro. Quando o oiro é adquirido por meio d'infamias, não costuma chegar ás mãos do pobre! O senhor é, foi, e ha-de ser sempre um homem honrado.

FREDERICO (*sorrindo*).

Como todos os que professarem estes meus principios. Deus deu-me a felicidade; se eu a monopolisasse, tornava-me indigno d'ella.

DOUTOR.

Mas nem por isso o mundo deixaria de o engrandecer... pelo seu dinheiro, já se vê.

FREDERICO (*com orgulho*).

O mundo! e que me importa a mim com o mundo?! Não reconheço senão duas superioridades como homem: Deus e a minha consciencia!

DOUTOR (*sorrindo depois de silencio, e encarando-o bem*).

O senhor sempre é muito original! Mal pensava eu quando o vi no Mexico pela primeira vez.

FREDERICO (*sorrindo*).

Que o escravo se havia de tornar tão senhor; não?

DOUTOR (*como se fallasse, e commovido*).

E ainda hão-de dizer que as boas acções não tem a paga! Que maior paga queria eu?!

FREDERICO (*apertando-lhe a mão commovido*).

Para o verdadeiro philosopho não ha outra melhor!

DOUTOR (*depois de pausa causada pela emoção*).

Ora vamos! estamos quasi a sensibilisar-nos, que nem duas mulheres! (*Rindo*) Ah!... ah!... ah!... tinha que vêr!

FREDERICO.

Sensibilidades d'estas não tem ridiculo.

DOUTOR.

Vá lá dizer isso ao mundo! (*Outro tom*) Mas, vamos a saber, ainda me não disse o que tenciona fazer, se o Visconde fôr effectivamente quem procura.

FREDERICO.

O que tenciono fazer? é simples: atiro-lhe sobre a secretária os recibos das suas dividas.

DOUTOR (*espantado*).

Pois o senhor pagou tudo!?

FREDERICO.

Já se vê.

DOUTOR (*á parte*).

Que alma! que coração!

FREDERICO.

Atiro-lhe com os documentos sobre a secretária e digo-lhe: Senhor Visconde, o filho da escrava foi tambem vendido. Houve um homem que o comprou, e que,

apontando-lhe para a estrada da honra, lhe disse — Corre! és livre! Junta o oiro e compra tua mãe, que eu não tenho mais dinheiro! — O escravosinho correu pela estrada, que lhe indicou aquelle sancto homem!... (*Sensibilisando-se pouco a pouco*) Ganhou dinheiro, muito dinheiro! Comprou sua mãe, que moribunda lhe deu o ultimo osculo, com a sua ultima benção! (*Com exaltação*) Oh! mas morreu livre!! Depois de comprar a liberdade de sua mãe, o escravo comprou a honra de seu pae! Hoje levanta a fronte sem mancha, e pede ao senhor Visconde de S. Silvestre, que lhe lance a benção paternal!

DOUTOR.

E depois?

FREDERICO (*sorrindo tristemente*).

Depois... volto para a minha patria, e digo a todos que fallei... com *meu Pae!*

DOUTOR (*á parte, limpando os olhos*).

Este homem é um sancto!

SCENA X.

OS MESMOS E O VISCONDE.

VISCONDE (*entrando ainda com o papel que Aprigio lhe deu*).

Estou ás suas ordens, senhor Lucena. (*Aperta-lhe a mão e convida-o por um gesto a sentar-se*).

FREDERICO.

Receio, senhor Visconde, perturbal-o dos seus trabalhos...

VISCONDE.

Não, senhor; ainda quando assim fosse, dava-me sempre muito prazer. (*Vae ao fundo e toca uma campainha*) Eu já lhe dou attenção, senhor Lucena.

DOUTOR (*baixo para Frederico*).

O quê vae o senhor dizer-lhe?

FREDERICO.

Vou fallar-lhe... de negocios, estudal-o o mais profundamente que podér, e...

DOUTOR.

Cautela! Olhe que elle é muito desconfiado.

*

FREDERICO.

E' bom saber isso.

DOUTOR.

Eu vou ter com ellas. Em sahindo, previna-me para saber o resultado. (*Cumprimenta o Visconde e sáe*).

VISCONDE (*para um criado que appa rece ao fundo*).

Diga ao senhor Neves, que faça favor de não sahir sem me fallar. (*Guardando o papel e descendo a scena*) Estou ao seu dispôr.

SCENA XI.

O VISCONDE E FREDERICO.

FREDERICO.

É desde hontem apenas que tenho a honra de conhecer a V. Ex.ª; mas as informações que a seu respeito me tem dado o senhor Doutor Aparicio, animam-me a procurar em V. Ex.ª um apoio para effectuar o grande projecto, que ha bastantes annos me occupa sériamente. Creio que V. Ex.ª, não obstante a sua elevada posição, continúa a negociar.

VISCONDE.

Continúo, e continuarei, porque na verdade não tenho sido dos mais infelizes: e se o meu fraco prestimo podér auxiliar o seu projecto...

FREDERICO.

Póde, e muito, senhor Visconde.

VISCONDE.

Então terá a bondade de me dizer...

FREDERICO.

Eu me explico. Não sei se V. Ex.ª entenderá, como eu, que os meios d'adquirir fortuna, empregados de fórma tal, que façam ao mesmo tempo a felicidade de mais alguem, são inquestionavelmente os melhores, por isso que as sympathias concorrem muito para o credito d'um negociante.

VISCONDE.

Eu é que não posso perceber...

FREDERICO.

Quero dizer, que para qualquer homem estabelecer um credito e começar uma carreira brilhante no nego-

cio, eu prefiro e preferirei sempre as especulações fabris, porque empregando algumas centenas de homens, tenho a certeza d'algumas centenas d'amigos. Em todos os paizes civilisados tenho visto fabricas de differentes artefactos, montadas de fórma tal, que, donos e operarios formam todos uma familia, que de commum accôrdo trabalham para o seu engrandecimento.

VISCONDE.

Sim, sei que ha d'esses estabelecimentos, e que teem progredido muito, especialmente em França.

FREDERICO.

Pois, senhor Visconde, eu imaginei organisar um ou mais estabelecimentos dos taes, e é sobre isto que desejo fallar a V. Ex.ª

VISCONDE.

Mas imaginou organisal-os em Portugal?

FREDERICO.

Não, senhor: preferi a minha patria... não por um amor, que n'este caso, seria egoismo, mas sim pelas commodidades que offerece o meu paiz. Porque V. Ex.ª deve saber que em Portugal a unica provincia que poderia servir aos meus projectos, era o Alemtejo; porém...

VISCONDE.

E porque não havia de ser outra qualquer?

FREDERICO.

Perdão; é que ainda não disse a V. Ex.ª que o meu fim não é só estabelecer fabricas; é tambem colonisar.

VISCONDE.

Ah!

FREDERICO.

Quero ganhar dinheiro, fazendo bem a muita gente.

VISCONDE (*sorrindo com certa ironia*).

Ah! é então um fim philantropico?... Isso hoje é raro!

FREDERICO (*á parte*).

Ri-se da philantropia... O coração não é bom! (*Alto e sorrindo*) Hoje em tudo se especula, senhor Visconde. Até me consta que n'este paiz ha quem negoceie a honra, a felicidade e o sangue de seus irmãos.

VISCONDE (*bocejando*).

Quer fallar da *escravatura branca?*

FREDERICO.

Exactamente. Pois se a maior parte dos homens vêem com indifferença uma semelhante especulação, porque não hei-de eu especular com a philantropia? Tenho recrutado, e continúo a recrutar, em todos os paizes e em todas as classes, homens que, ou pelos seus vicios, ou pelas suas más sinas, se tornaram inuteis na sociedade.

VISCONDE.

E para que são esses homens?!

FREDERICO.

Para a minha colonisação fabril.

VISCONDE (*sorrindo*).

E' original semelhante escolha!

FREDERICO (*sorrindo*).

E' original, de certo; mas estou convencido de que é boa.

VISCONDE.

Não posso perceber como é que homens pervertidos pelo vicio, possam ser uteis á execução do seu projecto.

FREDERICO.

São os melhores, senhor Visconde; tenho feito milhares d'observações a este respeito. O operario, que larga a fabrica e vae procurar na taverna a distracção do vicio, é um homem perdido. Os primeiros tempos passa-os n'uma felicidade ephemera, que lhe não faz pensar no futuro. Mais tarde, porém, apparece o desengano, e quando a fome e a nudez lhe vem entorpecer os membros, ou morre entregue á desesperação, ou perde-se de todo, roubando o que podia ganhar honradamente. E' n'esta transição terrivel, n'este ultimo adeus (deixe-me assim dizer) da virtude, que eu corro para o infeliz, e dando-lhe a mão, digo: — Queres trabalhar? Queres viver honradamente? Vem! — N'esta situação, senhor Visconde, não ha exemplo que um só rejeitasse o convite, e raros são os que voltam para a estrada do vicio. E a explicação é facil: já por lá andaram; já sentiram os espinhos que ella tem no fim.

VISCONDE (*sorrindo com incredulidade*).

A theoria é linda!...

FREDERICO.

E a prática infallivel, senhor Visconde.

VISCONDE.

Mas porque motivo não havemos procurar antes homens honrados, operarios laboriosos?...

FREDERICO.

V. Ex.ª esqueceu-se certamente de que este projecto deve ser effectuado na minha patria, muito longe d'aqui. O operario laborioso e honrado não deixa a sua terra, porque vive, se não bem, ao menos soffrivelmente. Além d'isso, o que é bom póde vir a ser mau; em quanto que o que foi mau (já demonstrei a V. Ex.ª) não é provavel que o torne a ser.

VISCONDE.

Bem; estou quasi convencido. Mas, a final, onde tenciona fazer as suas colonisações?

FREDERICO.

N'uma terra essencialmente productiva, e saudavel. (*Cravando os olhos n'elle e accentuando*) Nos vastos sertões... do *Novo Mexico*.

VISCONDE (*com indifferença*).

Ah! sim; tenho ouvido dizer que é um excellente clima.

FREDERICO.

E' um paraizo! (*Á parte*) Nem um pequeno estremecimento!... Enganar-me-ha o coração?! (*Alto*) V. Ex.ª conhece o paiz?

VISCONDE.

Pelas cartas geographicas. E' então ahi que V. Ex.ª pretende...

FREDERICO.

Sim, senhor. Ha lá uma classe que serve nos trabalhos agricolas, e mesmo mecanicos; mas a falta d'instrucção, e sobre tudo a falta de certo pundonor...

VISCONDE.

Que classe é?

FREDERICO (*tornando a cravar os olhos n'elle*).

A dos... *escravos*.

VISCONDE *(com indifferença)*.

Ah! sim; uma especie d'animaes sem intelligencia, sem...

FREDERICO.

Mas com alma, senhor Visconde! Embrutecida pelo

azorrague dos feitores, e por isso inapta para os trabalhos d'intelligencia. Esta classe está quasi antithese por falta da civilisação, queria eu vêl-a acabada por uma vez, e substituida pela dos verdadeiros operarios.

VISCONDE.

Bem: e de que genero são essas fabricas coloniaes de que fallou?

FREDERICO.

São de differentes qualidades. Se V. Ex.ª me dá licença... (*tirando um masso de papeis*) deixo aqui ficar as bases em que fundamentei o meu projecto, e... como V. Ex.ª nunca esteve no meu paiz... (*Encarando-o muito*) Porque, se bem me lembro, disse-me que não conhecia o Novo Mexico?

VISCONDE (*friamente*).

Não, senhor.

FREDERICO.

N'esse caso, aqui deixo tambem um pequeno esboço topographico do terreno... V. Ex.ª conhece as plantas topographicas?

VISCONDE.

Alguma coisa.

FREDERICO.

Esta parece-me que está clarissima: no entanto, se houver alguma duvida, eu mesmo darei esclarecimentos a V. Ex.ª, e estou certo... (*Accentuando*) *que nos havemos d'entender.* (*Cumprimentando-o*) Senhor Visconde...

VISCONDE *(o mesmo).*

Senhor Lucena.

FREDERICO (*sahindo e á parte*).

Não sei se acredite na frieza d'este homem, ou no sentimento que me inspira.

SCENA XII.

VISCONDE (*só e pensando*).

Estou certo que nos havemos d'entender... disse elle, e accentuou por tal fórma estas palavras!... Aquelle olhar escrutinador quando me fallou no Novo Mexico... (*Passeando agitado*) Dar-se-ha o caso que saiba... Seria uma dos diabos!... (*Tocando a campainha*) Prevenindo-

nos sempre! (*Para um criado que apparece*) O senhor Neves que venha immediatamente aqui. (*O criado sáe*) Mas como se poderia saber!... Ora adeus! E' até uma tolice recear semelhante coisa! Desconfianças, talvez... No entanto... é preciso muita cautela! Debaixo dos pés se levantam os trabalhos! (*Depois de pausa*) Mas que puerilidade! Quem sou eu? O opulento e honrado Visconde de S. Silvestre, futuro ministro d'estado, e braço direito do governo! Que posso eu recear? Justinianno da Silva... morreu!

SCENA XIII.

APRIGIO E O VISCONDE.

APRIGIO (*entrando*).

Prompto, senhor Visconde. Leu?

VISCONDE.

Li.

APRIGIO.

Está bom?

VISCONDE.

Não.

APRIGIO.

Não?!

VISCONDE.

Não, totalmente; está claro de mais. (*Tirando o papel que antes guardou*).

APRIGIO.

Não percebo o que quer dizer!

VISCONDE.

Não admira; o senhor muitas vezes, á força de me querer servir, torna-se... *d'uma ingenuidade!...*

APRIGIO (*á parte*).

Quer dizer — toleima! Ha-de-te custar mais uma libra, pelo menos, deixa estar!

VISCONDE.

No outro dia, quando tratei na camara da questão dos cereaes, não advoguei tanto a *importação livre*, como o senhor aqui diz. E' preciso que comprehenda por uma vez que o meu fim é só a popularidade, e não adquirir sympathias d'estrangeiros.

APRIGIO.

E eu entendi que adquirir ambas as coisas...

VISCONDE (*desabrido*).

O senhor é parvo?! Já vio isso alguma vez?!

APRIGIO *(á parte)*.

Parvo!... Mais outra libra!

VISCONDE.

Emfim, tinha-lhe encommendado unicamente que, baseado no que eu disse, advogasse a causa popular e fulminasse os monopolistas, sempre em conformidade com as idéas que expendi nas camaras. O senhor pouco fez n'este sentido, e acaba... (*Desdobrando o papel*) Realmente é uma desgraça, senhor Neves! Acaba... (*Lendo*) « Em conclusão, se o senhor Visconde de S. Silvestre « occupar um dia o *lugar* de que, pela sua elevada in- « telligencia e amor patriotico, se torna tão digno, o paiz « florecerá, e deixarão de apparecer estas miseraveis « questões, que tão nocivas se tornam á nossa sociedade. « D'aqui até lá não esperamos senão desconsideração, « fome e crimes! » (*Parando de lêr e olhando para elle com ironia*) Falta só assignar eu este artigo; não acha?

APRIGIO.

Mas...

VISCONDE.

Qual *mas!* este é *calvissimo!* Todos hão-de dizer que foi escripto por mim...

APRIGIO.

Como?! se V. Ex.ª, segundo o que ha dias publicamos, rejeitou energicamente o convite, que lhe foi dirigido de fazer parte do ministerio!

VISCONDE.

Ahi é que bate o ponto! Como foi o senhor mesmo o auctor d'essa fabula, esqueceu-se de que a inventou, e que applaudio o meu comportamento: esqueceu-se de que elevou a minha abnegação á maior altura, exclamando que um homem como eu não devia encarregar-se d'aquillo, que os mais não queriam!

APRIGIO (*ingenuamente*).

Ah! eu disse tudo isso?

VISCONDE (*sorrindo*).

Que memoria, senhor Neves! Disse tudo isto, e agora

exprime um ardente desejo de que eu seja ministro! (*Com ironia*) E' d'uma coherencia... tão grande, que todos hão-de vêr as minhas libras a luzirem atravez da sua consciencia.

APRIGIO *(á parte)*.

Triste de quem precisa!

VISCONDE.

Emfim, emende o artigo, e trate de ser mais coherente, porque... Sejamos francos! o senhor ha tempos que me anda a servir muito mal.

APRIGIO (*balbuciando*).

Ora essa, senhor Visconde!...

VISCONDE.

Eu sou *portuguez velho;* não sei dizer senão o que sinto.

APRIGIO *(á parte com ironia)*.

Pois não!

VISCONDE.

Tenha mais cuidado com a redacção dos seus artigos, porque (continuando com a franqueza) bem sabe que a sua penna está um pouco desacreditada. Lembre-se que tem sempre deixado a opposição, quando me faço ministerial, e *vice-versa*.

APRIGIO (*com ironia disfarçada*).

E' uma honra para mim ter seguido sempre a estrada de V. Ex.ª

VISCONDE (*desabrido*).

Está bom, senhor Neves! Não lhe admitto os seus epygrammas! Tem seguido a mesma estrada, porque... (*accentuando*) *porque lhe pago!* Aqui não ha honra para o senhor, nem convicção; ha interesse, mais nada.

APRIGIO *(submissamente)*.

Primeiro está o estomago; e o tyranno da época!

VISCONDE (*sorrindo*).

E o seu parece que trabalha em *diamante!* Aposto que já precisa de dinheiro?

APRIGIO *(animado com o sorriso)*.

Se lhe parece! Ha oito dias que me deu seis libras!...

VISCONDE *(tirando uma bolsa)*.

Por um artigo que valia duas!

APRIGIO.

Ora! por muito mais se pagam alguns, que tenho visto escreverem-se aos artistas estrangeiros...

VISCONDE (*tirando dinheiro*).

Isso é outro genero d'industria. Tome lá. (*Dá-lhe dinheiro*).

APRIGIO (*guardando sem olhar para elle*).

Muito obrigado, senhor Visconde.

VISCONDE (*dando-lhe o papel*).

Trate de emendar isso, e não deixe começar a *tiragem* sem eu vêr a prova.

APRIGIO.

Já se vê.

VISCONDE.

Ah! outra coisa: indague bem quem é este senhor Frederico de Lucena, a sua côr politica, a sua fortuna... emfim, tudo quanto lhe disser respeito.

APRIGIO.

Sim, senhor.

VISCONDE.

Adeus. (*Vae a sahir*).

APRIGIO.

Quer que lhe mande aqui a prova?

VISCONDE.

Não; leve-m'a o senhor mesmo a S. Carlos.

APRIGIO.

Eu sei... Não será imprudente?

VISCONDE.

Porque? o senhor não vae todas as noites ao camarote?

APRIGIO (*inclinando-se*).

Bem.

VISCONDE.

Até á noite. (*Sáe*).

APRIGIO (*só, deixa-o sahir, e tira o dinheiro que elle lhe deu*).

Ora esta! quatro libras!... que miseria! (*Guardando-as*) Nada! isto assim não vae bem!... Estou aqui, e estou outra vez... ministerial! (*Vae ao encontro das personagens que entram*).

SCENA XIV.

APRIGIO, A VISCONDESSA, A BARONEZA, O DOUTOR, E FREDERICO.

BARONEZA.

Ah! ainda por cá este senhor Aprigio Neves! E' a minha sombra!

APRIGIO (*com um suspiro*).

Oh! se eu o fosse tinha a certeza de ser um *Adonis*. (*Ficam todos tres conversando*).

DOUTOR (*baixo a Frederico*).

Então?

FREDERICO (*o mesmo*).

Continuam os meus presentimentos, mas nada pude obter.

DOUTOR.

Nem desconfianças... rasoaveis?

FREDERICO (*sorrindo*).

Nem isso. E' d'uma frieza perfeitamente refractaria ás revelações.

DOUTOR.

Eu fiz mais alguma coisa.

FREDERICO.

O que foi?

DOUTOR.

Indaguei onde poderia encontrar um homem ordinario, que costuma procurar o Visconde todos os mezes, e que o trata por *tu:* é de certo algum parente.

FREDERICO *(alegre)*.

Como pôde saber isso?

DOUTOR.

Por um dos espiões que se encontram quasi sempre nas grandes casas.

FREDERICO.

Algum criado?

DOUTOR.

Exactamente.

FREDERICO.

Bem. Quando procuraremos o tal homem?

DOUTOR.

Ámanhã, se quizer.

FREDERICO.

Se quero!

VISCONDESSA (*despedindo-se da Baroneza*).

Então até á noite, não?

BARONEZA.

De certo. O que vae hoje? sabe, senhor Neves?

APRIGIO.

Il Trovatore.

BARONEZA.

Ah! então com toda a certeza até á noite, querida amiga. (*Apertando a mão da Viscondessa*).

VISCONDESSA.

Até á noite.

BARONEZA (*rindo*).

Meus senhores, isto é *burguez*, mas o coração não conhece etiquetas. (*Dá um beijo na Viscondessa que lh'o retribue. Á parte, lançando um olhar sobre Frederico*) Elle ficará só com ella?...

FREDERICO (*para a Baroneza*).

Se V. Ex.ª me permitte que a acompanhe até á carruagem...

BARONEZA (*rindo*).

Carruagem!... Nada, vim a pé; ha bastante tempo que costumo fazer este exercicio.

FREDERICO.

Se quizesse honrar-me acceitando...

BARONEZA.

Um lugar no seu caleche? Acceito com a melhor vontade.

FREDERICO (*offerecendo-lhe o braço*).

Oh! é uma felicidade!

BARONEZA (*rindo*).

Nada, não, é uma commodidade... para mim! (*Baixo apertando a mão da Viscondessa*) Vou já tomando posse do que ha-de ser meu?

VISCONDESSA (*o mesmo*).

Deos a ouça!

BARONEZA.

Até á noite. (*Sáe com Frederico. O Doutor segue-os depois de se cumprimentarem todos reciprocamente.*)

APRIGIO (*cumprimentando*).

Senhora Viscondessa...

VISCONDESSA (*desabridamente*).

Adeus, senhor Neves. (*Volta-lhe as costas e sáe*).

APRIGIO (*só, ficando a olhar para onde ella sahio*).

Esta odeia-me, e a outra despresa-me... Nós ajustaremos as nossas contas! Virá um dia em que me hei-de vingar das bellezas esquivas, e dos aristocratas balôfos! (*Sáe*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

Um páteo guarnecido de parreiras: um muro ao fundo, com porta para a estrada. A' direita uma taverna, á esquerda arvores. Algumas mesas e bancos de pau. A' esquerda alta um terreno proprio para jogo de malha, que figura continuar por entre o arvoredo. No chão estão paus, malhas, &c.

SCENA I.

GERTRUDES, JOSÉ CAROCHA, MANOEL, XICO, E MAIS OPERARIOS.

JOSÉ CAROXA (*á porta da taverna fallando para dentro*).

É lá, sôra Gitrudes! Então hoje que tal está isto por cá?

GERTRUDES (*apparecendo á porta limpando um prato*).

Ai mal, filho! A rapaziada, depois que appareceu o maldito invento dos caminhos de ferro, já não quer saber d'este sitio d'Arroios! O' *seu Zé* Carocha! olhe que isto não é por dizer mal de ninguem, mas sempre me dizem que aquillo por lá é cada *bodéga* de metter mêdo ao diabo!

JOSÉ.

Ora adeus! todos vão vivendo! *Elle* está caro, mas nem por isso deixa de ter a sua *distracção*.

GERTRUDES.

Louvado seja Deos, almas bemditas! (*Confidencialmente*) Olhe, a *pipasita*, que abri no principio do mez...

JOSÉ.

Já está de fundo p'ro ar?

GERTRUDES (*com um suspiro*).

Com a ajuda de Deos!

JOSÉ.

Olhe lá, *sôra Gitrudes;* venha d'elle, antes que se acabe.

GERTRUDES.

E *petisco*? vae? Temos peixe frito, que está mesmo *umas natas!*

JOSÉ (*esfregando as mãos*).

Chega-m'o ao bico!

GERTRUDES.

Onde quer comer?

JOSÉ (*apontando para uma mesa*).

Alli. Olhe, sou eu *malo Manel Catita*, *malo o Xico*, e dois pandigos lá da *frabica. E bote e deite não l'olhe p'ra cara!*

GERTRUDES.

Vae já a correr! (*Entra para a taverna*).

JOSÉ (*indo ter com os companheiros*).

O' rapaziada *bravia!* Já ahi temos que *trincar á ufa!* Isto ainda é cêdo; *malo* diabo leve quem *prantar* hoje os pés na *frabica!*

MANOEL CATITA.

Eu cá hoje então estou com uma tal *mandria!...*

XICO.

E dois!

JOSÉ.

O *Manel* Fortunato encontrei-o, e disse-me que vinha cá ter com o *pianno*. O diabo do *vegete* cada vez está mais *pandigo*.

XICO.

E não tem outra vida! Faz-me cá scismar como aquelle *gajo* arranja o *parne!*

MANOEL CATITA.

E' verdade; já não trabalha pelo officio ha mais de que tempos, e anda sempre com *chelpa como cobra!* Já desconfiei que a *petisca...*

JOSÉ.

Nada, não senhor; eu sou do sitio, e sei muito bem que a filha do Fortunato é coisa capaz; não ha nada que se lhe dizer.

XICO.

Então como diabo vive elle?

JOSÉ (*com alguma tristeza*).

Como vive?!... Ora... sabe Deos o que por lá vae!

MOÇO (*trazendo toalha, pratos e talheres*).

Bomecês é que pediram?

XICO.

Sim: põe p'ra ahi, anda!

MOÇO.

Bá, bá! que elle está a *xaltar* da *frixidêra!*

MANOEL CATITA.

Então não *estivestes! Ena, que pála! (Querendo dar-lhe na barriga).*

MOÇO.

Bá de chanças, bá! (Foge para a taverna).

XICO.

O' Carocha! o que é que tu querias dizer na tua, a respeito do Mestre *Manel? Dissestes* — sabe Deos o que por lá vae!...

JOSÉ (*sempre triste*).

Isso é cá uma *couve!* Olha, o que eu te digo é que vou tendo uma *asca* ao tal *vegete* da *banza* que a minha vontade era quebrar-lh'a na *lata!*

MANOEL CATITA.

Mas *por via* de que?

JOSÉ.

Ora adeus! Nós viemos cá p'ra fallar nas vidas alheias, ou p'ra *trincar* e beber?

XICO.

Bravo! fallou bem! (*Gritando*) Então vêm de lá isso, *sô garonga?!*

JOSÉ *(gritando).*

Vá! Salta o *briole!*

TODOS (*gritando*).

Salta!

MOÇO (*correndo e trazendo-lhes comer*).

Xalta! xalta! (Põe tudo na meza e vae buscar-lhes vinho).

SCENA II.

OS MESMOS, HOMENS, MULHERES DE CAPOTE, CRIANÇAS, &c.

(Entram de vez em quando durante toda a scena, e vão sahindo depois de comerem e beberem. O moço da taverna é quem os serve &c. — Manoel Fortunato entrando com uma guitarra embrulhada n'um lenço de sêda, vae a dirigir-se para a taverna).

XICO (*vendo-o*).

Vê-lo-lá vem! (*chamando*) O' mestre *Manel* Fortunato!

FORTUNATO *(indo para elles)*.

É lá rapaziada! Então vocês hoje *passaram as palhetas á frabica?*

MANOEL CATITA.

Um dia não são dias, mestre. E você?

FORTUNATO.

Eu cá... *sempre na venda* (*mostrando a guitarra*) com a minha companheira! Encordoada de novo... Hoje é que se quer vêr aqui quem é que canta!

JOSÉ (*á parte*).

E a familia talvez a chorar!... *Malandro!*

XICO (*enchendo-lhe um copo*).

Vá lá, mestre.

FORTUNATO.

Lá vae á nossa! (*Bebe-o d'um trago. Servem-se todos de comer e vinho e continuam a conversar baixo*).

SCENA III.

OS MESMOS, O DOUTOR, E FREDERICO.

(*Frederico embrulhado n'um capote e com um chapeu baixo d'aba larga: o Doutor vestido simplesmente*).

DOUTOR.

Pois eu posso afiançar-lhe, que é a primeira vez que venho aqui.

FREDERICO (*sorrindo*).

Bem se vê. Tire as luvas!

DOUTOR (*tirando-as*).

Porque? é contra a praxe n'estas casas?

FREDERICO.

Não; mas um homem de luvas inspira menos confiança.

DOUTOR.

Visto isso, aqui não vem gente fina?

FREDERICO (*sorrindo*).

A quem chama o Doutor *gente fina?*

DOUTOR.

Ora essa! Áquelles cujos principios d'educação, e posições sociaes...

FREDERICO.

Aqui vem de tudo, Doutor! Uns disfarçados, outros com a cara bem descuberta. Vem o artista, vem o mili-

tar, o empregado publico, o proprietario, emfim, todos quantos formam a classe média da sociedade. Só quem aqui não vem são os ricos.

DOUTOR.

Mas como demonio tem o senhor observado tudo isso? Ha tão pouco tempo que vive em Lisboa...

FREDERICO.

Por toda a parte é a mesma coisa, Doutor. Em toda a parte ha dois grandes theatros, onde são actores as duas classes mais salientes das sociedades civilisadas; a dos ricos, e a dos pobres. Os primeiros representam nas grandes salas, e os segundos nas tavernas: com a differença que lá morre-se muitas vezes de fome, e aqui morre-se de vicio!

DOUTOR.

E' verdade que tenho tratado d'alguns homens, cuja molestia principal é o vinho.

FREDERICO.

E esses homens tem-os achado unicamente na classe dos operarios?

DOUTOR.

Qual historia! Alguns de gravata *bem lavada!*

FREDERICO.

Então ahi tem provada a minha asserção. Não é só o plebeismo que frequenta estas casas. Ha-de vêr, por exemplo, o empregado publico, de quem o ordenado pingue apenas chega para o mais necessario, vir comer á taverna, porque teve visitas em casa, e envergonhou-se de assistir a um jantar menos que modesto. Ha-de vêr outro, que por uso e costume acha a comida detestavel em sua casa, e que vem para aqui saborear os guisados repugnantissimos, feitos pelas mãos d'um cosinheiro mais repugnante ainda. Ha-de vêr o pobre *elegante*, que não tem real de seu, porque não quer trabalhar, vir dispender na taverna os seus seis ou sete vintens, para depois ir de palito na bôca empregar os ultimos cobres em alguma senha dos primeiros theatros, dizendo aos seus amigos, que não veio mais cêdo porque foi convidado para um jantar diplomatico, d'onde acaba de sahir. Vê ainda outros... — escoria da humanidade! — com robustez, intelligencia, e até ás vezes, nobreza, virem sentar-

se ás encebadas mesas da taverna, esperando que um conhecido lhes offereça um gólo de vinho, ou um pedaço de pão, porque não teem dinheiro para o comprar, porque se entregaram áquella vida, e de nada servem na sociedade.

DOUTOR.

Visto isso, a taverna é um verdadeiro theatro!

FREDERICO.

E que theatro, Doutor! E que scena da vida intima dos povos! e que miserias! e que crimes! Nas salas representa-se o drama... *comedia;* aqui representa-se a comedia-drama!

DOUTOR (*sentando-se n'um banco*).

Digo-lhe que desejava assistir a uma d'estas representações!

FREDERICO.

E quem sabe a quantas estaremos assistindo n'este instante! Vê aquelle grupo? (*Designando-lhe aquelle em que está Fortunato*).

DOUTOR.

Vejo.

FREDERICO.

O que lhe parece aquella gente?

DOUTOR.

Parecem-me operarios.

FREDERICO.

E quem nos diz que não esteja alli um drama?

DOUTOR.

Como?

FREDERICO.

Quem nos diz que aquelles homens, ou alguns d'elles, não tem uma familia numerosa, de quem o patrimonio é unicamente o trabalho, cujo fructo vem elle dissipar no meio da embriaguez do vinho, em quanto a mulher e os filhos morrem de fome e de frio? Quem sabe se algum d'elles tem uma filha innocente, que á força de privações e maus tratos, se perde com o primeiro que lhe atire ao regaço um punhado de dinheiro! Não haverá drama n'isto, Doutor?

DOUTOR.

E bem terrivel!

XICO (*baixo para os mais*).

Que diabo tem aquelles *gajos* com a gente, que não fazem senão *adicar* p'ra cá?

MANOEL CATITA.

Deixal-os lá; é que estão gostando da *pandiga*.

FORTUNATO (*já meio embriagado*).

Afinfa-se-lhe uma *nocada*, se continuam na *pasmaceira*.

JOSÉ (*socegando-o*).

O' mestre! Ora que você é peor do que os rapazes! Deixe lá olhar quem olha!

DOUTOR.

Cuidado! Parece-me que desconfiaram, que fallavamos d'elles.

FREDERICO (*sorrindo*).

E com as nossas idéas philosophicas, esqueceu-nos o que vinhamos aqui fazer. (*Chamando e batendo as palmas*) Olá! O' de casa!

DOUTOR.

Deos queira que me não conheçam! Se me vissem aqui!... Que descredito!

MOÇO (*para Frederiço*).

Que ha-de *bir*, *bamos!*

FREDERICO (*para elle*).

Faz favor de me dizer se costuma vir aqui um sujeito chamado Manoel Fortunato, que é...

MOÇO.

O mestre *Manel* Fortunato!... *Bamos! bocê bem* cá *troçar* com a *xente?!* Não o *bê* alli?

FREDERICO (*rapido*).

Queira desculpar... é que eu não conhecia... (*Mettendo-lhe dinheiro na mão*) Cale-se, não diga que perguntei por elle.

MOÇO (*tirando o barrete*).

Agardecido a *bossa* senhoria, meu *xenhor!* (*Sáe*).

DOUTOR (*indo para Frederico*).

Então?

FREDERICO (*mostrando-lhe Fortunato*).

E' aquelle.

DOUTOR (*pondo a luneta e reparando n'elle*).

E'?!

FREDERICO.

E' sim; mas, pelo amor de Deos, não olhe para lá com a luneta, aliás temos questão.

DOUTOR *(tirando-a rapidamente)*.

O' diabo! E' o que faltava!

XICO (*para os seus*).

Olha o *vegete* a deitar p'ra cá os *lupantes* com a *nuleta!*

FORTUNATO (*já mais embriagado*).

E eu vou-lhe aos fogões! (*querendo levantar-se*).

JOSÉ (*segurando-o*).

O' mestre! temos *chinfrim!?*

FORTUNATO *(sentando-se)*.

Valha-lhe o diabo a *crusidade!...* (*alto dirigindo-se ao Doutor, e em ar de mofa*) O' senhor! quer servir-se d'isto? (*Mostrando-lhe o prato*).

DOUTOR (*assustado e a meia voz*).

Aquillo é comigo?!

FREDERICO (*sorrindo*).

É.

DOUTOR.

Que diabo lhe hei-de eu dizer?

FREDERICO.

Tire o chapeu e agradeça-lhe.

FORTUNATO (*gritando*).

Você não ouve?

DOUTOR (*atrapalhado e tirando o chapeo humildemente*).

Obrigado, senhor... senhor...

FREDERICO (*rapido e a meia voz*).

Manoel Fortunato.

DOUTOR *(repetindo)*.

Senhor Manoel Fortunato.

FORTUNATO *(levantando-se a cambalear e vindo ter com elle)*.

Olá! olá! temos *troça* conhecida?! Você conhece-me, *seu ginja?*

DOUTOR (*baixo a Frederico*).

Metteu-me em boa, não tem duvida!

XICO (*para os mais*).

Olhem lá o mestre, que vae fazer alguma das suas!

JOSÉ *(levantando-se)*.

Não ha-de haver novidade. (*Vae ter com elle*).

FORTUNATO (*chegando-se ao Doutor, tendo acabado de puxar pelo cigarro*).

Então você sabe-me o nome?

FREDERICO (*mettendo-se no meio d'elles*).

Quem não conhece por estes sitios o mestre Manoel Fortunato!

FORTUNATO (*cambaleando*).

Conhece-se, mas... (é bem que se diga!) como homem honrado... amigo da *pinga*, mas... (*rindo embriagado*) Quem diabo é você, ó *sô janota*?

FREDERICO.

Pois não se lembra d'aquelle predio, onde vocemecê trabalhou ultimamente?

FORTUNATO.

Aonde?

FREDERICO (*sem se perturbar*).

Na rua de... Ora esta! Não me esqueceu a...

FORTUNATO.

Na rua do Norte?

FREDERICO.

Justamente, na rua do Norte.

FORTUNATO (*rindo com malicia*).

Então você era o dono do predio?

FREDERICO.

Nada, não; era um dos inquilinos.

FORTUNATO.

Inquilinos?! Como diabo era esse *arranjo*, se o predio foi feito de novo?!

DOUTOR (*á parte assustado*).

Temol-a travada!

FREDERICO (*sem se perturbar*).

Eu conhecia o dono do predio, e já tinha contractado com elle o aluguer do primeiro andar.

FORTUNATO.

Ah! conhece o dono do predio?! (*com raiva*) Pois olhe que conhece um bom maroto, não tem duvida!

FREDERICO.

Não, não me parece que...

FORTUNATO.

O que! O Visconde de S. Silvestre?! Oh! que *firma!*

DOUTOR (*baixo a Frederico*).

Ora esta! Nem de proposito!

FREDERICO (*depois de lhe fazer um signal de silencio*).

Então vocemecê tem algumas escandolas do senhor Visconde de S. Silvestre?

FORTUNATO.

Se tenho escandolas?! Aquillo é o maior *mariola* que o sol cobre!

JOSÉ (*para elle*).

O' mestre! Vocemecê não vê que parece mal estar a *bramar* assim? Talvez este senhor seja amigo do homem, e estar vocemecê a dizer isso, é o mesmo que...

FORTUNATO.

Amigo d'elle!? Nada, não póde ser! Este senhor tem cara de bom rapaz; não póde ser amigo de semelhante *mondongo!*

FREDERICO.

Não sou, não; mas se tivesse a bondade de me dizer os motivos que tem para...

JOSÉ (*a meia voz a Frederico*).

Aquillo não é nada; está com mais uma *pinga*, e...

FREDERICO.

No entanto, o mestre Fortunato é uma excellente pessoa, e estou certo que não dizia aquillo sem motivo.

FORTUNATO (*quasi zangado*).

Mas é que não é da sua conta, entende?! Talvez você seja da *sucia* d'elle!... talvez tão bom como elle!

DOUTOR (*á parte*).

Adeus! adeus!

JOSÉ.

O' mestre!

FORTUNATO (*cambaleando e chegando-se mais a Frederico*).

Olhe, ouvio; se é lá *amigalhaço* d'esse tratante, póde dizer-lhe que me vio; percebe?!... Que me vio aqui, na *tasca da sôra Gitrudes!*

FREDERICO (*com socego*).

Para que lh'o hei-de dizer?... Talvez isso o desgoste!...

FORTUNATO.

Que o desgoste!... (*rindo*) Ah!... ah!... ah!... Não querem vêr o caso que elle faz de mim!... Mas você é cá mandado por elle para me espreitar; *eim?!* (*Arregaçando os punhos*).

DOUTOR (*baixo a Frederico*).

O mais prudente é sahirmos!

FREDERICO (*sorrindo com brandura e desembuçando-se*).

Acha-me cara d'espião, senhor Manoel Fortunato?

FORTUNATO (*com certa humildade*).

Não senhor, mas... (*tornando pouco a pouco ao tom desabrido*) Mas tambem elle, quem no vir ha-de dizer que é um homem honrado, e... Olhe, sabe que mais? Vá-se você *tingando* quanto antes, porque apesar de ter a mão costumada a aplainar vigas e fazer caixilhos, olhe que ás vezes é leve de mais!...

JOSÉ.

O' mestre Manoel! Você tem juizo ou não?!

FORTUNATO (*encolerisando-se*).

Já lhe disse! *Raspe-se* quanto antes, que a minha vontade!... (*Crescendo para elle, José sustem-n'o*).

DOUTOR (*assustado e baixo a Frederico, tirando a carteira*).

Quer um ferro?

FREDERICO (*com socego e sorrindo*).

Não.

FORTUNATO (*barafustando*).

O' José! larga-me!

FREDERICO.

Largue-o, senhor José: o mestre Fortunato não me faz mal, porque sabe que sou seu amigo.

FORTUNATO.

Meu amigo!?... Não tenho cá amigos *janotas*, ouvio?! Basta você ser amigo d'aquelle tratante para eu lhe atirar tamanho *azar de cadeiras* que... (*Vae a dar em Frederico*).

FREDERICO (*sem se alterar, agarrando-lhe n'um braço e fazendo-o dobrar um pouco*).

Não me bata, mestre, que eu não lhe fiz mal.

MANOEL CATITA, XICO, E OS MAIS OPERARIOS (*correndo para elles*).

O' mestre!!

FORTUNATO (*não conseguindo tirar o braço da mão de Frederico*).

Não me fez mal, mas... *Irra!* que você tem força, que nem um carpinteiro de machado! Você já foi *cabeça de pau?!*

OS MAIS OPERARIOS (*rindo*).

Ah!... ah!... ah!...

FREDERICO (*sorrindo*).

Tambem já fui operario, senhor Manoel Fortunato. (*Larga-lhe o braço*).

FORTUNATO (*estendendo-lhe a mão que elle aperta*).

Então toque, e... (*vae cambaleando buscar um copo de vinho, que lhe offerece*) e beba *p'ra bem*... quando não, temos *chinfrim!*

FREDERICO (*pegando no copo*).

Lá vae... *p'ra bem.* (*Bebe*).

FORTUNATO (*designando o Doutor*).

Passe palavra!

FREDERICO (*ao Doutor*).

Beba.

DOUTOR (*horrorisado*).

Eu?!

FREDERICO (*a meia voz*).

Olhe que é perigoso!...

FORTUNATO.

Que é lá isso?! Vocemecê não bebe?!

DOUTOR (*rapidamente*).

Ora essa! Se bêbo! (*Bebe visivelmente contrariado, dá o copo a outro, e fica por muito tempo cuspindo no lenço, e limpando a bôca*).

FORTUNATO (*rindo*).

Ena! Olhe não suje *a alcatifa!* (*Para Frederico*) Sabe que mais? O que lá vae, lá vae! Não fallemos mais no tal *meliante* do senhor Visconde e... passe por cá muito bem! (*Para os mais indo buscar a guitarra*) O' ra-

pazes! Vamos até lá baixo ao pôço cantar alguma coisa; *uga?!*

OS MAIS.

Vá feito!

DOUTOR (*para Frederico*).

Então deixa-o ir embora?

FREDERICO (*o mesmo*).

N'aquelle estado não serve para nada. Tenho outro plano.

FORTUNATO (*afinando a guitarra*).

Isto é que se vae vêr aqui, que coisa é uma afinação d'*arromba!*

FREDERICO *(baixo para José)*.

Se fizesse favor de se demorar... Tenho que lhe dizer.

JOSÉ (*admirado*).

A mim?!

FREDERICO.

Sim senhor.

JOSÉ.

Mas é que eu... sim, parece mal largar a *pandiga*...

FREDERICO.

Venha aqui ter depois.

JOSÉ.

Está dito.

XICO.

O' José! Vens d'ahi?

JOSÉ.

Lá vou.

FREDERICO.

Até já?

JOSÉ (*cada vez mais admirado*).

Mas...

FREDERICO.

Não lhe diga nada; é para seu interesse.

JOSÉ.

Então... até já. (*Indo ter com os seus*) Vamos a isto *gentes!* (*Saem todos, marchando ao som da guitarra de Fortunato, e da voz d'um d'elles que canta o fado. O moço vae levantar as mesas*).

SCENA IV.

FREDERICO E O DOUTOR.

DOUTOR.

Safa! que *sucia!* Quando me convidará o senhor para outro passeio d'estes!

FREDERICO.

Tenha paciencia, Doutor. Mas se conseguirmos o nosso fim, não é bem empregado este pequeno incommodo?

DOUTOR.

Isso é se o conseguirmos, do contrario... digo-lhe que chorarei toda a minha vida o tempo que gastei em vir aqui.

FREDERICO.

Pois não me disse ha pouco que desejava assistir a algumas scenas d'este theatro?

DOUTOR.

Disse; e se todas são assim... dou por satisfeita a minha curiosidade.

FREDERICO.

E que juizo fórma d'estes actores?

DOUTOR.

Que são uma especie de selvagens, promptos sempre para a *pancadaria*.

FREDERICO.

Julga-os bem; effectivamente a desordem é o elemento predominante d'estas casas. Mas a que attribuirá o Doutor este facto?

DOUTOR.

Eu sei... A' má indole dos actores?

FREDERICO.

Não; á sua falta d'instrucção.

DOUTOR.

Ora essa!...

FREDERICO.

E demonstro-lh'o. A maior parte dos homens que alli vio nem sequer sabem lêr. Os livros, esses orgãos mais fortes da civilisação, esses conselheiros mudos, mas eloquentissimos, são para aquelles homens objectos des-

necessarios e de nenhum valor. Para as classes pobres é inquestionavel que os dois divertimentos mais modicos são a leitura e o theatro. Quem não póde gosar o primeiro, raras vezes se interessa pelo segundo. Aquella gente não sabe lêr; no entanto, como a distracção é uma das tendencias do espirito humano, procura machinalmente a que lhe resta; é a taverna. Pessima distracção, que quasi acaba em desgraça!

DOUTOR (*rindo*).

Mas, em conclusão, devemos prégar a extincção das tavernas?

FREDERICO.

Não: era impossivel! era a fome em algumas classes!

DOUTOR.

Então como se hão-de evitar estas scenas d'escandalo, n'uma cidade civilisada?

FREDERICO.

Como?! Gritando pela instrucção do povo! Gritando bem alto, até que o dinheiro destinado a comprar uma garrafa de vinho, vá ser empregado n'um bilhete de theatro, e que o preço d'um copo d'agua-ardente sirva para comprar um bom livro!

DOUTOR (*sorrindo duvidoso*).

Quando veremos nós isso?

FREDERICO (*tristemente*).

Quando os grandes comprehenderem uma vez, que a sua missão n'este mundo é fazerem a felicidade dos povos!

SCENA V.

OS MESMOS E JOSÉ CAROCHA.

JOSÉ (*dirigindo-se a Frederico e tirando o bonet*).

Aqui estou ás suas ordens, meu senhor.

FREDERICO.

Agradeço-lhe muito a sua promptidão; e interessando-se como parece, pelo mestre Fortunato, estou certo que ha-de ficar tambem satisfeito de mim.

JOSÉ (*remexendo o bonet*).

Eu... sim, fui amigo d'elle; mas... lá interressar-me...

FREDERICO.

Cubra-se, faça favor.

JOSÉ (*pondo o bonet*).

Com sua licença.

FREDERICO (*com muita bondade*).

Vocemecê conhece bem o mestre Fortunato?

JOSÉ.

Como os meus dêdos; somos visinhos...

FREDERICO.

Vocemecê tambem é operario, não?

JOSÉ.

Saberá V. S.ª, que sim senhor. Sou empregado na *frabica* do tabaco.

DOUTOR (*á parte*).

Logo vi! E' um co-réo do envenenamento geral!

FREDERICO.

E o mestre Fortunato é...

JOSÉ.

E' carpinteiro de casas.

FREDERICO.

E ganha muito?

JOSÉ.

Ganhou, ganhou, quando era mais rapaz. Agora, depois de meio *vegete*, deitou-se á *bebida*, e não ha tiral-o da taverna.

FREDERICO.

Mas se não ganha, como é que póde elle...

JOSÉ.

Ahi é que vae a *tramoia*, que dá que fazer a todos lá pela visinhança! O mestre Manoel Fortunato não trabalha ha um *poder d'annos*, e tem sempre dinheiro, ou mais ou menos. Ainda não vi elle ficar atraz, quando se manda vir um copo de vinho em sociedade.

FREDERICO.

E não desconfia...

JOSÉ.

Desconfio, sim senhor. Já uma vez lhe fui na *piugada*, e vi-o entrar para casa d'um fidalgo... ai! não me *alembra*... Aquelle de quem vocemecê fallou *inagora*.

FREDERICO.

O Visconde de S. Silvestre?

JOSÉ.

Esse mesmo!

FREDERICO.

Então vio-o entrar para lá... e depois?

JOSÉ.

Despois... Eu *le* digo *ó* senhor. O mestre tinha estado aqui na *vespora*, que era fim do mez, e fez uma despeza de mais de quatro pintos em *bebida* e comida, dizendo-nos que era o ultimo dinheiro, mas que no dia seguinte ia buscar mais á *burra*. E *ó despois*... como já disse a V. S.ª, fui atraz d'elle, e... o caso é que á noite já tinha dinheiro como *cobra!*

FREDERICO.

E suspeita que foi o Visconde quem lh'o deu?

JOSÉ.

Eu suspeito, sim senhor.

FREDERICO.

Mas que relações haverá entre elles?

JOSÉ (*estupidamente*).

Que relações?!

FREDERICO.

Sim; que negocios terão elles um com outro?

JOSÉ.

Isso lá é que eu não sei dizer a V. S.ª

DOUTOR (*baixo para Frederico*).

Ficamos na mesma.

FREDERICO (*a meia voz*).

Veremos. (*Alto para José*) Elle tem familia?

JOSÉ.

Quem, o mestre? (*com um suspiro*) Tem, sim senhor! Aquillo é uma *desgracia!*

FREDERICO.

Uma desgraça, porque?

JOSÉ.

Tem uma filha de 16 para 17 annos, e uma velhinha, que é mãe d'elle, já muito velha e doente, coitada, que é mesmo uma dôr d'alma!

FREDERICO.

Uma filha... Ah! elle é casado?

JOSÉ.

Não senhor, é viuvo. Oh! se fosse viva a mulher d'elle

não tinha a pobre rapariga d'*estafar-se* a pôr palhinha em cadeiras, para sustentar a avó. Aquillo era uma mulher de *ferro, Deus lhe falle n'alma!*

FREDERICO.

Então a filha do mestre Fortunato é que sustenta a avó?

JOSÉ.

Sim, senhor; pois se elle gasta tudo na taverna! De fórma que a pobre rapariga trabalha... trabalha, que até desconfio que está já quasi *tisica!* A *velhota*... meia *emprégada*.... emfim, senhor; aquillo é de fazer dó! (*Afastando-se para limpar os olhos*).

FREDERICO (*baixo para o Doutor*).

Attenção, Doutor! Começa o drama!

DOUTOR (*o mesmo*).

Vou d'aqui direito a casa da velha. Ainda achei na algibeira meia libra, que escapou hontem ás garras da senhora Baroneza!

JOSÉ (*aproximando-se novamente*).

Ainda hoje pela manhã a Maria lá foi a casa pedir á minha mãe, para ir chamar um *surgião*, porque pelos modos, a velha estava peor...

DOUTOR.

E que teria ella, sabe?

JOSÉ.

Eu não sei; aquillo creio que é muito *caruncho;* e *despois* maus comeres... o trabalho da rapariga é pouco, e pagam-lhe tão *arrastado*...

FREDERICO.

Então o mestre Fortunato...

JOSÉ.

Esse quer lá saber da familia!... O que elle quer é... *bote e deite.*

DOUTOR (*machinalmente*).

Que tratante!

FREDERICO.

E a rapariga... comporta-se bem, já se vê?

JOSÉ.

Se assim não fosse... Olhe que é uma rapariga linda como os amores! Até nem parece filha de semelhante pae!

FREDERICO.

Visto que tem tanto dó d'ella, porque não casa vocemecê...

JOSÉ (*com expansão*).

Com a Maria!?... Oh! se eu podesse. Mas... sou quasi tão pobre como ella! Sabe Deus quanto me custa a sustentar a minha *velha!...*

DOUTOR (*um pouco desabrido*).

Não sei então como vem gastar o seu dinheiro para aqui!

JOSÉ.

Isto foi hoje; eu cá não tenho o costume do mestre Manoel Fortunato! Vim hoje *petiscar* aqui, porque lá a mãe creio que soube que a Maria ficou sem *chêta*, para comprar um frango para a avó, e então offereceu-lhe de jantar. Como a *fartura* não era grande, deixei-os lá comer á sua vontade.

DOUTOR (*baixo para Frederico puxando-lhe pelo capote*).

Pobre rapaz! Eu dou-lhe a meia libra: que lhe parece?

FREDERICO (*a meia voz*).

Ainda não. Quem nos diz, que tudo isto não seja uma comedia para obter dinheiro?

DOUTOR (*guardando o dinheiro que já tinha na mão*).

O demonio seria o homem!

SCENA VI.

OS MESMOS E MARIA (ENTRANDO MUITO APRESSADA, DE CAPOTE E LENÇO: TANTO UM COMO OUTRO JÁ BASTANTE VELHOS).

JOSÉ (*vendo-a e correndo para ella*).

O' menina Maria! Vocemecê por aqui!

MARIA (*muito agitada*).

Onde está o pae, ó *seu* José?! Está cá, não é assim?!

JOSÉ.

Está lá baixo, ó pé do pôço. Mas o que tem?! O que foi?!...

MARIA (*afflicta*).

A avó, senhor José!... está peor!... Foi agora lá o senhor Doutor, e receitou-lhe umas *trapalhadas* para a botica... Valha-me Deos!! Leve-me aonde está o pae!...

JOSÉ.

Mas para que?!... Olhe que elle não está muito bom de cabeça!...

MARIA (*afflicta*).

Hi Jesus! Maria Santissima!!... (*Quasi a chorar*) O remedio custa *tres tostões e dez reis!*... Não tenho nada e a sua mãe, coitada, está na mesma...

JOSÉ.

Esta só pelo diabo! Eu tambem não tenho senão *cento e dez!* Mas vou arranjar mais d'aqui a meia hora...

MARIA.

Qual meia hora! Valha-me Deus!... O senhor Doutor disse que se a avó não tomasse já já o tal remedio...

JOSÉ (*aterrado*).

Morria?

MARIA (*chorando*).

Pois então... a minha *rica avósinha!*

JOSÉ.

Eu vou chamar o mestre!...

MARIA.

Eu lá vou! eu lá vou!

JOSÉ.

Não, não vá, que está lá com uma *sucia* muito grande!... Eu lh'o chamo! (*sae a correr*).

SCENA VII.

OS MESMOS MENOS JOSÉ.

DOUTOR (*para Frederico*).

Esta é que me apanha a *meia libra* com toda a certeza! (*para ella commovido*) O' menina, aqui tem dinheiro; vá buscar o tal remedio.

MARIA (*limpando os olhos*).

Muito obrigada, meu senhor; mas não posso acceitar...

DOUTOR (*espantado*).

Porque?

MARIA.

Porque a avó tem-me dito muitas vezes que a sustente e a trate em quanto poder; mas que se eu chegar

*

a pedir esmola, que seja só para mim... e que a deixe morrer a ella, sem passar por essa vergonha.

DOUTOR (*petrificado d'admiração e respeito*).

Ora esta!

FREDERICO (*commovido e tirando o chapeo*).

Dá-me licença que lhe empreste o dinheiro de que precisa, menina?

MARIA (*anciosa e vacillante*).

Mas...

FREDERICO.

D'aqui a meia hora o senhor José paga-me (*apresentando-lhe dinheiro miudo*).

MARIA (*lançando-lhe a mão com avidez*).

Ha-de pagar, meu senhor, que elle é honrado! Obrigada, senhor! Muito obrigada! Seja pelo amor de Deus! (*Sáe correndo muito*).

DOUTOR (*depois de silencio limpando os olhos*).

Ora esta!

FREDERICO (*commovido*).

O que é isso?

DOUTOR (*diligenciando rir*).

Estou a limpar as lagrimas!

FREDERICO (*apertando-lhe a mão*).

Não, Doutor! está a colher as pérolas da corôa de Deus!

SCENA VIII.

OS MESMOS, JOSÉ E FORTUÑATO.

FORTUNATO (*ainda meio embriagado*).

Então o que quer ella?! Nem aqui posso estar descançado!... Onde está a Maria?

JOSÉ (*admirado*).

Estava aqui. (*Para Frederico*) O senhor vio...

FREDERICO.

Como era caso de muita urgencia, emprestei-lhe o dinheiro de que precisava...

FORTUNATO (*desabrido*).

Ora essa!... Vocemecê conhece a minha filha?!... E ella acceitou... (*caminhando para o fundo*) Espera lá, grandecissima...

JOSÉ (*correndo para elle*).

Eu pagarei, mestre Manoel!... deixe lá a pequena!... Então havia deixar morrer a avó?!

FORTUNATO (*que chegou á porta do fundo olhando para fóra*).

Olá!... Lá vem a carruagem do senhor Visconde de S. Silvestre!... (*rindo freneticamente*) Pois vou-lhe pedir dinheiro para curar... *minha Mãe!...* (*rindo*) Ah!... ah!... ah!... Ha-de ser bonito se m'o não der!...

DOUTOR.

Oh! nem de proposito! (*chega-se com Frederico para o fundo*).

JOSÉ (*segurando Fortunato*).

Deixe lá o homem, mestre! Vocemecê não vê o estado em que está!?...

FORTUNATO (*rangendo os dentes*).

Estou bebado, *heim?!* (*rindo*) Ah!... ah!... ah!... Melhor! Talvez hoje lhe diga... *coisinhas de cabeça!...* (*correndo para fóra e gritando*) Olé!... O' cocheiro!... pára!... pára!...

JOSÉ (*correndo atraz d'elle*).

O' mestre! mestre!

SCENA IX.

FREDERICO E O DOUTOR.

DOUTOR.

Mas que demonio terá elle com o Visconde?

FREDERICO.

Não sei; ha em tudo isto um mysterio, talvez horrivel, que forçosamente hei-de descobrir.

DOUTOR.

Hoje duvido que consiga alguma coisa d'aquelle bebado!

FREDERICO.

Se não fôr hoje, será ámanhã; se não fôr por elle... fallaremos á mãe ou á filha.

DOUTOR.

A essas necessariamente havemos de fallar. Ainda que parecem pouco dispostas a acceitar beneficios, comtudo... (*Grande vozeria fóra*).

FREDERICO (*correndo ao fundo*).

O que será isto?!...

DOUTOR (*observando com a luneta*).

Será desordem!...

FREDERICO.

Trazem-no em braços!...

DOUTOR.

Alguma *paulada!* Não é mal feito!

SCENA X.

OS MESMOS, MANOEL FORTUNATO, JOSÉ E POVO.

(Manoel Fortunato vem desmaiado e encostado nos braços de José e de mais operarios que o depositam sobre um dos bancos encostado á mesa).

DOUTOR.

O que foi isso?

JOSÉ.

Uma grande desgraça... Passou-lhe por cima o *trem* do senhor Visconde de S. Silvestre!

DOUTOR (*fleugmaticamente*).

Parece-me que ficou *arranjado!*

FREDERICO (*tremulo*).

Salve-m'o, Doutor!

DOUTOR (*observando o enfermo*).

Parece-me que tem a *caixa* despedaçada! Duvido que escape!

FREDERICO.

Mais uma esperança perdida!

DOUTOR (*chegando-lhe um vidro ao nariz e dando-lhe depois agua que trouxeram n'um copo*).

Talvez ainda falle.

FORTUNATO (*abrindo os olhos e fallando a custo*).

Está bom!... *arranjou-me* bem, senhor.... senhor *Justiniano da Silva!*

FREDERICO (*estremecendo, baixo para o Doutor*).

O nome de meu pae!!!...

FORTUNATO *(muito fraco mas em desespêro).*

Aqui está!... aqui está para que Deus me deu um irmão mais velho! (*Torna a desmaiar*).

DOUTOR.

Vão buscar uma sege e levem-no para minha casa. (*Baixo para Frederico*) Então?

FREDERICO *(acabrunhado)*.

Achei meu pae!... achei minha familia!...

DOUTOR.

E eu achei mais uma verdade philosophica: o crime a castigar o vicio!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Um gabinete elegante, mas mobilado com simplicidade. — Portas ao fundo e aos lados.

SCENA I.

PEDRO E ANTONIO.

(*Pedro está limpando os moveis, e arrumando-os, quando Antonio entra*).

ANTONIO.

Dá licença, senhor Pedro?

PEDRO.

Olá! Entre, senhor Antonio.

ANTONIO.

O patrão não está cá?

PEDRO.

Nada, sahio logo pela manhã, segundo o costume, a visitar os doentes.

ANTONIO (*sentando-se muito commodamente*).

Então já sei que teve grandes novidades por cá!...

PEDRO.

E' verdade; olhe que me fizeram suar devéras! Credo! Não sei como ainda posso trabalhar! (*Senta-se commodamente n'um sophá*).

ANTONIO.

Aquelle Doutor é o homem mais *ratão*, que tem estado n'esta hospedaria! Para que demonio traria elle para aqui o tal Manoel Fortunato! Nem que não houvesse hospital!

PEDRO.

Ora! Trouxe-o para eu andar hontem n'uma *dobadoira*, da hospedaria para a botica, da botica para a hospedaria!...

ANTONIO.

Que *maçada!*

PEDRO.

Não é a primeira vez que isto acontece. O senhor Doutor, em vendo desastre, e que seja com pessoa pobre, acarreta-a logo para o seu quarto (*rindo*) cede-lhe a cama, e... dorme no chão!

ANTONIO.

Tenho ouvido dizer que é uma excellente pessoa!

PEDRO.

Ora adeus! Tambem aquillo é de mais! Se elle até chega a andar muitas vezes *sem vintem!*...

ANTONIO.

Mas já ouvi dizer que é muito procurado e ganha rios de dinheiro.

PEDRO.

Ganha, lá isso é verdade; ganha: mas serve-lhe de muito! N'uma casa, por exemplo, dão-lhe duas ou tres libras; entra depois em quatro ou cinco casas pobres, e não só lhe não pagam, mas até lá deixa o que na outra lhe deram. Manda buscar os remedios á sua custa, gallinhas, gelêa... emfim, elle é que fica sendo o doente.

ANTONIO.

Tambem isso é de mais! Aposto que a você não lhe dá nada?

PEDRO.

Ahi é que me dóe! Nem um *pataco!* Diz que sou um mandrião, que não sirvo para nada... Eu sei lá o que elle diz! O que vale é que, como anda sempre a scismar nos doentes, (*rindo*) ás vezes esquecem-lhe os *cobres* por cima das mesas...

ANTONIO *(rindo)*.

Alguma coisa havia ter de bom!

PEDRO.

O' senhor Antonio! Isto não é roubar; pois é? Se eu lhe não deitasse a mão... a criada que trata das camas...

ANTONIO.

Está visto! Eu faço por lá o mesmo com o deputado, que está no n.º 7.

SCENA II.

OS MESMOS, O DOUTOR, E MARIA, (QUE FICA AO FUNDO).

DOUTOR (*entrando, e vendo-os sentados: com ironia*).

Vossas senhorias dão licença?

PEDRO E ANTONIO *(levantando-se)*.

Oh! diabo!

DOUTOR.

Sem incommodo!...

PEDRO *(acanhado)*.

O' senhor Doutor!... queira perdoar, mas é que o senhor Antonio...

DOUTOR.

Está bom — está bom, não quero satisfações! *Corja de mandraços!*

ANTONIO (*baixo para Pedro*).

Se elle ouvio!... Adeus, adeus! atura-o por cá! (*Sáe surrateiramente*).

DOUTOR (*como se fallasse comsigo*).

De fórma que estes *marmanjos* teem uma vida melhor do que a minha! Pelo menos, passam-na com uma commodidade!...

PEDRO (*á parte*).

Se tu fosses criado de servir não dizias isso! (*Vendo Maria)* Olá, temos fêmea!

DOUTOR (*para elle*).

O doente acordou?

PEDRO.

Creio que ainda não, senhor.

DOUTOR.

Bem; póde-se ir embora: eu o chamarei, se precisar d'alguma coisa.

PEDRO.

Sim senhor. (*Á parte — olhando para Maria*) E é bem bonita a tal *franguinha!* Tambem virá *amolgada*, como o outro? (*Sáe olhando para traz*).

SCENA III.

DOUTOR E MARIA.

DOUTOR.

Bem vê, que lhe não póde fallar ainda. Deus nos livrasse d'interromper-lhe aquelle somno!

MARIA (*com alguma alegria*).

Mas vê, senhor Doutor? Já estou mais contente! Elle que dorme, é porque não lhe dóe muito, não é assim?

DOUTOR.

Não, menina: dorme porque eu o fiz dormir: Dei-lhe um remedio para isso.

MARIA (*assustada*).

Valha-me Deus! Então sempre é certo que está em muito perigo?!

DOUTOR.

Pois que duvida! Já lhe disse que não costumo enganar pessoa alguma n'estas circumstancias. Entendo, que é melhor prevenir d'um desgosto, do que atiral-o de repente no meio da alegria da esperança.

MARIA (*chorosa*).

Quer dizer que não posso ter essa alegria, porque V. S.ª não tem essa esperança?!

DOUTOR.

Mal do homem quando ella morre de todo, menina!

MARIA.

Assim diz a *avósinha!*

SCENA IV.

OS MESMOS E FREDERICO.

FREDERICO.

Bons dias, Doutor... (*vendo Maria*) Oh! a menina aqui!

DOUTOR.

Encontrei-a sentada nos degraus da escada, á minha espera. Quer por força fallar ao pae. Já lhe disse que não era muito conveniente; mas, emfim... (*sorrindo*) custa não satisfazer semelhantes pedidos.

FREDERICO.

E como está elle?

DOUTOR (*fazendo uma careta expressiva*).

Hum!... Por em quanto...

FREDERICO (*rapidamente, mostrando-lhe Maria com um olhar*).

Ah! sim; por ora ainda se não póde saber...

MARIA (*que percebeu*).

Eu já sei, meu senhor; já sei que está muito mal! (*chorosa*) Parece-me que fico sem pae!

FREDERICO (*commovido*).

Seria uma grande desgraça, menina; mas, em todo o caso, acredite que não ficava desamparada... O senhor Doutor é tão bom...

DOUTOR (*sorrindo*).

Deixe-o fallar; elle é que já me disse que havia de protegêl-a e á avó.

MARIA (*acanhada*).

Ora essa... meu senhor...

DOUTOR.

Vou vêr como o acho; quando acordar, eu a chamarei. (*Entra n'um dos lados*).

SCENA V.

FREDERICO E MARIA.

FREDERICO.

E sua avó está melhor?

MARIA.

Está, sim senhor; ao menos tenho essa consolação!... (*reparando bem n'elle*) Ora espera! Vocemecê é que foi quem me fez favor hontem de emprestar... (*rapidamente*) O José Carocha já lhe pagou?

FREDERICO (*sorrindo*).

Já, sim... Não fallemos n'isso. A avó sabe da desgraça que aconteceu a seu pae?

MARIA.

Nada, não senhor; Deus me livre! Era capaz de vir por ahi fóra!... Deus sabe quanto me custou enganal-a para vir aqui! Parece-me que foi a primeira vez que lhe *preguei* uma mentira! Disse-lhe que ia á loja d'um marceneiro nosso conhecido, que mora lá pertinho de casa, a vêr se elle me mandava algumas cadeiras para pôr

palhinha; e ella acreditou! Mal sabe para onde eu vim, coitada!

FREDERICO.

Ella, então, é muito amiga de seu pae, não?

MARIA.

Pois isso pergunta-se?! Se ella e eu não fossemos amigas d'elle, (*com um suspiro*) quem é que o havia de ser, com o genio que tem!...

FREDERICO.

Mas... peço-lhe perdão de fallar, talvez, com demasiada franqueza; porém o interesse que m'inspira... Parece-me que seu pae não é muito digno d'essa amizade.

MARIA (*rapidamente.*)

Ao contrario, meu senhor! Por isso é que eu disse: — *se nós o não fossemos, quem o havia de ser?* — O pae, depois que se metteu n'aquelle vicio do vinho, perdeu todas as suas amizades! Os senhorios já o não chamam para os concertos das casas; os do officio não querem saber d'elle... emfim é uma desgraça!

FREDERICO.

Mas, como tem um grande protector, o senhor Visconde de S. Silvestre, que, por motivos que a menina deve sem duvida saber...

MARIA.

Não, meu senhor, não sei o motivo; sei que elle lhe dá dinheiro todos os mezes, e que... (*como tomada por uma idéa*) Ah! Quem sabe se foi para se vêr livre d'elle, que o atropellou hontem com a carruagem?

FREDERICO.

O que!? pois julga?...

MARIA.

Não, não; não póde haver um homem com tão mau coração!

FREDERICO.

E sua avó tambem não saberá o motivo d'essa esmola... d'esse soccorro mensal dado a seu pae?

MARIA.

Creio que sabe, mas nunca m'o quiz dizer... Prometteu-me que em eu sendo mais mulher, me havia de contar coisas a respeito da nossa familia, mas...

FREDERICO (*machinalmente e com tristeza*).

Da nossa familia!...

MARIA (*admirada*).

Que disse, meu senhor?

FREDERICO (*com alguma repugnancia*).

Menina Maria, peço-lhe encarecidamente, que me não trate com tanta submissão! Esse — meu senhor — constante... afflige-me, desgosta-me. (*Á parte*) Recorda-me o passado!... *Meu senhor!...* foi a primeira phrase que o escravo soube dizer!

MARIA (*que foi espreitar á porta do quarto*).

Se ao menos podésse vêr...

FREDERICO.

Demore-se: o senhor Doutor, que não a chama, é porque ainda não julga possivel...

MARIA.

Estou tão impaciente!

FREDERICO.

Isso prova o seu amor filial, e por consequencia a bondade do seu coração. Mas... espere mais alguma coisa.... não devemos ir contra as ordens do senhor Doutor.

MARIA.

Deus me livre! Ainda em cima!... Mas estar aqui tão perto d'elle, e...

FREDERICO.

Tenha paciencia! Converse comigo para matar o tempo: ou não gosta de conversar comigo?

MARIA (*aproximando-se*).

Ao contrario! Não sei por que, mas, sendo eu quasi sempre tão acanhada, estou á minha vontade quando fallo com o senhor, que.... sim, que me parece um grande *figurão!...*

FREDERICO.

Então sympathisa comigo?

MARIA.

Muito! e estou certa que á *avósinha* tambem lhe ha-de succeder o mesmo. E' que não faz idéa! Estamos tão costumadas a não fazerem caso da gente os senhores *finos*, que quando apparece algum que nos trate bem...

FREDERICO.

A sua casa não vae ninguem que seja... *fino*, como disse?

MARIA.

Qual historia! Quem quer nada com os pobres?! Só lá vae ás vezes o mestre marceneiro de que já fallei; e é só quem lá entra de sobrecasaca. Os mais passam pela rua, mettem a cara, dizem-me coisas que eu não entendo, e mais nada. Tambem deixal-os! São tão atrevidos! E' por isso que eu gosto de fallar com o senhor. Ainda me não disse nada do que elles me costumam dizer... Olhe, se eu tivesse um irmão, parece-me que havia de ser assim amiga d'elle como sou de vocemecê.

FREDERICO *(pegando-lhe na mão commovido)*.

Nunca tive ninguem que me dissesse isso, menina Maria! Não faz idéa do prazer, que me causa essa sua linguagem. (*Outro tom*) Pois deixe estar! Hei-de estimal-a, hei-de tractal-a como se fosse isso que disse! Quer?

MARIA.

Quero.

FREDERICO.

Ha-de levar-me á sua avó, e dizer-lhe isto mesmo, sim?

MARIA.

Pois sim... Mas porque motivo se interessa o senhor tanto pela gente?

FREDERICO.

Porque? Sabêl-o-ha. (*Á parte*) Parece-me que não viverei só no mundo, por mais tempo. Se ella chegasse a amar-me!...

SCENA VI.

OS MESMOS, JOSÉ E PEDRO.

PEDRO *(ao fundo para elle)*.

Espere-o aqui, que está lá com um doente.

JOSÉ (*submisso*).

Sim, senhor; apesar de que a esse mesmo doente é que eu desejava fallar.

PEDRO.

Pois espere pelo senhor Doutor. *(Sáe, e José desce a scena).*

MARIA *(correndo para elle).*

Olha o senhor José!

FREDERICO *(á parte e tristemente.)*

Parece-me que cheguei tarde!

JOSÉ.

Vocemecê aqui, menina!... (*Vendo Frederico, baixo para ella*) Este é o *janota* da *tasca* da tia *Gitrudes*... Elle é que é o medico?

MARIA.

Não, o medico é o mais velho... Está lá dentro com o pae, e eu á espera de lhe poder fallar...

JOSÉ *(para Frederico).*

Ás ordens de V. S.ª, meu senhor... Queira desculpar a demora, mas... (*apresentando-lhe dinheiro*).

FREDERICO.

O que é isso?

JOSÉ.

O dinheiro que fez favor de nos emprestar hontem...

FREDERICO *(acceitando-o).*

Ah!

MARIA.

Pois não estava pago!?... Mas vocemecê disse-me...

FREDERICO.

E' que já me não lembrava. *(Sorrindo contrafeito para José)* Vocemecê, segundo vejo, é o banqueiro d'esta menina?

JOSÉ (*sem intender*).

O banqueiro?!...

FREDERICO.

Sim... o caixa, o thesoureiro...

JOSÉ.

Ah! agora percebo o que V. S.ª quer dizer... Não é isso, não, senhor; sou devedor a ella e á avó; por consequencia... pago.

FREDERICO.

Devedor!... Como?...

MARIA.

Não vê que a mãe do senhor José ganha a sua vida a

fazer os jalecos dos marujos lá para o Arsenal, ou o quer que é: e como não tem tempo, eu e a avó é quem lavamos e engommamos o senhor José, que nos paga o nosso trabalho, da feria que tem na fabrica do tabaco.

JOSÉ.

O' menina Maria! Ora que lhe importa a S. S.ª com essas historias!? Os ricos entendem lá estes *arranginhos* dos pobres!

MARIA.

Mas como perguntou... como d'aqui por diante vae ser o nosso protector...

JOSÉ *(franzindo o sobr'olho)*.

Protector?!...

MARIA.

Sim; prometteu-me proteger-nos, a mim, e á avó... *(para Frederico)* E ao pae, sim? Veja se lhe tira aquelle vicio!... (*Impaciente*) Ih! Jesus! E o senhor Doutor sem apparecer!...

JOSÉ *(cada vez mais sombrio, e com os olhos cravados em Frederico)*.

Proteger... proteger... Mas como ha-de S. S.ª protegêl-a, menina Maria?

FREDERICO *(á parte)*.

Serão ciumes d'amante, ou d'irmão? Vejamos. (*Alto*) Como se protege toda a gente; ou por meio de dinheiro, ou de credito. Póde, por exemplo, estabelecer-se uma loja de... de qualquer coisa...

JOSÉ *(aterrado)*.

Um estabelecimento!... (*Ancioso*) E a menina Maria acceita?

MARIA.

Se salvarem o pae, hei-de acceitar tudo quanto estes dois senhores quizerem dar-me! Era ser ingrata recusar os beneficios de quem se nos mostra tão affeiçoado! (*Vae observar á porta do quarto*).

JOSÉ *(tremulo)*.

E... e o senhor.... Percebo!... (*Á parte*) Em que isto havia de vir a parar!

FREDERICO.

O senhor, se me não engano, é que não fica satisfeito de...

JOSÉ *(a meia voz)*.

E' uma rapariga virtuosa!... Podia achar um marido da sua *igualha*, que a fizesse bem feliz!... Paciencia! Eu cá não *mando* nada!... (*Com força*) Se *mandasse!*..

FREDERICO.

O que fazia?

JOSÉ.

O que fazia!? (*Com força, mas sempre a meia voz*) Mandava ao diabo a protecção, que começa com vestidos de sêda, e acaba quasi sempre em trapos de chita!

MARIA (*que ouvio as ultimas palavras*).

Que quer vocemecê dizer, senhor José?!

JOSÉ.

Quero dizer, menina Maria, que o pão do operario é mais duradouro do que a esmola *interesseira* do fidalgo! (*Suffocado de cólera e pesar*) Com sua licença! (*Querendo sahir*).

SCENA VII.

OS MESMOS E O DOUTOR (Á PORTA DO QUARTO).

DOUTOR.

Póde entrar, menina.

MARIA.

Vae-se embora, senhor José?!

FREDERICO (*baixo para elle e segurando-o*).

Vá vêr o pae d'essa menina, senhor José. Dou-lhe a minha palavra de honra, que os meus sentimentos são tão puros, como esse amor que vocemecê ahi tem no coração!

JOSÉ *(socegando rapidamente e á parte)*.

Quem sabe conhecer uma coisa d'estas é porque tambem é capaz de a sentir: e quem a sente... é homem honrado! (*Alto para Maria*) Vamos lá fallar a seu pae, menina Maria. (*Entra no quarto com ella e com o Doutor*).

SCENA VIII.

FREDERICO *(seguindo-os com a vista e com profunda tristeza)*.

Porque será que não conheço outra felicidade, além da que provém da riqueza?!... Felicidade ephemera, que ha-de morrer no dia em que eu trocar a minha ul-

tima libra! Porque será, que possuindo um coração susceptivel dos sentimentos, que produzem a verdadeira felicidade, hei-de viver e morrer, sem dar uma expansão a estes sentimentos?! E' sina? Viverei e morrerei só no mundo? Será crivel que Deos castigue n'um filho innocente os crimes d'um pae criminoso!... (*Com repugnancia*) Oh! não é possivel! No dia em que eu adquirir esta convicção, serei o mais desgraçado dos homens, porque o verdadeiro scepticismo é a verdadeira desgraça! No entanto... qual é o horisonte de ventura que vejo sorrir-me, no meio d'este meu isolamento? Nenhum! Quando cheguei á idade em que podia comprehender, e gosar tudo quanto havia de sublime no amor de minha mãe... morreu! Procuro meu pae; acho-o, depois de mil investigações, depois de muitos annos. Imaginei que poderia encontral-o regenerado e disposto a supprir o lugar de minha mãe; acho um homem frio, impassivel, gosando o fructo d'uma infamia, involvido n'uma atmosphera de politica; mercadejando com a sua opinião, e orgulhoso como todos os que vêem o mundo curvar a cabeça diante do seu ouro! E eis-aqui meu pae! Um homem sem coração, e que odiará de morte aquelle, que o encarar bem de frente, e lhe disser — conheço-te! És um plebeu! O teu dinheiro é roubado! Tenho aqui as provas da tua infamia!... — Um pae ouvir isto a um filho!... Poderá amal-o? Será bastante o instincto do coração, a força da natureza para calcar aos pés o orgulho d'homem, e pedir perdão ao filho da nodoa que lhe deixou por herança, dizendo-lhe: — És meu filho!... Quero amar-te como tal! — Não, um homem com semelhante indole não póde dizer isto, e se o disser é... comedia! Por consequencia... eis-me só, sempre só! Vi aquella rapariga innocente, sem a affectação d'essas ingenuas que tenho visto representar no grande theatro do mundo: imaginei que poderia amal-a e ser amado; e lá veio aquelle operario, com a sua linguagem rude, mas bem expressiva, fazer calar esta esperança, que me soava no coração como um hymno d'amor! E dizem que o dinheiro é a felicidade positiva! E dizem que o dinheiro compra tudo!... Pois bem, sou rico; muito rico! dou metade da minha fortuna a quem com a outra metade

*

me comprar o que procuro, uma alma que comprehenda a minha, um coração que me tenha amor! Tambem isto se poderá comprar? (*Depois de pausa*) Só se fôr em algum mercado d'infamias, ou na praça d'esse mundo dos casamentos *de conveniencias!* Mas ahi a venda é uma burla, porque o objecto é fingido; a compra uma indignidade, porque é a *escravatura* das mulheres que tiveram a desgraça de nascer em altas posições sociaes! Depois de vendidas muitas vezes por um especulador de pergaminhos a um especulador de dotes, o isolamento do coração continúa, e quando esse isolamento cessa, ou vem a desgraça, ou vem a deshonra! (*Depois de pausa*) Decididamente não é o ouro que dá a verdadeira felicidade!

SCENA IX.

FREDERICO E A BARONEZA (COM UM TOILETTE MUITO ELEGANTE, MAS SIMPLES).

BARONEZA *(fallando para dentro).*

Não é preciso incommodar S. S.ª, esperarei aqui.

FREDERICO (*vendo-a, e á parte*).

Se esta mulher tivesse coração!... Ora... uma Baroneza... viuva! Não é possivel!

BARONEZA (*descendo á scena*).

Oh! agradavel surpreza, senhor Lucena!

FREDERICO *(cumprimentando-a).*

De certo que o é para mim, minha senhora!

BARONEZA (*á parte*).

Esperava fallar ao *advogado*, encontro o proprio *constituinte:* melhor! Começo bem o dia!

FREDERICO.

V. Ex.ª vem visitar o senhor Doutor Aparicio?

BARONEZA (*rindo e sentando-se*).

Sim, e não.

FREDERICO (*sorrindo*).

E' um pouco difficil de comprehender essa phrase, senhora Baroneza.

BARONEZA.

Não acho. Venho visital-o, visto que estou aqui, e não vim, porque só a annuencia a um convite que elle me dirigio, me obrigaria a sahir de casa a esta hora.

FREDERICO (*sentando-se*).

Não quero saber os seus segredos, senhora Baroneza; mas desejava que me assegurasse, que o convite do Doutor não é para tratar da saude de V. Ex.ª

BARONEZA.

Não; sinto-me perfeitamente: e para o socegar de todo, vou dizer-lhe de que genero é o convite do nosso estimavel Doutor.

FREDERICO (*curvando-se*).

Oh! minha senhora!...

BARONEZA.

Trata-se, supponho eu... Ah! em primeiro lugar é preciso que saiba que pertenço a uma associação de beneficencia...

FREDERICO.

Ah! V. Ex.ª pertence...

BARONEZA.

Admira-se naturalmente, porque já lhe disseram que estou pobre?

FREDERICO (*acanhado*).

Oh! minha senhora!..

BARONEZA.

Pois é verdade, estou pobre. E' o unico ridiculo d'estas associações philantropicas: encontram-se n'ellas muitas pessoas que precisam pedir para si, mas que vão pedindo para os outros. Mysterios da nossa sociedade! São muitas vezes pobres a pedir para outros pobres!

FREDERICO.

Estou certo que se torna a esmola ainda mais nobre, senhora Baroneza.

BARONEZA (*rindo*).

Pelo lado philosophico talvez; mas pelo lado do positivismo... é d'um ridiculo!... ah!... ah!... ah!... Mas agora reparo que *debutei* por fórma tal, que está certamente convencido de que tambem quero pedir-lhe uma esmola... para os meus pobres!

FREDERICO.

E quando assim fosse, senhora Baroneza? Não serei digno d'essa honra?

BARONEZA.

Oh! pois não! No entanto, como não quero ser mo-

nopolista da caridade, deixo ao Doutor o cuidado de lhe fazer o mesmo convite, que me dirigio, de obter algumas esmolas para um pobre operario, ou o quer que é, que foi atropellado por uma carruagem, e que se acha inapto para trabalhar. A' vista d'este convite, não quiz incommodar ninguem, e vim eu mesmo offerecer o que posso.

FREDERICO (*sorrindo*).

Apesar do ridiculo?...

BARONEZA.

Não; d'esta vez não o tem, porque dou o que é meu.

SCENA X.

OS MESMOS E APRIGIO.

APRIGIO (*ao fundo*).

V. Ex.as dão licença?

BARONEZA (*baixo para Frederico*).

Ora que este homem nunca me ha-de deixar!...

APRIGIO (*descendo á scena*).

Senhora Baroneza... Senhor Lucena...

FREDERICO (*cumprimentando*).

Senhor Neves.

APRIGIO.

Fui talvez indiscreto, senhora Baroneza; mas, como a vi entrar para aqui, desejei certificar-me de que não foi por mau estado de saude, que procurou o senhor Doutor Aparicio.

BARONEZA (*visivelmente contrariada, e reclinando-se no sophá*).

Ora deve convir, senhor Aprigio das Neves, que o seu zêlo para comigo chega ás vezes a ser... curiosidade!

APRIGIO (*á parte*).

Ficou desesperada por lhe interromper o dialogo. (*Alto*) Convirei; mas V. Ex.a deve tambem convir em que a sua antipathia para comigo chega a ser ingratidão!

BARONEZA.

Convenho: e como estamos na disposição das convicções, conviremos todos, que esta especie de recriminação vae-se tornando d'um ridiculo atroz, e não fallemos mais n'isto. Não acha, senhor Lucena?

FREDERICO (*sorrindo*).

Colloca-me n'uma posição difficil, senhora Baroneza! Não me atrevo a contradizêl-a, mas tambem não posso ter a sua opinião.

APRIGIO (*rindo*).

Póde têl-a á vontade, senhor Lucena! A senhora Baroneza é invulneravel ao ridiculo; tenho a consciencia que sou eu só que o mereço. N'este nosso seculo quem tem coração é o que lhe succede!

FREDERICO (*sorrindo*).

Oh! essa asserção é d'um scepticismo...

BARONEZA (*rindo*).

Proprio d'um jornalista... consciencioso!

APRIGIO (*á parte*).

Se continúas assim, passo eu a ser *mal-criado!*

BARONEZA (*levantando-se*).

Se o senhor Lucena tivesse a bondade de me indicar o quarto do doente.... O nosso Doutor deve lá estar, e creio que não levará a mal que eu lhe profane o sanctuario da sciencia.

FREDERICO.

Oh! de certo não, minha senhora. (*Mostrando-lhe o quarto*) Se V. Ex.ª quizesse ter a bondade...

BARONEZA (*dirigindo-se para o quarto*).

Muito obrigada. (*Á parte*) Escapaste-me... outra vez será. (*Alto, virando-se para Aprigio*) O' senhor Neves, olhe que o leito do moribundo é um local sagrado! Nem alli escaparei ao seu infatigavel zêlo?

APRIGIO (*rindo*).

Pelo menos, o pensamento... para lá lh'o mando, senhora Baroneza!

BARONEZA (*com ironia*).

Muito obrigada! (*Entra no quarto*).

SCENA XI.

FREDERICO E APRIGIO.

APRIGIO (*rindo*).

E' a mulher mais enfatuada que eu conheço!

FREDERICO.

Esse adjectivo não é dos que mais expressam o amor!

APRIGIO (*rindo*).

Amor!... ah!... ah!... ah!... Pois o senhor ainda acredita n'isso?

FREDERICO (*sorrindo*).

Se não acreditasse, vendo a assiduidade de V. S.ª, acabava pelo acreditar.

APRIGIO.

A minha assiduidade explica-se perfeitamente. Imaginei conseguir o que até hoje ninguem conseguio; conquistar o coração da Baroneza.

FREDERICO.

Não me parece muito facil, segundo vejo...

APRIGIO.

Qual historia! hei-de conseguil-o... se V. S.ª me não contrariar.

FREDERICO (*admirado*).

Eu?!...

APRIGIO.

Sim, V. S.ª

FREDERICO.

Não percebo.

APRIGIO.

Eu me explico. Não conhece aquella senhora? E' uma viuva.

FREDERICO (*sorrindo*).

Até ahi já sei.

APRIGIO.

Pobre... pobrissima...

FREDERICO.

O superlativo é que é novo para mim.

APRIGIO.

D'uma virtude... especulativa...

FREDERICO (*que não percebeu*).

D'uma virtude?

APRIGIO (*accentuando*).

Especulativa! (*Rindo*) Pois não percebe?

FREDERICO.

O adjectivo percebo-o claramente; a idéa é que me parece um pouco... confusa.

APRIGIO.

Eu me explico melhor. O que faz qualquer negociante quando vê que ha falta d'um genero na praça?

FREDERICO.

Vende-o mais caro se o tem.

APRIGIO.

Ou monopolisa-o até que se extinga de todo o que resta.

FREDERICO.

Certamente.

APRIGIO.

Pois é o que a Baroneza faz com o seu coração. Procura um marido, porque está perfeitamente arruinada. Mas não imagine que procura uma vulgaridade: como já foi muito rica, aspira a milionaria. Tem deitado o harpeu a differentes *cetaceos monetarios*, mas até hoje todos lhe tem fugido. Acabará, de certo, por se convencer de que não apanha nenhum, e então...

FREDERICO.

E então?

APRIGIO.

E' claro que não alcançando um marido, ha-de forçosamente ter um amante.

FREDERICO (*sorrindo*).

E' d'uma tal moralidade!...

APRIGIO.

Atroz, mas verdadeira em relação ao seculo! O monopolio da virtude nas viuvas é hoje tão especulativo como o dos cereaes; com honrosas excepções, como em tudo, já se vê.

FREDERICO.

Resta-lhe explicar-me como é que posso eu contrarial-o, segundo disse ha pouco.

APRIGIO.

D'uma fórma muito simples. Cahindo na rêde que a Baroneza tenciona armar-lhe.

FREDERICO (*carregando o sobr'olho*).

O senhor é dotado d'uma convicção!...

APRIGIO *(sorrindo)*.

Peço desculpa; mas a franqueza é um dos meus gran-

des defeitos. Vejo que V. S.ª se escandalisou, e... repito, peço perdão.

FREDERICO.

Mas realmente acredita que a Baroneza...

APRIGIO.

Imaginou prendêl-o! Estou certissimo! V. S.ª é o marido que ella sonhou, sou até capaz de apostar a minha cabeça! Não vio aquelle *toilette* pobre, porque não póde ser rico, mas mais elegante do que o do costume? Não vio aquella *raivinha* quando vim interromper o seu dialogo? Não vio...

FREDERICO (*desabrido*).

Basta, senhor Neves! Não tenho vistas algumas a respeito da senhora Baroneza; nem acredito mesmo que ella as tenha a meu respeito, e custa-me ouvil-o fallar assim d'uma senhora que me não dá motivos para a deixar de respeitar. São, sem duvida, os ciumes que lhe perturbam um pouco a cabeça...

APRIGIO (*muito sério*).

Senhor Lucena!

FREDERICO (*continuando com toda a impassibilidade*).

E como não tenho a honra de ser amigo intimo de V. S.ª, entendo que não devo ouvir-lhe essas palavras que o degradam um pouco da sua dignidade de homem de bem.

APRIGIO (*quasi colerico*).

Senhor Lucena!...

FREDERICO.

Emfim, o amor é capaz de tudo, e V. S.ª está devéras apaixonado; porém eu é que me não considero digno das suas confidencias amorosas! (*Cumprimentando-o*) Ás suas ordens, senhor Neves! (*Vae a entrar no quarto*).

SCENA XII.

OS MESMOS E A BARONEZA.

BARONEZA (*tremula de raiva*).

Senhor Lucena! (*Apertando-lhe a mão com força*) Muito obrigada! E' um homem de bem!

APRIGIO (*á parte*).

Ai!... ai!... ai!... (*Fica a roer nas unhas*).

BARONEZA.

O senhor Aprigio das Neves fez-me um serviço, que não tem paga! (*Commovida*) Fez-me nascer no coração um sentimento, que ainda não tinha experimentado: a gratidão! (*Torna a apertar a mão de Frederico*).

FREDERICO.

Mas, minha senhora, não percebo...

BARONEZA.

Ouvi tudo, senhor Lucena! Se eu quizesse descer á indignidade d'uma justificação a respeito das palavras d'aquelle senhor, tornava-me indigna de defensa tão honrosa como a sua, senhor Lucena! Não quero justificar-me: pense de mim o que quizer!

FREDERICO (*commovido*).

Mas, senhora Baroneza... peço-lhe encarecidamente, que não dê importancia... a uma conversação de rapazes...

BARONEZA.

Quer defendêl-o?!...

APRIGIO (*á parte*).

E' preciso sahir d'esta pessima posição! (*Alto com muita delicadeza*) Nunca precisei de advogados, senhora Baroneza. Sei defender-me perfeitamente.

BARONEZA (*tremula*).

Pois bem; vae proval-o, porque eu... eu é que vou agora accusar o senhor!

FREDERICO.

Mas, minha senhora!..

BARONEZA (*com a voz abafada pela cólera e nervoso*).

Explico-me em poucas palavras! O senhor Lucena conhece perfeitamente a sociedade. Sabe que ha n'ella uns entes parasitas, que se agarram ás abas da casaca d'um homem de posição elevada, e que vivem das migalhas d'esse homem, como os cães sem dono!

APRIGIO (*com todo o descaro*).

Permitta-me que lhe observe, senhora Baroneza, que a comparação está pouco harmonisada com a nossa elegante phraseologia!

BARONEZA (*sem lhe responder*).

Estes entes sem sentimentos d'homem, sentam-se á mesa dos grandes, apparecem nos seus camarotes, nos seus bailes, por toda a parte, emfim, onde se junta uma sociedade escolhida, e onde o seu officio é comer, beber, e dizer mal! Sujam com a lingua depravada a reputação das mães, filhas, e esposas, de quem lhes dá tudo aquillo, e, como para complemento da sua elegancia, precisam d'uma amante; ai da desgraçada para quem elles lançam os olhos! A deshonra é certa: ou falsa ou verdadeira é inevitavel! Se lhes dá attenção (*com profundo desprêso*) que maior deshonra póde haver?! Se lh'a não dá, aquellas linguas malditas lá a vão desacreditar por toda a parte em vingança do orgulho offendido! (*Depois de pausa*) Conhece homens d'estes, senhor Lucena?

FREDERICO.

Conheço, minha senhora; e dá-me que scismar como é possivel que a sociedade os conheça e os conserve no seu seio!

APRIGIO (*á parte*).

Estou fazendo uma bonita figura, não tem duvida! Só com um grande descaramento é que posso sahir airoso! (*Senta-se muito commodamente*).

BARONEZA.

A sociedade conhece-os; mas estão de tal fórma ligados a ella, que os não póde repellir.

FREDERICO.

Se V. Ex.ª me explicasse d'onde provém essa impossibilidade...

BARONEZA.

E' facil. Sei por exemplo d'um (*lançando um olhar fulminante sobre Aprigio*) que escolheu para seu *sustento* (deixe-me assim dizer) uma notabilidade respeitada pela sua posição e pelo seu dinheiro. Esta notabilidade, no meio dos *vaivens* da politica, adquirio um nome importante. Achou um dos taes parasitas, que relacionado com quasi todo *o mundo jornalista*, escreve artigos dictados *conscienciosamente* pelo *amo*, que lhe paga em dinheiro e em consideração. O tal parasita não era muito conhecido no mundo, mas, á força de apparecer nos bailes, nos camarotes e nos jantares do *amo*, foi adquirindo certa

consideração, e quando hoje se pergunta — quem é aquelle homem? — responde-se — é um amigo intimo do senhor Visconde de S. Silvestre! — Se alguem sabe d'onde provém essa amizade, qual é a verdadeira posição d'aquelle homem, e que por consequencia o quer repellir de si, ouve logo milhares de vozes que lhe gritam aos ouvidos: Então quer escandalisar o heroe da época, o senhor Visconde de S. Silvestre, o *homem milhão!* — A' vista d'este ultimo nome, a consciencia verga, a honra cala-se, e os braços abrem-se para receber n'elles á infamia personalisada n'aquelle homem! (*Depois de pausa causada pela emoção*) Aqui tem o mundo, senhor Lucena. Aqui tem o daguerreotypo do senhor Aprigio das Neves! Agora acredite-o, se podér! Em quanto a mim, com a consciencia tranquilla, e convencida de que lhe fiz um serviço, agradeço até ao acaso este episodio, que... que me incommodou bastante, mas que me fez encontrar mais um homem honrado! E se a esse homem póde servir d'alguma coisa o coração d'uma mulher pobre... (*suffocada pelos soluços*) deixo-lh'o aqui ficar em paga do seu cavalheirismo! (*Aperta-lhe a mão convulsivamente e sáe*).

FREDERICO (*assombrado*).

Será verdade!!?

APRIGIO (*soltando uma gargalhada*).

Ah!... ah!... ah!... Para tal conclusão era escusado semelhante exordio! Vio a rêde escondida n'aquelle mar de lagrimas, senhor Lucena?

FREDERICO (*depois de pausa e de olhar profundamente*).

Talvez; mas como vejo tambem a infamia estampada n'esse rosto sem vergonha, não sei a quem hei-de dar credito. (*Volta-lhe as costas e entra no quarto*).

APRIGIO (*que ficou espantado a olhar para elle*).

Ora esta! Decididamente estou hoje d'uma infelicidade estupidissima! O diabo é que elle acreditou-a! Podéra! Se ella chorou!... E' a arma invencivel das mulheres! (*Depois de pensar*) Esta só pelo diabo! Já agora, só o que me faltava, para o completo ridiculo, é que o Lucena se namore da Baroneza, e case com ella! Nada! E' preciso muito estudo, muita cautela, e muita intriga!

(*Rindo*) A vida é curta; gosal-a é tudo; mas gosal-a á custa dos mais... eis o principio da minha philosophia! Por consequencia, nada d'esmorecer! Ávante! (*Sáe pelo fundo*).

SCENA XIII.

DOUTOR E FREDERICO.

FREDERICO.

Não quiz fazer-lhe perguntas diante d'aquella pobre gente, porque não sei que resposta me daria. Como acha o doente?

DOUTOR.

Está salvo.

FREDERICO (*alegre*).

Salvo?!

DOUTOR.

Sim, não apparecendo outra vez a febre: o mais são pequenas contusões, que se hão-de curar depressa.

FREDERICO.

Ainda bem! Mas não me disse que tinha o peito despedaçado?

DOUTOR (*sorrindo*).

Disse: isso que prova? enganei-me. O senhor persuade-se que a sciencia é infallivel no primeiro golpe de vista?

FREDERICO.

Não creio senão em uma infallibilidade; é a de Deos.

DOUTOR.

E tem razão.

FREDERICO (*depois de silencio*).

Não sei se sabe que tenho muito de que lhe ralhar.

DOUTOR.

Sim? De que?

FREDERICO.

Pois o senhor sabe que sou rico, que procuro a minha familia, e vae recorrer á caridade dos estranhos para tratar um parente meu!

DOUTOR (*rindo*).

Eu lhe explico; é mais uma excentricidade minha. Tenho por costume gastar o meu dinheiro com os pobres...

FREDERICO.

Bem sei: dá-lhe a vida por dois lados.

DOUTOR (*um pouco desabrido*).

Isso cheira-me a elogios, e bem sabe que os detesto! O que faço não é nem por bondade, nem por especulação.

FREDERICO (*sorrindo*).

Então porque é?

DOUTOR.

Por mania! Todos nós a temos mais ou menos. A minha é de não guardar o dinheiro. Tambem para que o queria eu com esta idade?!... Dou-o aos meus doentes pobres; e apesar de que muitas vezes, quando se restabelecem vão logo embebedar-se á minha custa; isso mesmo me serve de proveito, porque rio a bandeiras despregadas de vêr como a humanidade considera a vida! Ha tempos fui a casa d'um pobre diabo, que padecia d'uma hydropesia: tratei-o, o homem ia bem, porém estava n'uma fraqueza espantosa. Aconselhei-o a que tomasse gelêas e comidas substanciaes; respondeu-me que era impossivel, porque não tinha dinheiro para tudo isso. A mania triumphou mais uma vez da algibeira, e dei o dinheiro que tinha á familia do homem, para comprar o que lhe era preciso. No dia seguinte passei por lá, e achei-o a morrer! Espantou-me semelhante phenomeno, e perguntei á familia o que motivára aquelle transtorno. Depois de muitas evasivas, vim no conhecimento de que o maldito logo depois de eu sahir vestio-se, penteou-se, e foi... Aposto que não adivinha o que aquelle bruto foi fazer? (*Rindo*) Foi aos arlequins, e depois embebedou-se! Já se vê que morreu d'ahi a doze horas! E o peor é que como gastou na taverna o dinheiro que lhe deixei, ainda em cima tive de dar á familia o resto, que levava comigo, para não verem ir o homem na tumba. Então que lhe parece? *Vão lá ser juiz com taes mordomos!*

FREDERICO.

Miserias, Doutor. Mas nem por isso o que praticou deixa de merecer o maior respeito!

DOUTOR.

Qual respeito! Esta ultima merece mas é uma gar-

galhada! Meu rico dinheiro! Mas porquê é que me quer ralhar?

FREDERICO.

Pelo que já lhe disse: eu é que sou quem deve tratar d'aquelle homem; e o senhor foi recorrer a uma pessoa, que, relativamente é tão pobre como elle.

DOUTOR.

Ah! já sabe que escrevi á Baroneza?

FREDERICO.

Se ella esteve aqui!

DOUTOR (*rapidamente*).

E foi-se embora sem deixar coisa nenhuma?

FREDERICO (*sorrindo tristemente*).

Deixou... Deixou-me... saudades!

DOUTOR (*ingenuamente*).

Para mim? Mas o que eu queria era dinheiro!

FREDERICO.

Se ella não o tem, como o havia de deixar!

DOUTOR.

Não tem! Ora essa! Então quarenta e cinco libras que me ganhou antes d'hontem, não é dinheiro?

FREDERICO *(sorrindo)*.

Pois ainda se lembra d'isso?

DOUTOR.

Podéra não! Aquelle dinheiro, attendendo á minha mania, não era meu! Por consequencia, não faz favor nenhum a senhora Baroneza se me mandar metade, pelo menos.

FREDERICO.

Mas agora é d'ella.

DOUTOR.

De facto, mas não de direito! Homem, o jogo por mais licito que seja, é sempre um roubo, em que ha réos e co-réos. Os réos... isto é, as verdadeiras ladras são as cartas; e os co-réos são os que sabem ganhar com ellas. Isto é logico!

PEDRO *(entrando com um pequeno pacote de papel e uma carta)*.

Aqui está isto, que trouxeram para V. S.ª (*Dá-lhe o embrulho e a carta, e sáe*).

DOUTOR (*desembrulhando e contando libras*).

Olá! vinte libras!... (*Depois d'abrir a carta*) Da Baroneza!... Estava o diabo atraz da porta! (*Lendo*) « Pre-« sadissimo Doutor: fui a sua casa em cumprimento do « convite que me dirigio de soccorrer um infeliz; porém « certo incidente me obrigou a sahir quasi louca, e sem « me lembrar do motivo, que ahi me levava. Peço des-« culpa de não ir eu propria participar da generosidade « de V. S.ª, mas o meu estado de saude me obriga a re-« colher-me á cama. Se se dignar visitar-me, muito obri-« gada lhe ficará a sua attenta veneradora &c. (*Acabando de lêr, muito satisfeito*) Bravo, senhora Baroneza! Está perdoada por mim de todos os seus defeitos de mulher. (*Guardando as libras na algibeira*) Agora tenho quasi a certeza de que posso á minha custa tratar bem toda aquella gente! (*Apontando para o quarto*).

SCENA XIV.

OS MESMOS E MARIA.

MARIA (*correndo*).

O' senhor Doutor! senhor Doutor! Não lh'o disse eu! Ahi está a avósinha. Ainda doente, e sahio para o meio da rua, apenas soube... Valha-me Deos!

DOUTOR.

Então aonde está ella?!

MARIA.

Está lá no quarto, agarrada ao pae que é capaz de o afogar!...

DOUTOR.

Mas por onde entrou ella?!

MARIA.

Pela outra porta que deita para a escada! Vinha a subir, sentio gemer o pae, e agora o vereis! Pôz-se a fazer uma bulha á porta, que não tive remedio senão ir abrir-lh'a!

DOUTOR (*zangado*).

Ahi está! ahi está! Em risco de apanhar algum golpe d'ar!... Que gente!

SCENA XV.

OS MESMOS E PEDRO.

PEDRO *(para o Doutor)*.

O senhor Visconde de S. Silvestre deseja fallar a V. S.ª

DOUTOR (*que ia a entrar no quarto*).

Que diabo de confusão!... O' senhor Frederico, tenha paciencia; veja lá se a velha precisa d'alguma coisa, que eu já lá vou!... Parece que me entrou o diabo em casa!

MARIA (*para Frederico*).

Venha, venha vêr se socega mais a avó!...

FREDERICO (*á parte*).

A minha segunda mãe! Ha muito tempo que não tenho um dia tão feliz (*Entra no quarto com Maria*).

SCENA XVI.

O DOUTOR, DEPOIS O VISCONDE.

DOUTOR (*para Pedro*).

Mande entrar S. Ex.ª (*Pedro sáe*). O que me quererá aquelle honradissimo tratante! E' singular! Com este barulho todo é que estou satisfeito! O pae, a filha, e agora a avó!... (*Esfregando as mãos*) *Caspite!* Já tenho em que possa gastar as vinte libras da senhora Baroneza... minhas quero dizer!

VISCONDE (*entrando*).

Senhor Doutor...

DOUTOR (*mostrando-lhe uma cadeira*).

Senhor Visconde... (*Sentam-se*) Estava bem longe d'esperar semelhante honra!

VISCONDE (*sorrindo*).

Ainda que não sou conhecido como homem caritativo, julgava que V. S.ª me esperasse, depois d'aquelle desagradavel incidente d'hontem.

DOUTOR.

Ah! quer fallar do pobre homem, que V. Ex.ª atropellou...

VISCONDE (*sorrindo sempre, mas visivelmente preoccupado*).

Não fui eu, foram os meus cavallos, ou antes o estado d'embriaguez d'aquelle desgraçado. No entanto, fosse qual fosse o motivo, quero soccorrêl-o, se V. S.ª não se oppozer... porque, segundo me consta, tem-n'o em sua casa?...

DOUTOR.

Sim senhor.

VISCONDE.

E... está realmente muito molestado?

DOUTOR.

Bastante; a febre, porém, foi o que mais cuidado me deu. Foi temivel! (*Á parte*) Hei-de assustar-te devéras! (*Alto*) Teve delirios, como ha muito tempo não vejo!

VISCONDE (*estremecendo*).

Ah! tem delirado?!...

DOUTOR.

D'uma fórma horrivel!

VISCONDE.

E... já se vê, n'esses delirios ha-de ter proferido o meu nome... (*rindo affectadamente*) talvez amaldiçoando-me... chamando-me assassino...

DOUTOR (*sorrindo*).

Tudo isso, já se vê; mas a maior mania é que... (*rindo*) uma extravagancia!...

VISCONDE (*tremulo*).

A maior mania é?

DOUTOR.

Effeitos da febre!... Coisas a que estou muito habituado, e a que dou valor, porque me servem d'estudo, mas que a V. Ex.ª de certo não interessam nada.

VISCONDE (*levantando-se impaciente e disfarçando*).

Mas, Doutor... esse homem interessa-me, depois que... sim, depois que me considero a sua desgraça, e...

DOUTOR (*á parte*).

Nem elle sabe o que ha-de dizer!

VISCONDE.

E desejava que me revelasse qual era a mania predominante d'esse homem. No seu delirio disse V. S.ª, que...

*

DOUTOR.

Entre outras muitas loucuras, imaginou ser nobre, e... (*Parando*) Ah! mas isto é uma caricatura!

VISCONDE (*impaciente*).

Diga, Doutor!

DOUTOR.

Imaginou que era irmão...

VISCONDE (*rapidamente*).

Meu?

DOUTOR.

Exactamente, de V. Ex.ª (*Com muita ingenuidade e admiração*) V. Ex.ª tem o privilegio d'adivinhar?

VISCONDE (*depois de silencio*).

Doutor, esta posição falsa incommoda-me! Quando no caminho da vida se encontram dois homens d'intelligencia, a comedia é impossivel!

DOUTOR.

Sou d'essa opinião: e parece-me que V. Ex.ª não é eximio no genero!

VISCONDE (*olhando em roda*).

Estamos sós, Doutor?

DOUTOR.

Creio que sim.

VISCONDE.

Pois bem, esse homem... é meu irmão.

DOUTOR (*com um espanto exagerado.*)

Ah!... ah!...

VISCONDE.

Ouça, Doutor. Um homem d'intelligencia elevada, consegue por meios licitos collocar-se muito acima da classe em que nasceu. Pergunta-se: Este homem merece elogio ou censura?

DOUTOR.

Toda a gente ha-de dizer, que merece... uma ovação!

VISCONDE.

Pois bem; eu estou n'esse caso. Meu pae era um homem da plebe; deu-me uma educação ordinaria, mas eu, aspirando sempre a grandes coisas, sahi do paiz, trabalhei, e fiz fortuna. Depois d'alguns annos voltei para Lisboa, e achei minha familia... como d'antes. Minha mãe continuava a ser uma mulher do povo, perfeita-

mente impossivel de se tornar senhora, e meu irmão um operario sem a mais pequena propensão para se nobilitar. O que faria o Doutor no meu caso?

DOUTOR *(com ironia muito disfarçada)*.

Eu, para não achar entorpecimentos na minha carreira, e viver nobremente na classe onde me havia collocado, separava-me da familia, sustentava-a por *detraz da cortina*, e... tinha, creio eu, cumprido a minha obrigação.

VISCONDE *(contente)*.

Exactamente o que eu fiz! Accrescentando, porém, mais uma medida de precaução. Como receava sempre que se soubesse do meu ridiculo parentesco, prohibi expressamente a minha mãe, e a meu irmão, que dissessem quem eu era ; e para melhor o conseguir, (*rindo contrafeito*) metti-lhes na cabeça que tinha commettido um crime n'essas terras por onde andei, e que perigava por consequencia a minha vida, se descobrissem quem eu era.

DOUTOR *(fingindo ingenuidade)*.

Ah! V. Ex.ª metteu-lhes isso na cabeça?... Por isso o pobre diabo fallava tanto n'um roubo, que V. Ex.ª tinha commettido!... (*Rindo*) Ah!... ah!... ah!... Como ellas se armam!

VISCONDE *(cada vez mais tremulo)*.

Ah! elle disse-o?... Veja que perigo, Doutor! Olhe se alguem o ouvisse!...

DOUTOR.

E' verdade: nunca é bom uma cousa d'essas, nem mesmo estando-se innocente! Seu irmão...

VISCONDE (*olhando em roda*).

Mais baixo, Doutor!

DOUTOR (*abaixando a voz*).

Seu irmão é perigosissimo! Está tão crente n'essa historia do crime de V. Ex.ª, que até, diz elle, é o motivo de se embriagar tanto a miudo. Diz que é realmente triste, que vivendo elle sempre com honra, não ganhe para o mais essencial ; e que seu irmão possuidor d'uma fortuna roubada, gose boa reputação, e viva commodamente...

VISCONDE.

Que insolente!

DOUTOR.

Diz que V. Ex.ª apenas lhe dá 12$000 reis por mez, podendo dar muito mais a sua mãe ..

VISCONDE.

Que o ganhem! Nunca sustentei mandriões!...

DOUTOR.

Emfim, diz coisas d'um compromettimento!...

VISCONDE.

Pois bem, Doutor; o senhor é um homem honrado, e fiado n'isso contei-lhe francamente o que havia com esse homem. Espero do seu cavalheirismo, que o mais profundo segredo...

DOUTOR.

Profundissimo, senhor Visconde! Elle é que não parece muito disposto...

VISCONDE (*freneticamente*).

Ha-de guardar silencio, aliás!... (*Depois de pensar*) Ha um meio d'evitar tudo isto!... Esse homem estará em estado de sahir d'aqui n'uma carruagem?

DOUTOR.

Está.

VISCONDE.

Bem. Dá licença que o leve para minha casa?

DOUTOR.

Eu não me opponho, senhor Visconde.

VISCONDE.

Tenciono mudar de systema. Recolho minha mãe: apesar das suas maneiras, que bem indicam a classe a que pertence, não é perigosa, porque uma mulher está sempre em casa. Em quanto a esse desmoralisado... depois de restabelecido, mando-o para fóra do reino, ganhando dinheiro, já se vê.

DOUTOR.

E sua sobrinha?

VISCONDE.

Ah! sim, já me não lembrava. Essa... posso mandal-a educar n'um convento.

DOUTOR (*não podendo já conter-se*).

E' um excellente meio de discrição! A mãe prêsa

n'um quarto, a sobrinha enclausurada, e o irmão... degradado! Faz-lhe honra, senhor Visconde!

VISCONDE *(espantado)*.

Que significa isso, Doutor!? Torna-se agora d'uma ironia...

DOUTOR (*desabrido*).

Pois V. Ex.ª não a percebeu desde o principio do nosso dialogo?! Fazia mais da sua intelligencia, senhor Visconde!

VISCONDE *(colerico)*.

Senhor Doutor Aparicio!... (*Mudando rapidamente de tom, como tomado por uma idéa*) Ah! (*Depois de silencio*) O' Doutor, ha homens espertos que depois de se assenhorearem de um segredo de compromettimento, gritam, ralham, protestam que vão declaral-o em voz bem alta, e por fim...

DOUTOR (*vendo que elle não continúa*).

E por fim o que fazem?

VISCONDE.

Nada; calam-se, porque aquellas ameaças eram para fazer valer mais o segredo; e... por meio de... de *dois contos de reis*, por exemplo, perdem a memoria.

DOUTOR (*raivoso*).

Então V. Ex.ª agora insulta-me!?...

VISCONDE.

Insulto-o!? Ora essa! Insultava-o, se lhe offerecesse, *verbi gratia* (*accentuando*) vinte contos de reis para me vêr livre d'aquelle homem, que me odeia, e que me ha-de perder!...

DOUTOR (*horrorisado*).

Basta! Basta, senhor Visconde! Não me colloque na posição de lhe voltar as costas!

VISCONDE.

Muito bem; vejo que é um homem honrado, e espero por consequencia, que, mesmo sem acceitar nada meu, guardará silencio, e fará diligencia para que esse homem venha para minha casa.

DOUTOR.

Senhor Visconde, como não sou denunciante, póde estar certo de que nada direi a seu respeito. Dou-lhe a minha palavra, e peço-lhe que me acredite, e que me

não mande matar por ahi ao canto d'alguma rua, que capaz d'isso é V. Ex.ª!

VISCONDE.

Enlouqueceu, Doutor!?

DOUTOR.

Não enlouqueci, já conheço perfeitamente o seu caracter, senhor Visconde! Em quanto a seu irmão... vou propôr-lhe a ida para sua casa, mas não me responsabiliso pelo resultado!...

VISCONDE (*á parte*).

E' covarde, melhor! (*Alto e sorrindo*) Vá, Doutor; vá, e seja meu amigo, que não lhe ha-de acontecer mal nenhum! Leve este dinheiro a meu irmão, e diga-lhe que estou resolvido a assegurar a sorte da nossa familia. (*Dá-lhe uma bolça cheia d'ouro*).

DOUTOR (*tomando-a machinalmente, á parte*).

O maldito é capaz de me mandar assassinar, com mêdo de que o descubra á policia! (*Vae a entrar no quarto*).

SCENA XVII.

OS MESMOS, FREDERICO, MARIA, VICENCIA, E JOSÉ.

(*Vicencia pálida e tremula, tira a bolça das mãos do Doutor, e fica com os olhos cravados no Visconde*).

VISCONDE (*á parte aterrado*).

Minha mãe!!...

VICENCIA (*depois de silencio e tremula de raiva*).

Meu filho não tem precisão das suas esmolas, senhor Visconde!! Meu filho achou um amigo, que o ha-de proteger e fazer homem de bem!! Guarde o seu dinheiro, senhor Visconde! (*Com voz cavada e terrivel*) Vá vêr se compra com elle quem assassine seu irmão!!... (*Atira-lhe com a bolça aos pés*).

VISCONDE (*aterrado*).

Uma tal accusação!... a mim!!...

VICENCIA (*no maior auge de desespêro*).

A ti!?... Quem és tu?! Ouvi tudo... alli... por detraz d'aquella porta! Percebes?! Ouvi tudo!... (*Com uma voz quasi inintelligivel*) Querias matar teu irmão!!.. (*Caminhando para elle ameaçadora*).

VISCONDE *(desorientado)*.

Não posso intender!...

VICENCIA *(agarrando-lhe n'um braço e fazendo-o ajoelhar)*.

Ajoelha, desgraçado!... Pede perdão do teu pensamento infame!... E reconcilia-te com Deus, beijando a mão de tua mãe!! (*Chega-lhe a mão aos labios.—O Visconde não podendo resistir ao contacto da mão de sua mãe dá-lhe machinalmente um beijo, e foge desorientado pela vergonha*).

VICENCIA *(chorando, e escondendo o rosto no peito de Maria)*.

E é isto meu filho!!

FREDERICO *(profundamente commovido.*

E este homem é... meu Pae!!

DOUTOR *(no centro e soltando uma gargalhada)*.

Ah! ah!... Que vergonha para um futuro ministro d'estado!

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

Um gabinete riquissimo. — Portas ao fundo e aos lados.

SCENA I.

VICENCIA E MARIA.

(Ambas vestidas decentemente, mas com muita simplicidade. Vicencia está fazendo meia: Maria sentada defronte a uma mesa pequena, mexe em dinheiro).

MARIA (*separando uma porção de dinheiro*).

Doze pintos para um chapeo de plumas... E' quanto custam, não é, avósinha?

VICENCIA.

Eu sei lá, filha.

MARIA.

Parece-me que foi o preço que ouvi dizer á filha do Capitão, á que morava lá na escada. Doze pintos para o chapeo. (*Separando nova quantia*) Meia moeda para umas botas de elastico, salto e laço. Não as quero senão assim! Um pinto para umas luvas de pellica côr de canario...

VICENCIA (*sorrindo*).

Então queres-te apresentar uma *janota* de *trus*, heim?

MARIA.

Pois não ouvio o que elle disse?

VICENCIA (*pondo os oculos na testa*).

E tu que ficaste a pular de contente!

MARIA.

Nada, não! «Quero vêl-a bem elegante» — disse elle: não tenho remedio senão fazer-lhe a vontade!

VICENCIA.

Mas diz-me cá, para que é esse dinheiro, que escondeste na algibeira?...

MARIA (*perturbada*).

Eu!...

VICENCIA (*com severidade*).

Sim! Cuidas que não vi ha bocadinho metteres na algibeira um punhado de dinheiro?!

MARIA (*levantando-se e vindo ter com ella a correr*).

Não se zangue, avósinha! Eu lhe digo para que é. (*Tira dinheiro da algibeira, e põe-no diante d'ella*) Olhe: este é para lhe comprar uma touca muito bonita; essa está alguma cousa *gêba*, e então...

VICENCIA (*sorrindo*).

Mas para quê, filha! Elle terá esses cuidados, deixa estar.

MARIA.

Qual historia! Os homens entendem lá de toucas... (*rindo*) a não ser d'aquellas, que o pae apanhava d'antes!... (*Mudando rapidamente de tom*) Ai!... perdôe, avósinha! Olhe que não é para dizer mal do pae!... Foi uma tolice... (*Outro tom, e separando dinheiro*) Este é para mandar á Josepha torta, que tinha o filho quasi a morrer; pobre anjinho! O' avó! apesar de eu ir ser uma *janota*, não devo despresar as visinhas antigas, não é assim?

VICENCIA.

Está visto que não. Se o fizesses, era um peccado mortal!

MARIA.

Qual d'elles era, avó? A gula?

VICENCIA (*com rabugice*).

Não, tola! Já te não lembras do *cataclismo!?* Era — soberba!

MARIA.

Ah! sim; a soberba! Foi o peccado do *cão-tinhoso!* Credo! (*Depois de se benzer, e continuando as suas contas*) Este é para mandar á mãe do José Carocha; coitada! a pobre mulher cada vez ganhava menos com a tal *geringonça* dos jalecos; e foi sempre muito nossa amiga.

VICENCIA.

Ah! lá isso foi! N'essa é muito bem empregado!

MARIA (*guardando o resto outra vez*).

Então, aqui está! Estão feitas as contas.

VICENCIA (*largando a meia no regaço*).

O' mentirosa! E esse resto, que guardaste sem dizeres para que é!

MARIA.

Ora... é para... O' avó, parece mal uma rapariga dar dinheiro a um rapaz?

VICENCIA.

Conforme; não é lá muito do costume, não; apesar de que ha algumas... Mas tu ainda não entendes nada do mundo. (*Tornando á idéa*) Então para que é?

MARIA.

Olhe, avó; o José Carocha sempre foi muito nosso amigo; bastantes *patacos* e *trinta-reis* nos deu a ganhar, quando o lavavamos e engommavamos; portanto... a gente não se deve esquecer d'elle.

VICENCIA.

Então que fazes tenção de lhe dar?

MARIA.

Um chapeo para sahir ao Domingo com a jaqueta nova. Coitado! Já tem o *casquete* tão *atarantado!* Parece côr de ouro!

VICENCIA.

É o maganão, ha quatro dias que estamos aqui, ainda não soube apparecer!...

MARIA.

Talvez tenha acanhamento... E' verdade que o senhor Frederico não *mette acanhamento* a ninguem. Aquillo é o que alli está! O' avó! Ainda me não diz porque é que elle nos dá tudo isto?

VICENCIA (*com mau modo*).

Ainda não! Curiosa! Para o ires *badalar* por ahi a toda a gente?

MARIA.

Eu não ia, mas... Emfim, a avó e o pae, que consentem em tudo isto, é porque lá tem as suas razões, e não parece mal.

SCENA II.

AS MESMAS E MANOEL FORTUNATO (DE CHAMBRE, PÁLLIDO, E CUSTANDO-LHE AINDA ANDAR).

FORTUNATO.

O' mãe! Então vocemecê não quer vêr o *balandrau* que aquelle diabo me fez vestir!...

VICENCIA (*levantando os oculos*).

O' filho! Credo! Pareces um *avejão!*

MARIA (*rindo*).

Ena! E' um vestido de mulher!...

FORTUNATO.

Isto só pelo diabo! Eu posso-me cá ageitar a esta *farpella!* Se vocês vissem o *carapuço* que elle me mandou lá pôr no quarto, então é que vocês riam de véras! E' assim a *modos* de barrete de clerigo! Mas, coitado! bom rapaz!... Vão lá não usar do que elle dá, se querem vêr que cousa é uma cara amargurada! O' mãe, aquelle maroto do Justiniano, se nos visse agora...

VICENCIA.

Já te disse que não gosto de ouvir fallar assim de teu irmão! Deixa-o lá! Bem lhe basta a sua desgraça de ter tão mau coração! Cuidas que... (o diabo me não ouça) que não ha-de ter a paga? Deus castiga sem pau nem pedra! Que eu cá, já digo, não lhe quero mal! Sempre é meu filho!

FORTUNATO (*resmungando*).

Os diabos o carreguem! *Ha ruins, que tem ventura!*

VICENCIA (*rabujenta*).

Cala a bôca! O mesmo diria elle de ti, quando andavas sempre *como um cacho!* Anda lá, *que tens culpas no cartorio.*

FORTUNATO *(rindo).*

Tem razão, mãe! *Tu que sabes, eu que sei...*

VICENCIA.

Cala-te tu, que eu me calarei.

FORTUNATO.

Mas o que lá vae, lá vae! Agora, d'aqui por diante, muito *juizinho*, é o que se quer!

SCENA III.

OS MESMOS E JOSÉ.

JOSÉ (*dentro*).

Então, com sua licença; cá vou entrando.

MARIA (*dando um pulo*).

Ai, o José Carocha! (*Corre ao fundo*).

JOSÉ (*entrando*).

Com sua licença... (*Parando acanhado*) Ih! com os demonios!...

FORTUNATO (*sentando-se muito commodamente, e affectando maneiras afidalgadas*).

Ora entre p'ra cá, *sô* José Carocha!

MARIA (*puxando por elle*).

Entre, entre! Não faça ceremonia!

JOSÉ.

Essa é boa... eu... sim, quero dizer... Bravo! Que luxo, mestre Manoel!... (*Rindo estupidamente*) *Éna*, que *reineta!* A *sôra* Vicencia de touca!

VICENCIA (*com mau modo*).

Então que tem a touca?!

JOSÉ (*acanhado*).

Não tem nada, *sôra* Vicencia; tem... (*tornando a rir*) tem folhos á *polica!*...

VICENCIA.

Deixemos estas tolices! Como está tua mãe?...

JOSÉ (*sem poder arredar os olhos de tudo quanto o cerca*).

Ella, graças a Deus, vae vivendo... Com seus *relojos*, *assofás*... bravo! Isto está *de grande!*

VICENCIA.

O' rapaz! Eu fallo-te na mãe, e tu...

JOSÉ (*cada vez mais espantado*).

E o mestre Manoel de *saia*... Parece um rei de paus... O' mestre, já tem *relojo?*

FORTUNATO.

Não, mas... (*com muita importancia*) em podendo sahir, vou comprar um *d'escapula* d'ancora.

JOSÉ.

Caspite! Pois senhor, apanharam!

MARIA (*baixo para elle*).

Tenho aqui uma cousa para lhe dar!...

JOSÉ.

Sim?...

FORTUNATO.

Que diabo de *cochichar* é esse?

JOSÉ.

E' que... *(Baixo para ella)* O que é?

MARIA.

Logo, logo!

FORTUNATO.

Olhem que vocês... é preciso muito cuidado! Cá entre a gente não parece mal essas confianças; mas entre gente como o Frederico...

JOSÉ.

Qual Frederico?

FORTUNATO.

O Frederico... o que estava na *tasca* quando eu fui *arrombado* pela carruagem d'aquelle... figurão!

JOSÉ (*entristecendo pouco a pouco*).

Ah! pois esse é que... sim, é que lhe deu tudo isto a vocemecês?

FORTUNATO.

Foi, sim, homem! Não sabias? Então como diabo viestes cá parar?

JOSÉ.

Fui á hospedaria onde vocemecê esteve, e lá é que me disseram que tinham vindo para uma casa assim, e assim, na rua de tal... e então vim cá ter. (*Sombrio*) Com que então foi o tal sugeito que... Ora, muito me conta! Mas porque demonio...

VICENCIA.

Isso, *por ora*, é segredo; mas depressa o saberás, deixa estar.

MARIA (*baixo para elle*).

Tenho aqui dinheiro para você comprar um chapeo novo!

JOSÉ.

Dinheiro!... *(á parte)* O homem será tão maroto, que depois de me fallar em sentimentos bons, ainda esteja com o *olho* na rapariga! Quebro-lhe os ossos!

SCENA IV.

OS MESMOS E FREDERICO.

FREDERICO (*entrando*).

Bons dias. (*Apertando a mão de Fortunato*) Está melhor; não é assim?

FORTUNATO (*com importancia*).

Pois que sahi dos meus *aposentos!...*

FREDERICO.

Adeus, Maria. (*Dirige-se a Vicencia, e beija-lhe a mão*) Tambem está quasi boa, segundo parece.

VICENCIA.

Graças aos seus cuidados...

FREDERICO.

Ainda bem que veio, senhor José; estava para o procurar, ou mandar-lhe pedir o favor de vir aqui.

JOSÉ (*acanhado*).

O' senhor!... Estou sempre ás suas ordens...

FREDERICO (*para os mais*).

Façam favor de ir almoçar, em quanto eu fallo com o senhor José...

VICENCIA.

Então não almoça *com a gente?*

FREDERICO.

Hoje não posso; tenho immenso que fazer... Até logo.

FORTUNATO.

Vamos lá, que a fallar a verdade, já estou com uma *ambria!*

JOSÉ (*á parte sempre espantado*).

Isto parece sonho!

FORTUNATO (*para elle*).

Até mais vêr, rapaz.

JOSÉ.

Adeus, mestre... (*emendando*) quero dizer, senhor Manoel Fortunato!

MARIA (*baixo para elle*).

Não sáia sem me dizer adeus; veja lá!

JOSÉ (*o mesmo*).

Pois sim, mas... (*Á parte*) Isso veremos! (*Sahem todos tres*).

SCENA V.

FREDERICO E JOSÉ.

FREDERICO (*á parte*).

Vamos á primeira experiencia. (*Alto*) Ora senhor José, ha-de ter estranhado, certamente, a mudança que se operou n'esta familia, de quem o senhor é amigo intimo; e, como tal, julgo do meu dever dar-lhe algumas explicações...

JOSÉ.

Olhe, meu senhor; eu cá sou muito franco! Tanto elles como V. S.ª estão no seu direito de fazerem o que quizerem, *sem me darem cavaco*, porque eu cá não valho de nada! E se essas explicações que me quer dar são para me dizer aquillo que eu suspeito, é melhor que m'as não diga e me deixe ir embora quanto antes!

FREDERICO (*sorrindo*).

Tem um genio arrebatado, senhor José! Modere-se, e ouça...

JOSÉ (*á parte*).

A *modos* que elle quer mandar muito!... (*Alto e desabrido*) Já disse a V. S.ª...

FREDERICO.

Ouça. Sou muito amigo d'esta familia, e, por consequencia era inevitavel sêl-o tambem do senhor. Diz que é franco; pois bem, eu tambem o sou, e vou provar-lh'o. O senhor imagina, apesar do que ha dias lhe disse, que esta mudança no viver dos seus amigos importa uma deshonra para elles; não é assim?

JOSÉ.

Mas...

FREDERICO.

Seja franco!

JOSÉ (*com resolução*).

Pois sim senhor! é isso mesmo! Parece-me que vocemecê não fez isto *pelos lindos olhos* do pae, nem pelos da avó!...

FREDERICO *(sorrindo)*.

Logo, é pelos da menina Maria?

JOSÉ.

Sim senhor; está claro como a agua!

FREDERICO.

Bem; e quando assim fosse?

JOSÉ *(colerico)*.

Senhor... Não sei *a sua graça!...* Cuidei que essas coisas faziam-se, mas que havia um bocado de vergonha para não as confessar assim!

FREDERICO.

Mas não lhe confessei nada que me envergonhasse!

JOSÉ.

Ora essa!... Os senhores ricos pensam então que não é vergonhoso deshonrar uma rapariga, porque é pobre; *heim?!*

FREDERICO.

Mas quem lhe fallou em deshonra?

JOSÉ.

Quem?! Fallo eu!

FREDERICO.

Faz mal! Em vez d'imaginar que pretendo a menina Maria para minha amante, porque não imagina que a quero para minha mulher?

JOSÉ *(recuando espantado)*.

Para sua mulher!?

FREDERICO.

Sim! Não serei digno d'ella?

JOSÉ *(depois de pensar e tristemente)*.

A' vista da sua generosidade... parece-me que é! *(Á parte)* Agora é que eu fiquei de todo com a agua na bôca! *(Alto)* Mas vocemecê então... sim, quero dizer, gosta muito d'ella?

FREDERICO.

Está visto.

JOSÉ *(tremulo)*.

E ella tambem...

FREDERICO.

Não sei, mas havemos sabêl-o com certeza. Deus me livre de a constranger... Tanto que, como sei perfeitamente o amor que vocemecê lhe tem...

JOSÉ *(acanhado)*.

Eu?!...

FREDERICO.

Sim. Quer negal-o?

JOSÉ (*levantando a cabeça*).

Não senhor, não nego! Fui creado com ella desde *pequenito*, podéra não lhe ter affeição!

FREDERICO.

E ella corresponde-lhe?

JOSÉ.

Se tambem me tem amizade? Não sei; isso é lá com ella.

FREDERICO.

E' porque, n'esse caso, não quero fazer a infelicidade de ninguem. Se vocemecê entende, que póde ser seu marido, que a póde sustentar e á sua familia, torno a collocar essa gente d'onde a tirei, e não fallemos mais n'isto.

JOSÉ (*depois de pensar*).

Mas era mal feito da minha parte! Eu posso cá dar-lhe todas estas coisas, que o senhor lhe dá!

FREDERICO.

Então, não sei; decida-se. Depois de ser minha mulher, ha-de ter todas as commodidades proprias e imaginaveis; carruagens, bailes, theatros, emfim, uma vida de delicias! Do contrario, ha-de provavelmente continuar a pôr palha em cadeiras, e...

JOSÉ.

E a não ter ás vezes que comer!... Nada! Estou decidido! Case com ella!... (*Com profunda tristeza*) Dê-lhe todos esses *regalos*, que eu lhe não posso dar! Ha-de-me custar muito, mas... Ora adeus! Vou-me embora do reino, e... ha-de-me levar o diabo por lá com saudades d'ella! Paciencia! Como seja bem feliz... eu cá não valho nada!

FREDERICO.

Então está resolvido?

JOSÉ.

Estou!

FREDERICO.

E quer partir... quanto antes de Lisboa?

JOSÉ.

Quero!

*

FREDERICO.

Sem se despedir d'ella?

JOSÉ (*depois de hesitação e a muito custo*).

Sim senhor!

FREDERICO (*sorrindo e apertando-lhe a mão*).

Pois bem, partirá quando eu partir, e irá quando ella tambem fôr.

JOSÉ.

O que quer o senhor dizer?!

FREDERICO.

Quero dizer que vocemecê ha-de ir comigo, e toda a familia, para a minha terra: que lá ha-de ser o administrador d'uma fabrica de tabaco, e que, como conheci que ama sinceramente aquella menina, por isso que para a sua felicidade faria o maior sacrificio que se póde imaginar, vocemecê é que ha-de ser o marido, e não eu.

JOSÉ (*espantado*).

Ora essa!!... O senhor quer-me indoidecer!!?

FREDERICO.

Não; quero fazêl-o feliz!

JOSÉ (*radiante d'alegria*).

Mas... mas... mas porque motivo...

FREDERICO.

Porque é o amigo da minha familia.

JOSÉ.

Da sua...

FREDERICO (*sentindo passos*).

Silencio! vem alguem! Vá ter com elles, e que lhe expliquem... Mas, por em quanto, segredo!

JOSÉ (*cada vez mais espantado*).

Ora esta!!...

SCENA VI.

OS MESMOS E UM CRIADO, DEPOIS A BARONEZA.

CRIADO.

Está alli uma senhora, que pretende fallar a V. Ex.ª

FREDERICO.

Mande entrar para aqui, e ensine a este senhor onde é a sala de jantar. Vá, senhor José.

JOSÉ.

Com licença... (*Á parte*) Isto parece assim a *modos* de historia contada pela tia Vicencia! Ora não ha!

CRIADO (*fallando para fóra*).

Faz favor d'entrar, minha senhora. (*Sáe, guiando José*).

BARONEZA (*entrando, com um grande rolo de papeis*).

Senhor Lucena...

FREDERICO (*indo ao seu encontro*).

Oh! senhora Baroneza!... Se soubesse quem era, teria ido immediatamente... (*Indicando-lhe um sophá*) V. Ex.ª quer ter a bondade...

BARONEZA (*sentando-se e pondo a seu lado o rolo de papeis*).

Não sei se será occasião opportuna para tratarmos do meu negocio?

FREDERICO (*sorrindo*).

Oh! minha senhora! Era impossivel deixar de o ser! Mas, em primeiro logar, desejo ficar bem certo do seu restabelecimento.

BARONEZA (*sorrindo*).

Já lá vae: a sua visita d'hontem restabeleceu-me completamente.

FREDERICO (*curvando-se*).

Oh! minha senhora!...

BARONEZA.

Além do prazer que sempre causa a presença de pessoas como V. Ex.ª, a esperança de realisar o meu negocio operou uma completa transformação em todo o meu physico.

FREDERICO.

Oxalá que essa esperança se realise, porque advertirei a V. Ex.ª, que a esperança não é a certeza, e como não estou ainda perfeitamente orientado no seu negocio...

BARONEZA (*estremecendo*).

Talvez lhe não convenha?

FREDERICO.

Não é isso, minha senhora; talvez não possa. (*Á parte*) Segunda experiencia!

BARONEZA (*anciosa*).

Mas... já se não lembra então do que lhe propuz?

FREDERICO (*sorrindo*).

Tambem não é isso, senhora Baroneza; lembro-me perfeitamente. V. Ex.ª possue uns vinculos, que (como quasi todos os d'este paiz) estão empenhadissimos. V. Ex.ª pretende que eu pague aos credores as quantias que elles lhe adiantaram por conta das rendas, e como d'este prompto pagamento, feito d'accôrdo com elles, resultará um grande abatimento na divida, o morgado fica livre em muito menos tempo.

BARONEZA (*animando-se pouco a pouco*).

E' isso exactamente. Tem uma excellente memoria!

FREDERICO (*sorrindo*).

Sou negociante, minha senhora. Vamos agora ás clausulas do verdadeiro contracto. V. Ex.ª, depois de eu pagar aos credores, cede-me a administração do morgado, já se vê durante a sua vida; e eu cedo-lhe uma das minhas propriedades no Novo-Mexico, para V. Ex.ª gosar tambem unicamente durante a minha vida. Esta propriedade deve render pelo menos setecentos e vinte mil reis por anno, moeda portugueza. Não é este o seu negocio?

BARONEZA.

Exactamente; e não percebo como é que a um negocio tão claro não possa dar de prompto uma resposta definitiva!

FREDERICO.

Resta saber, minha senhora, o rendimento da sua casa.

BARONEZA.

Pois não lh'o disse já?

FREDERICO.

Disse, mas...

BARONEZA (*anciosa*).

Mas?

FREDERICO.

Mas... (*Á parte*) E' mais difficil do que eu pensava!... Não me posso ageitar á mascara de *villão ruim!*

BARONEZA.

Então?

FREDERICO.

V. Ex.ª orçou o rendimento da sua casa, depois de

desempenhada, em dois contos cento e sessenta mil reis; exactamente o valor da herdade que lhe hei-de ceder.

BARONEZA.

E' isso mesmo...

FREDERICO.

Resta saber se... (*sorrindo*) se V. Ex.ª não se enganou na cifra dos seus rendimentos.

BARONEZA (*estremecendo*).

Pois julgava-me capaz de o enganar, senhor Lucena?!

FREDERICO.

Não, minha senhora; mas os negocios querem-se com muita clareza.

BARONEZA *(á parte)*.

Este homem será realmente um agiota!... (*Alto e com alguma tristeza*) Aqui tem os meus titulos, senhor Lucena. (*Desenrolando os papeis*) Julguei que a minha palavra fosse bastante, para lhe evitar o incommodo de lêr testamentos, instituições, &c. Enganei-me!... Aqui estão os documentos da minha verdade! (*Dá-lhe os papeis*).

FREDERICO (*pegando-lhe, e á parte*).

Cala-te, coração! Assegura-te se é digna de ti! (*Figura que lê os papeis, mas fica observando de travez tudo quanto a Baroneza faz*).

BARONEZA (*á parte, com profunda tristeza*).

Duvidou de mim!... E' a primeira affronta atirada á minha pobreza!... E por elle!... Paciencia! (*Limpa rapidamente uma lagrima*).

FREDERICO (*levantando-se, e á parte*).

Uma lagrima!... Testemunha irrecusavel de que a vergonha existe ainda! Bem! (*Alto, dirigindo-se a uma mesa, pegando em papel e penna*) V. Ex.ª dá licença?

BARONEZA.

Pois não!

FREDERICO (*depois de escrever algumas palavras, que parece ser o resultado da somma das differentes parcellas dos papeis que ella lhe entregou, deixa ficar o papel no mesmo sitio, e torna a vir sentar-se proximo da Baroneza*).

Dois contos cento e sessenta mil reis: é exactamente o rendimento de sua casa, senhora Baroneza.

BARONEZA *(com ironia amarga)*.

Já vê que não *menti*, senhor Lucena.

FREDERICO (*fingindo sorrir com modos de protecção*).

Oh! minha senhora!... Agora vamos ao calculo do lucro ou perda. Quantos annos disse V. Ex.ª que a sua casa tinha d'adiantamento?

BARONEZA.

Oito annos.

FREDERICO.

Bem. Com licença. (*Tira uma carteirinha em que escreve*) Vejamos: oito vezes dois contos cento e sessenta mil reis, somma dezesete contos duzentos e oitenta mil reis, que os credores devem receber em oito annos. Ora, quero que pelo prompto pagamento abatam (*fazendo a conta*) a terça parte, ficam onze contos quinhentos e vinte mil reis, que eu devo dar aos credores, para ficar no goso das propriedades de V. Ex.ª (*Com rapidez*) E' muito dinheiro, minha senhora; não me faz conta.

BARONEZA *(aterrada)*.

Mas, pelos meus calculos, em menos de seis annos tirará o seu capital!...

FREDERICO.

Mas se elle me póde render mais, collocado d'outra maneira...

BARONEZA (*levantando-se, e á parte*).

Meu Deus! O que eu ia fazendo!... Amar um homem com coração d'arithmetica!... (*Alto*) Senhor Lucena, sou excessivamente franca, e vou dizer-lhe o verdadeiro motivo que me levou a propôr-lhe este negocio. Imaginei que V. Ex.ª, em vez de tratar isto unicamente pelo lado do dinheiro, olhasse tambem pelo lado dos serviços pessoaes.

FREDERICO.

Não percebo, minha senhora!

BARONEZA.

Eu me explico melhor. Quando ha dias me defendeu contra as malevolas insinuações d'aquelle intrigante, imaginei que o não fez levado unicamente pelo cavalheirismo proprio da sua elevada posição, mas tambem por alguma sympathia que eu lhe inspirasse. Hontem visi-

tou-me, e as suas palavras, a alegria que mostrava, o tempo que se demorou... (*sorrindo*) apesar da etiqueta, tudo, emfim, concorreu para eu ficar mais crente na minha primeira idéa. Vejo agora que me enganei. Ha dias, e mesmo hontem, não era a sympathia que eu devia vêr em V. Ex.ª, mas sim a delicadeza na sua perfectibilidade: hoje, que julgava encontrar bom coração disposto a fazer-me este grande serviço, acho um negociante zelando o seu dinheiro, (*sorrindo contrafeita*) o que é naturalissimo e até honroso para a classe. Já vê que sou franca. Enganei-me em tudo; por consequencia não fallemos mais n'isto... e, visto que o mundo em tudo vê ridiculos, peço-lhe que não publique o negocio que lhe propuz, para se não rirem á custa da minha pobreza. (*Cumprimentando*) Senhor Lucena... (*Ameaçando sahida*).

FREDERICO.

Perdão, minha senhora; tenho algumas coisas d'interesse para lhe dizer. (*Designando-lhe o sophá*).

BARONEZA.

Mas...

FREDERICO.

V. Ex.ª confessou que me demorei em sua casa. (*Sorrindo*) Como sou agiota, quero ser pago: V. Ex.ª ha-de demorar-se mais um instante.

BARONEZA (*sentando-se novamente e sorrindo, mas sempre triste*).

E' então mais uma divida que eu tenho... Oxalá que podesse pagar todas com tanta facilidade!

FREDERICO (*com galanteio*).

E... com tanto sacrificio?

BARONEZA.

Depois do meu desengano, confesso-lhe que o é, senhor Lucena.

FREDERICO (*sorrindo*).

Tenha paciencia, minha senhora. O *homem-dinheiro* já deu o seu *ultimatum*, e calou-se: agora vae fallar... o *homem-coração*.

BARONEZA (*com alguma alegria*).

Ah!....

SCENA VII.

OS MESMOS E O DOUTOR.

DOUTOR (*entrando*).

Então como está o nosso doente?... (*Reparando nos dois e suspendendo-se*) Ah!... perdão...

FREDERICO (*indo ter com elle*).

Venha cá, Doutor; não podia chegar mais a proposito!

DOUTOR (*descendo á scena*).

Estimo. (*Cumprimentando*) Senhora Baroneza...

BARONEZA (*correspondendo*).

Senhor Doutor. (*Á parte*) A proposito, diz elle!?... Parece-me que não!

FREDERICO (*baixo para elle*).

O' Doutor! Vae ouvir-me algumas mentiras; mas peço-lhe que não as contradiga.

DOUTOR (*o mesmo*).

Temos comedia?

FREDERICO.

Temos.

DOUTOR.

Cá estou! (*Senta-se um pouco distante*).

FREDERICO (*indo sentar-se proximo da Baroneza*).

Como eu dizia, calou-se o dinheiro e vae fallar o coração.

DOUTOR (*á parte*).

Admira, sendo comedia!

FREDERICO (*sempre para a Baroneza*).

V. Ex.ª imaginou uma sympathia; é mais do que isso; é amizade. E, não só para lh'a provar, mas tambem para pagar sua franqueza, quero igualmente ser franco. Os calculos que fiz a respeito do seu negocio, foi tudo uma comedia representada com um fim, que já não póde existir depois d'esse pedido que me fez de não divulgar a sua proposta. (*Depois de silencio*) Não desembolso os onze contos quinhentos e vinte mil reis com a sua casa, senhora Baroneza, porque... porque os não tenho!

DOUTOR (*á parte, como se se picasse*).

Primeira!

BARONEZA (*admirada*).

Não tem onze contos de reis?!

FREDERICO.

Não, minha senhora: e aqui está a comedia de que lhe fallei. O mundo julga-me rico; e vivo mais d'essa idealidade, do que das minhas rendas. V. Ex.ª foi com o mundo, e propôz-me um negocio: era preciso, para sustentar esta reputação, que eu me fizesse um verdadeiro negociante. V. Ex.ª, quando sahisse d'aqui diria talvez — é um *avarento!* — E eis o que me convinha: quem é avaro é rico. Mas, como não diz nada, porque tambem não deseja a publicidade das suas más circumstancias, de nada me servio a comedia. Repito — não tenho onze contos de reis disponiveis. Esta confissão creio que me rehabilitará a seus olhos, e me tornará digno d'essa sympathia com que V. Ex.ª me honrou.

BARONEZA *(sempre admirada)*.

De certo, mas... parece incrivel! Dizem todos que é um millionario!

FREDERICO.

Como não fui eu que fiz acreditar isso, não os contradigo, e tenho a consciencia perfeitamente tranquilla se d'essa reputação me resultar o proveito que espero. Não acha, Doutor, que não devo ter remorsos?

DOUTOR.

De certo não! (*Á parte*) Já percebi: quer ser amado qual outro Alcebiades.

FREDERICO.

Por consequencia, se pela minha reputação de rico me apparecer um bom partido, acceito-o sem o menor escrupulo.

BARONEZA.

Um bom partido... (*diligenciando sorrir*) um bom casamento, não?

FREDERICO (*observando-a bem*).

Sim, minha senhora.

BARONEZA *(visivelmente contrafeita)*.

Será facil, de certo; mas d'um grande desapontamento para a noiva!

FREDERICO *(rindo)*.

E de grande utilidade para mim! Repito, não engano ninguem: os meus rendimentos são apenas de tres contos de reis annuaes; isto, na minha patria, porque n'este paiz, attendendo á diminuição da moeda...

BARONEZA *(sorrindo, mas sempre contrafeita)*.

Mas, senhor Lucena, disse-me que ia fallar o coração, e vejo ainda o calculo nas suas palavras: terá V. Ex.ª o coração feito de oiro?

FREDERICO.

Não, minha senhora, e vou provar-lh'o. Peço desde já perdão do meu atrevimento; mas V. Ex.ª sabe os meus segredos, eu sei os seus; portanto é inevitavel uma certa confiança, que espero me desculpará. Ha entre nós um laço fortissimo que é preciso quebrar ou apertar de todo.

BARONEZA *(espantada)*.

Um laço?!

FREDERICO.

Sim, minha senhora, um laço. O' Doutor, o senhor como mais experiente no mundo, tem a bondade de nos dizer qual é o sentimento que resulta d'um serviço prestado a alguem?

DOUTOR.

Mas o sentimento para quem o pratica, ou para quem o recebe?

FREDERICO.

Para um e para outro.

DOUTOR.

Eu lhe digo, tenho visto de tudo. O mais vulgar é que, quem pratica o serviço fica sympathisando com quem o recebe; em quanto que este fica com uma certa antipathia ao outro, porque se vê na precisão de confessar-se-lhe obrigado, e, por consequencia, reconhecer-lhe uma superioridade.

FREDERICO *(sorrindo)*.

Ah! mas isso é com os maus; eu fallo... por exemplo, d'esta senhora. Ha dias defendi-a contra as injurias d'um homem sem brio. Se o não interrompesse, chegaria de certo a menoscabar a honra da senhora Baroneza, que ouvio tudo, e que tendo fallado comigo apenas duas ou tres vezes, me agradeceu por isto mesmo, creio

eu, o têl-a defendido. Eis o laço de que fallei, senhora Baroneza. Logo que se dignou exprimir-me os seus agradecimentos, uma sympathia fortissima me impelliu para V. Ex.ª; quando, porém, n'um excesso de gratidão me disse que, em paga do meu serviço, deixava-me alli... um objecto de tanto valor, da minha sympathia formou-se outro sentimento!...

DOUTOR *(á parte)*.

Aquillo será verdade?

FREDERICO.

As suas palavras, minha senhora, mudaram as nossas posições. Até alli era-me V. Ex.ª obrigada; d'alli por diante eu é que o fiquei sendo, porque me apresentou uma felicidade, que não me atrevia a esperar!

BARONEZA (*com alguma alegria*).

Uma felicidade!?...

FREDERICO.

Sim, minha senhora! E tão grande, que já não posso viver sem ella!

BARONEZA (*sorrindo com incredulidade*).

E' uma declaração que me está dirigindo.

FREDERICO (*sorrindo*).

Não foi V. Ex.ª quem primeiro m'a dirigio á sahida d'aquella casa?

BARONEZA *(turbada)*.

Porém...

FREDERICO *(rindo)*.

Contrahiu uma divida para comigo, senhora Baroneza! Não é assim, Doutor? (*Fazendo-lhe um gesto d'intelligencia*).

DOUTOR *(á parte)*.

Percebo!... (*Alto*) Não acho. Segundo o que o senhor me contou, a senhora Baroneza estava entregue n'essa occasião a dois sentimentos, que a poderiam allucinar: eram — a cólera motivada pelas palavras d'aquelle homem, e a gratidão que lhe inspiraram as do senhor Lucena.

FREDERICO.

Comtudo, semelhantes palavras...

DOUTOR.

Podiam tambem ser um calculo da senhora Baroneza

para se vingar do homem que, apesar de tudo, sabe-se que está apaixonado...

BARONEZA *(com alguma altivez)*.

Quer dizer, que liguei áquellas palavras tão nobres a idéa de uma vingança mesquinha?

DOUTOR.

As senhoras gostam muito de se vingar d'alguem por meio dos ciumes!

BARONEZA.

E' verdade; e, desgraçadamente, talvez eu mesmo praticasse essa loucura algumas vezes. Porém, como tenho coração, n'aquelle momento não vi o homem despresivel para me vingar d'elle; vi unicamente a generosidade do senhor Lucena, e... e proferi uma loucura!

FREDERICO *(com galanteio)*.

Que devo esquecer?

BARONEZA *(cada vez mais perturbada)*.

Colloca-me n'uma posição!...

FREDERICO.

D'onde poderá sahir com facilidade, respondendo-me cathegoricamente a quatro palavras que vou dirigir-lhe.

BARONEZA.

Só quatro?

FREDERICO.

Só. São estas: — quer ser minha esposa?

BARONEZA *(estremecendo d'alegria e d'espanto)*.

Senhor Frederico!...

DOUTOR *(á parte)*.

Bravo! Ainda será comedia?

FREDERICO *(sorrindo)*.

E' o resultado das suas palavras, minha senhora... *(Depois de silencio)* Sim, ou não?

BARONEZA *(depois de silencio e estendendo-lhe a mão)*.

O que *é promettido é devido!*

FREDERICO *(pegando-lhe na mão)*.

Então acceita?

BARONEZA.

Acceito.

FREDERICO.

Além de ser pouco mais de pobre, sou tambem plebeu. Tenho parentes... até operarios. — Sou filho d'uma

escrava, e... e não tenho pae! Vivo só no mundo. Quer ser a minha companhia, ir comigo para o Novo-Mexico gosar, não as commodidades d'uma capital, mas sim a vida poetica dos sertões?

BARONEZA (*com fogo*).

Quero tudo isso!

FREDERICO (*tomando-lhe a mão*).

Por amor?

BARONEZA (*a meia voz, mas com fogo*).

Por amor!

FREDERICO (*beijando-lhe a mão*).

Muito obrigado, minha senhora! E' a primeira vez que me dizem isso! E' tambem a primeira vez que amo e juro-lhe que será a ultima!

UM CRIADO (*ao fundo*).

A senhora Viscondessa e o senhor Visconde de S. Silvestre.

FREDERICO (*levantando-se*).

Ah!... Mande entrar. (*A meia voz*) Diga aos meus hospedes, que desejo que escutem a minha conversação com o senhor Visconde. (*O criado sáe*).

DOUTOR (*á parte*).

Temos tempestade!

FREDERICO (*com ternura para a Baroneza*).

Visto que me dá uma felicidade tão inesperada, quero tambem causar-lhe uma surpreza. O' Doutor, tem a bondade de lêr esse papel, que ahi está escripto por mim.

BARONEZA (*admirada*).

As contas da minha casa?!

FREDERICO (*sorrindo*).

Sim, minha senhora.

DOUTOR (*lendo*).

« Pagará ao portador, á vista d'esta minha ordem, a « quantia de onze contos quinhentos e vinte mil reis. « Lisboa, &c. (Assignado) — *Frederico de Lucena*.

BARONEZA (*espantada*).

Que significa isto, senhor Lucena?!

FREDERICO (*indo buscar o papel, que lhe entrega*).

Significa que V. Ex.ª deve quanto antes mandar alguem de confiança a casa dos correspondentes da Companhia Anglo-Mexicana, a fim de receber a importancia

d'esta ordem, que servirá para desempenhar os seus vinculos.

BARONEZA (*duvidosa*).

Mas...

FREDERICO.

E' o seu dote, minha senhora.

BARONEZA (*acceitando*).

Então... enganou-me?

FREDERICO (*sorrindo*).

Não queria um negocio: (*tornando a beijar-lhe a mão*) queria — amor!

DOUTOR.

Se todos fizessem d'essas experiencias, não haveriam tantos casamentos desgraçados! (*Apertando as mãos d'ambos*) Felicito-os sinceramente, porque estou certo de que hão-de ser muito felizes.

SCENA IX.

OS MESMOS, O VISCONDE E A VISCONDESSA.

FREDERICO (*indo ao fundo receber a Viscondessa e conduzindo-a pela mão até junto da Baroneza*).

Senhora Viscondessa...

VISCONDESSA (*depois de o cumprimentar e sentando-se junto da Baroneza*).

Querida amiga!... (*Beijam-se e ficam fallando baixo*).

VISCONDE (*estendendo a mão para Frederico*).

Senhor Lucena...

FREDERICO (*fazendo-lhe uma profunda reverencia, evitando por esta fórma tocar-lhe na mão*).

Senhor Visconde...

VISCONDE (*depois de cumprimentar por um gesto o Doutor*).

Recebi o seu convite de vir aqui; bem vê que sou pontual.

DOUTOR (*á parte*).

Parece-me que te has-de arrepender! (*Vae cumprimentar a Viscondessa*).

FREDERICO.

Agradeço muito essa pontualidade, senhor Visconde, e peço desculpa do meu convite; mas o negocio que te-

nho a tratar com V. Ex.ª é de tal qualidade, que preciso estar... em minha casa. (*Mostrando-lhe uma poltrona*) V. Ex.ª quer fazer-me a honra...

VISCONDE (*sentando-se, e á parte*).

Nós temos grandes novidades! Coragem!

FREDERICO.

Em primeiro logar, que diz V. Ex.ª das minhas plantas?

VISCONDE.

Que, até onde alcançam os meus conhecimentos topographicos, pareceram-me excellentes.

FREDERICO.

Ainda bem. Todas as fabricações que imaginei, como V. Ex.ª de certo ha-de saber, existem já no Mexico; porém não n'essa grande escala em que pretendo collocal-as. A aguardente de cajú, por exemplo, fabrica-se ainda por meios muito grosseiros, que a fazem d'um sabôr detestavel; apesar d'isto, tem um consumo extraordinario. A minha machina fará com que ella dê um lucro triplicado. A extracção dos oleos do inhambane, do mendobim, e da palma póde ser muito lucrativa, applicando-se para isso a mesma machina, com pequenas alterações. O café indigena d'Africa, pelo meu systema de cultura, deve ser superior ao que hoje se exporta para a Europa. Em fim, V. Ex.ª tem bastantes conhecimentos do terreno, creio eu, para saber...

VISCONDE (*sorrindo*).

Perdão; conheço-o soffrivelmente, depois que vi os seus apontamentos.

FREDERICO (*um pouco desabrido*).

Assim será, mas talvez V. Ex.ª se esquecesse dos paizes por onde viajou.

VISCONDE (*perturbado um pouco*).

Não é muito possivel; porém....

FREDERICO.

A memoria é ás vezes pouco fiel, quando nos achamos involvidos no mundo da politica, senhor Visconde. Mas, continuando com os meus planos, devo participar-lhe que, na minha qualidade de negociante, tenho correspondentes em grande parte das capitaes da Europa, por onde viagei. N'estas minhas viagens angariei bas-

tantes operarios, que estão dispostos a tomarem logar nas minhas fabricas, logo que por uma circular os meus correspondentes os avisem de que devem partir.

VISCONDESSA (*que ouvio*).

E' uma coisa grandiosa! Parece uma conspiração!

DOUTOR.

E' verdade; eu fui testemunha dos trabalhos do senhor Lucena. Combinou isto de fórma que, no mesmo dia e quasi na mesma hora, de todos os pontos da Europa sahirão embarcações carregadas d'operarios.

FREDERICO.

Com as suas familias, já se vê, a fim de conseguir colonisar alguns terrenos desertos, mas fertilissimos. E' um projecto monstro, de facil execução, mas para que é preciso muito dinheiro! Tanto, que a minha fortuna, sendo mais do que vulgar, não chega para desempenhar até ao fim esta especie de missão... (*sorrindo*) de lucro certo. Disse-lhe tudo, senhor Visconde: V. Ex.ª possue uma grande fortuna; desejo que me declare se definitivamente quer associar-se comigo n'esta especulação.

VISCONDE.

Com quanto deverei entrar?

FREDERICO.

Pelo menos com trezentos contos de reis.

VISCONDE (*espantado*).

Trezentos contos de reis!?

FREDERICO.

E' uma terça parte, senhor Visconde: eu entro com seiscentos.

VISCONDE.

Logo são precisos novecentos contos?!

FREDERICO.

De certo. O montar as fabricas é o menos; mas são talvez dezenove ou vinte navios afretados nos pontos mais remotos do mundo, em relação ao meu paiz. Cada navio leva, pelo menos, cem operarios, e estes, proximamente, tres ou quatro pessoas de familia.

VISCONDE.

Trezentos contos de reis... (*Depois de pensar*) Que diz, Viscondessa? (*Sorrindo*) E' sempre a minha conselheira nos negocios...

VISCONDESSA *(rindo)*.

Uma tal declaração honra bastante o meu sexo; mas, n'este negocio, Visconde, permitta-me que me cale.

VISCONDE.

Realmente é de difficil decisão; e se o senhor Lucena me permittisse uma espera...

FREDERICO.

E' impossivel, senhor Visconde. Parto depois d'amanhã para o Novo-Mexico.

VISCONDE *(estremecendo)*.

Ah!... N'esse caso... tenho os meus capitaes prêsos por tal fórma, que não me é possivel entrar immediatamente n'essa transacção. Se fosse d'aqui a mais alguns mezes...

FREDERICO.

Bem, senhor Visconde; recusa, por consequencia vou fallar-lhe com a franqueza de que sou capaz. Os seus trezentos contos de reis eram applicados não só á minha especulação, mas tambem a um fim sagrado e honroso para V. Ex.ª

VISCONDE.

Para mim?!

FREDERICO.

Sim senhor. O producto dos seus trezentos contos de reis era metade para V. Ex.ª e a outra metade para... para os seus parentes!

VISCONDE *(levantando-se rapidamente)*.

Para os meus parentes!?...

DOUTOR *(á parte)*.

Que bomba!

FREDERICO *(mostrando-lhe a poltrona)*.

Então, senhor Visconde....

VISCONDE *(sentando-se novamente)*.

V. Ex.ª disse?...

FREDERICO.

Para os seus parentes.

(A Viscondessa e a Baroneza fallam uma com a outra, mostrando-se admiradas, e o Doutor ri-se disfarçadamente).

VISCONDE *(diligenciando tomar um certo ar de segurança)*.

Parentes!? Onde descubrio V. Ex.ª parentes meus, senhor Lucena?

*

FREDERICO.

Descubri-os n'uma casa da porta da rua, vivendo na miseria e no vicio!

VISCONDE (*levantando-se*).

E' um insulto, senhor Lucena?!...

FREDERICO (*levantando-se tambem*).

A verdade nunca é insulto, senhor Visconde! Repito: encontrei sua mãe sem dinheiro para os medicamentos de que precisava; encontrei seu irmão embriagado com os ultimos cobres que V. Ex.ª lhe deu; e encontrei sua sobrinha... de quem a formosura e a mocidade, de mãos dadas com a virtude, não tardariam a travar um terrivel combate com a fome! (*Depois de pausa*) Aqui está onde encontrei sua familia, senhor Visconde!

VISCONDE (*com altivez*).

E julga-se, portanto, no direito de me atirar com essas phrases bombasticas, á maneira de reprehensão?

FREDERICO.

Julgo, sim, senhor Visconde! Julgo, porque fiz por elles o que V. Ex.ª não fez!

VISCONDESSA (*tremula, vindo ter com elles*).

Pois bem, Visconde; se o senhor Lucena praticou a generosidade de recolher essa gente, tem direito a uma... remuneração...

FREDERICO.

Não, minha senhora; tenho direito a mais do que isso; isto é, não sou eu; elles é que teem direito a metade da fortuna do senhor Visconde!

VISCONDE.

A metade da minha fortuna!?

FREDERICO.

Sim senhor!

VISCONDE.

Não posso acreditar que isto seja uma zombaria; mas tambem não percebo como... (*Com resolução*) Pois bem, visto que o sabe, senhor Lucena, não pretendo negal-o. Tenho uma familia, que... que me deshonra...

FREDERICO (*com muita ironia*).

São ladrões!?...

VISCONDE.

Não; mas são da plebe, e na minha posição...

FREDERICO.

E o que foi V. Ex.ª antes de chegar a essa posição?

VISCONDE.

Vejo que a democracia cega-o de todo, senhor Lucena! Admira conservar ainda esses principios, sendo tão rico como dizem! A igualdade...

FREDERICO (*com ironia*).

E' a minha divisa... em quanto me não atirarem com algum titulo de Visconde!

DOUTOR (*á parte*).

Calibre 68! Estou gostando d'isto!

VISCONDE.

Se não fosse a sua juventude e os seus principios *esturrados*, senhor Lucena, escandalisava-me com esses epigrammas: porém não só lh'os perdôo, mas até vou dar-lhe uma especie de satisfação, visto que, talvez por intrigas d'essa gente, me considere um mau parente. Elles disseram-lhe que recebiam uma mesada de...

FREDERICO (*com ironia*).

De doze mil reis mensaes, sim senhor.

VISCONDE.

Acha pouco? Se eu mais lhes désse, maior seriam os vicios. Além d'isto, senhor Lucena, acha de justiça que um homem, que por suas proprias mãos e honradamente adquirio fortuna, que se nobilitou, que se collocou, em fim, na posição em que me acho, parece-lhe de justiça, digo, que este homem vá malbaratar a sua fortuna com viciosos e mandriões, que pelos seus habitos o envergonham a cada instante?

FREDERICO.

Não me atrevo a expôr-lhe a minha opinião, porque receio atirar-lhe mais um epigramma; porém, a fim de evitar a vergonha que resulta para V. Ex.ª dos taes habitos da sua familia, é que lhe pedia cento e cincoenta contos de reis para os estabelecer comigo.

VISCONDE (*desabrido*).

Ora, senhor Lucena! Tenha, embora, as relações que quizer com essa gente, mas não se considere com o direito de exigir de mim semelhante quantia!

FREDERICO (*frenetico*).

Nega-m'a, não?

VISCONDE.

Se V. Ex.ª, como negociante, quer esse emprestimo, estou prompto a...

FREDERICO.

Não é isso, senhor Visconde! Não preciso do seu dinheiro! Exijo-lh'o para o dar a sua mãe e a seu irmão! Recusa?

VISCONDE.

E' d'uma insistencia!... Senhor Lucena, receba os meus cumprimentos pela sua logica, e... tenho a honra de o cumprimentar. (*Gesto de sahida á Viscondessa*).

FREDERICO.

Um instante, senhor Visconde. (*Para todos*) V. Ex.as hão-de talvez julgar-me um perfeito monomaniaco. (*Diligenciando socegar*) Dei-lhes uma scena desagradavel, é justo que lhes dê outra recreativa! Vou contar-lhes uma historia pequena... mas *muito moral!* E' a historia d'uma fortuna da época; e mais um mysterio social, que V. Ex.as verão se ainda ignoram.

VISCONDE (*á parte, aterrado*).

Sabe tudo!!... Coragem! Se sáio d'aqui é peor! (*Alto, sentando-se*) Ora ainda bem que mudou a conversação, senhor Lucena! (*Diligenciando rir*) Porque V. Ex.ª é muito espirituoso, conversando; mas quando ralha... é insupportavel!

FREDERICO (*sentando-se*).

Não faça caso, senhor Visconde; é o fogo da mocidade! Vamos fallar das bellas-artes.

VISCONDESSA (*baixo para a Baroneza*).

Estou n'um estado nervoso!... Não sei o que me adivinha o coração!

DOUTOR (*baixo para ella*).

E' o thermometro da vergonha, que vae chegando ao seu zenith! Animo, senhora Viscondessa! Todos reconhecem em V. Ex.ª a antithese do senhor Visconde.

VISCONDESSA (*cada vez mais assustada*).

Que quer dizer, Doutor?

DOUTOR.

Ouça!

FREDERICO (*que foi a uma secretária d'onde tirou papeis, que guardou na sua carteira*).

Minhas senhoras, V. Ex.as frequentam o theatro francez, e de certo já viram representar — *Os pobres de Paris?*

BARONEZA.

De certo.

VISCONDESSA (*tremula*).

Vi esse drama duas vezes.

FREDERICO.

O senhor Visconde tambem vio; não?

VISCONDE (*meio suffocado*).

Tambem.

FREDERICO.

O caracter de Villebrun é dos mais verdadeiros, que tenho visto em theatro. Tão verdadeiro, que até conheço o original d'aquelle retrato. Appareceu ha bastantes annos no Novo-Mexico um homem d'aquelles. Depois de adquirir uma fortuna soffrivel, este homem obteve as sympathias de todos os negociantes, que pouco habituados a encontrarem a intelligencia nos da sua classe, fiaram ao intruso avultadas sommas para elle negociar, e dividir com elles os lucros respectivos. As primeiras operações foram tão lucrativas, que algumas notabilidades commerciaes da terra entregaram nas mãos do tal negociante estrangeiro o duplo das sommas antecedentes. Um dia, porém, desappareceu o homem, qual outro Villebrun, e nunca mais se soube d'elle.

BARONEZA (*depois de silencio e rindo, mas contrafeita*).

Isso é mal feito, senhor Lucena. Prometteu-nos uma historia; imaginamos logo um lindo romance, e apresenta-nos um plagiato!

FREDERICO.

O romance vae agora, senhora Baroneza... se o senhor Visconde não está aborrecido d'esta narração...

VISCONDE.

Aborrecido, não; estou... admirado; não sei a que proposito venha semelhante...

FREDERICO.

Deixe-me, já agora, satisfazer estas senhoras, contando-lhes o meu romance.

DOUTOR *(á parte, olhando para o Visconde).*

Aquelle homem está á prova d'apoplexias!

FREDERICO (*para as damas*).

Depois da fuga do estrangeiro, os negociantes da terra, intimamente convencidos de que estavam roubados, procederam ao inventario das propriedades do seu collega *ausente*, e foi tudo vendido em hasta publica, para pagamento de parte do roubo. Entre os objectos vendidos, haviam alguns d'esses miseraveis, a quem Deus concedeu os privilegios de homens, mas a quem outros homens deram a propriedade de animaes!

BARONEZA.

Eram escravos?

FREDERICO.

Sim, minha senhora. Entre os objectos que se iam vender, avultava uma grande... (*sorrindo com ironia amarga*) *manada* d'esses padrões vivos da perversidade humana!

BARONEZA.

O senhor Lucena não tem escravos na sua patria?

FREDERICO.

Não, minha senhora. Ha em minha casa alguns homens e mulheres, que me servem, a quem o mundo chama meus escravos; porém tenho a felicidade de elles mesmos se chamarem — *meus amigos!*

VISCONDESSA.

Mas o romance?

FREDERICO.

Vou continual-o, minha senhora. Não se póde pintar com verdade uma scena d'escravatura, e muito menos nas circumstancias d'aquella. Os escravos d'uma propriedade rural, depois d'alguns annos, são todos parentes, ou amigos intimos. Quando chegam a ser vendidos e comprados por differentes pessoas, é um quadro de lastima, de miseria, de desgraça, emfim, de tal fórma pathetico, que não ha pincel que o desenhe, nem penna que o escreva, nem palavras que o digam! E' uma agglomeração de sentimentos tão diversos, que se o coração chorasse uma lagrima por cada um, não haveriam mais lagrimas para chorar!

DOUTOR.

Foi o que me aconteceu, quando presenciei, pela primeira vez, uma d'essas scenas! Depois de já não poder chorar, puz-me a rir de vêr como os homens d'este seculo gritam por ahi pela liberdade individual!

FREDERICO (*continuando a sua narração*).

Uma das testemunhas d'aquella venda foi o senhor Doutor Aparicio, que viajava então pelo paiz, exercendo a sua faculdade, e procurando, creio eu, plantas desconhecidas na Europa. Entre os diversos grupos d'escravos, tornava-se mais saliente um, pela immensa dôr que alli se via! Era uma joven crioula, e o seu filhinho de cinco annos d'idade! As lamentações d'aquella desgraçada, os termos de que se servia, e sobre tudo a sua elegante *toilette*, tudo isto attrahio as vistas do Doutor, que perguntando quem era aquella infeliz, soube que era a escrava predilecta do fugitivo; isto é, a sua amante, de quem tinha o filho, que ella apertava nos braços. Condoído por tão misera sorte, e com a bondade que o caracterisa, o senhor Doutor comprou o escravosinho, que pela sua pouca robustez e tenra idade, foi vendido muito barato. Todos esperavam vêl-o tambem comprar a mãe; mas o Doutor pagou na vespera a sua passagem a bordo d'um navio que o devia levar á Inglaterra, e a sua bolsa ficou exhaurida. Comtudo, o que lhe restava entregou-o nas mãos d'um honrado logista, a quem salvou da morte n'uma grave enfermidade, e disse-lhe que aquelle dinheiro era destinado á educação do escravo que acabava de comprar, a fim de que este, depois d'alguns annos, podesse ganhar o dinheiro preciso para obter a liberdade de sua mãe!

BARONEZA.

E' uma acção de que desejava ser auctora!

VISCONDESSA.

E o escravosinho?

FREDERICO.

Cresceu, fez-se homem, e, graças ao Doutor, instruio-se. (*Apertando-lhe a mão commovido*) Aquelle dinheiro parecia abençoado por Deus, e dado pelas mãos d'um santo!

DOUTOR (*fugindo com a mão e desabrido um pouco*).

Faz favor de não fallar n'isso!

FREDERICO.

O escravo instruio-se, fez-se homem, ganhou muito dinheiro, e teve o prazer de abraçar sua mãe, que morreu no dia seguinte áquelle em que foi comprada por seu filho! A desgraçada mulher já não estava habituada aos trabalhos grosseiros das escravas!... Parecia que esperava pela liberdade para morrer!...

VISCONDESSA (*com os olhos cravados no Visconde machinalmente*).

E' uma historia bem triste! Não acha, Visconde?

VISCONDE (*que tem estado sempre sombrio e tremulo*).

Acho.

FREDERICO.

Ainda não acabou. O escravo tornou-se um negociante honrado e felicissimo. Por toda a parte lhe consagravam o maior respeito e estima; porém os invejosos atiravam-lhe constantemente com o epitheto de — *filho d'um ladrão!* —Aquelle genio independente e probo não podia viver assim, rodeado pelas victimas de seu pae. Juntou dinheiro e pagou-lhes!

VISCONDE (*levantando-se arrebatadamente, e á parte*).

Estou desgraçado!!!...

DOUTOR.

Sentê algum incómmodo, senhor Visconde?

VISCONDE (*com voz abafada*).

Senhor Frederico de Lucena, o senhor é... é esse escravo?!...

FREDERICO (*levantando-se arrebatadamente*).

Eu!!?... (*Moderando-se*) Não, senhor Visconde! Esse escravo morreu, deixando-me seu herdeiro! (*Tirando da carteira os papeis que antes fôra buscar á secretária*) V. Ex.ª saber-me-ha dizer onde poderei encontrar o individuo assignado n'estes recibos?! (*Apresentando-lh'os*).

VISCONDE (*á parte aterrado*).

Os meus recibos!!... (*Cae desfallecido n'uma cadeira*).

VISCONDESSA (*correndo para ellè*).

Que significa isto, Visconde?!

VISCONDE (*com voz abafada*).

Significa... que estamos desgraçados!!... O homem que fugio... fui eu!!...

VISCONDESSA (*recuando espantada*).

Casada com um... Ah!!

DOUTOR (*baixo para ella*).

E' o resultado dos casamentos de conveniencias, senhora Viscondessa!

VISCONDESSA.

Deus perdôe a meu pae, como eu perdôo áquelle homem! (*Para Frederico*) Senhor Lucena, vejo que a fortuna do Visconde está em poder de V. Ex.ª; peço-lhe que me reserve, ao menos, os meios de me sustentar n'um recolhimento!

VISCONDE (*levantando-se aterrado*).

Quer deixar-me, Julia!!?

VISCONDESSA.

Quero! (*Com força*) E' melhor que chegue a odial-o?! Não se contenta com o desprêso?!

VISCONDE (*apertando a cabeça entre as mãos*).

Ella!!... A unica pessoa que amava no mundo!!

BARONEZA (*baixo para Frederico*).

Peço-lhe que perdôe a... a seu pae, senhor Lucena!?

FREDERICO (*que tem estado de braços cruzados, com os olhos fitos no Visconde*).

Não tenho pae, senhora Baroneza; só tive mãe... e jurei vingal-a! (*Alto para o Visconde*) Senhor Visconde, quererá pagar as dividas do senhor Justinianno da Silva?

VISCONDE (*sempre com voz abafada*).

Quero: porém a minha fortuna ficou reduzida a metade com a quebra fraudulenta da casa Smith, de Londres; no entanto, d'aqui a algumas semanas... pagarei tudo!

FREDERICO (*indo á secretária e tirando uma lettra de cambio onde escreve algumas palavras*).

Seja.

BARONEZA (*baixo para o Doutor*).

Veja se lhe pede por elle!

DOUTOR (*baixo*).

Deixe-os lá. A voz da natureza ha-de fazer calar a voz do resentimento!

BARONEZA.

Deus o ouça!

FREDERICO *(apresentando seccamente a lettra ao Visconde).*

Assigne: a trinta dias, duzentos e vinte e dois contos, setecentos e oitenta mil reis: é o total dos recibos.

VISCONDE *(á parte).*

A miseria!!... a miseria!!... Nem vendendo até a mobilia posso realisar semelhante somma!!... *(Assigna a lettra, e entrega-a a Frederico).*

FREDERICO.

Aqui estão os seus recibos. *(Entrega-lh'os)* Despedace essa deshonra!...

DOUTOR *(á parte, vendo o Visconde rasgar os recibos).*

Aquelle mata a deshonra para dar vida á miseria! Coisas do mundo!

FREDERICO.

Agora, para que não julguem que foi a ambição quem me levou a desmascarar o senhor Visconde, permittam-me que dê o devido destino a esta lettra. *(Corre um dos reposteiros do fundo)* Façam favor d'entrar.

SCENA X.

OS MESMOS, MARIA, VICENCIA, MANOEL FORTUNATO E JOSÉ.

VISCONDE *(recuando aterrado).*

Minha mãe!!... meu irmão!!... E' o cumulo da vergonha!!...

FREDERICO *(para Vicencia).*

Minha senhora, d'hoje a um mez será rica. A mãe é herdeira natural do filho; e o senhor Visconde de S. Silvestre, civilmente... morreu! *(Entrega-lhe a lettra).*

VICENCIA *(depois d'olhar profundamente o Visconde, que está como louco a um canto da sala).*

A riqueza á custa da felicidade d'aquelle homem... era preciso que elle não fosse meu filho! *(Despedaça a lettra com força e rapidez).*

VISCONDE *(dando um grito).*

Ah!!!... Que fez, minha mãe!!?

VICENCIA.

Dei-te a vida, dou-te a felicidade! Se foste criminoso... todos te despresam... todos são felizes, e tu... (*Muito commovida*) Pois bem... Sirva a velha para alguma coisa! Não viverás só no mundo! Eu fico comtigo, meu filho!...

VISCONDE (*lançando-se-lhe nos braços*).

O' minha mãe!!... minha mãe!!... (*Manoel Fortunato commovido abraça tambem o Visconde, formando todos tres um grupo distincto).*

DOUTOR (*aproveitando a commoção de Frederico, pega-lhe na mão e leva-o junto do Visconde).*

A vergonha foi a expiação do crime; a recompensa da expiação foi a felicidade, que eu já esperava!... Agora, purificado por esse abraço maternal... deite a benção a seu filho, senhor Visconde! (*Frederico ajoelha aos pés do Visconde, e beija-lhe a mão arrebatadamente. O Visconde cáe-lhe nos braços, quasi sem sentidos).*

FIM.

PORTO — NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Praça de Santa Thereza, n. 28 a 30.

APR 7 1934

Vende-se por 400 reis

No Porto em casa de Cruz Coutinho, aonde se encontram á venda os seguintes Dramas:

Espinhos e Flores, drama — 2.ª edição, por Camillo Castello Branco. 300

Purgatorio e Paraizo, drama em 3 actos, pelo mesmo auctor. 300

Obras dramaticas de Antonio Maria de Sousa Lobo, contendo:

O Emparedado, drama em 3 actos 300

A Cigana, drama em 3 actos. 200

A Moura, drama em 3 actos 200

Os tres dramas reunidos 500

Miguel Morando, drama original em 4 actos, por João Martins d'Almeida. 160

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, por E. Biester 480

Stambul, comedia original, por Aristides Abranches 300

Dois Mundos, comedia original em 3 actos, por Cezar de Lacerda 400

Cynismo, Scepticismo e Crença, comedia-drama, pelo mesmo auctor 300

O que é o mundo! comedia-drama em 2 actos, por Francisco J. da Costa Braga 200

A Torre do Corvo, drama em 4 actos, por Ignacio Maria Feijóo. 400

O Hermitão da Cabana, drama em 3 actos, por Soares Franco Junior 240

Pelaio ou a Vingança d'uma Affronta, drama em 4 actos, por Moutinho de Souza. 300

Amor e Honra, drama, pelo mesmo auctor 300

Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, por Antonio de Serpa. 320

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Dec. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 331 748 4